



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES III
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLAUDIO RENAN GADELHA ROCHA

**ENTRE CANGACEIROS E LOBISOMENS: A PRODUÇÃO DE MEDO EM
ABORDAGENS DE ASSALTO COM DOMÍNIO DE CIDADES**

FORTALEZA

2024

CLAUDIO RENAN GADELHA ROCHA

ENTRE CANGACEIROS E LOBISOMENS: A PRODUÇÃO DE MEDO EM
ABORDAGENS DE ASSALTO COM DOMÍNIO DE CIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da violência e das emoções.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jania Perla Diógenes de Aquino.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R572e Rocha, Claudio Renan Gadelha.
Entre cangaceiros e lobisomens : A produção de medo em abordagens de assalto com domínio de cidades / Claudio Renan Gadelha Rocha. – 2024.
122 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino.
1. Medo. 2. Roubo. 3. Cidade.

CDD 301

CLAUDIO RENAN GADELHA ROCHA

ENTRE CANGACEIROS E LOBISOMENS: A PRODUÇÃO DE MEDO EM
ABORDAGENS DE ASSALTO COM DOMÍNIO DE CIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da violência e das emoções.

Aprovada em: 27/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jania Perla Diógenes de Aquino (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Cesar Barreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa
Universidade de Vila Velha (UVV)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Renato e Verônica, por sempre me ensinarem sobre tenacidade frente à vida, por terem me incentivado o amor pelos livros, e pelo apoio constante.

À Prof^a. Dr^a. Jania Perla Diógenes de Aquino, pela orientação admirável, durante a graduação e mestrado, pelo seu trabalho científico, que foi basilar para esta pesquisa, e por ser uma docente fantástica.

Aos professores participantes da banca examinadora, César Barreira e Diogo Silva Corrêa, pelas contribuições valiosas, sem as quais esta investigação não seria a mesma.

Aos entrevistados, por compartilharem suas histórias, orientações e informações.

Aos colegas da turma de mestrado, Joana, Lucas e Lívio, pelos momentos felizes que dividimos na Universidade.

Às pessoas que o amor me presenteou, Eris, Gabriel, Giovanna, Larisse e Vinícius.

A Jhuni, amigo amado, por ter sido como um irmão mais velho.

À Cecília, por estar ao meu lado sempre que escrevo.

À CNPq, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

“Não importa que o terror seja ilógico,
desde que terror seja” (Dickens, 2012, p.48).

RESUMO

Através da perspectiva de vítimas das abordagens de assalto a instituições financeiras com domínio de cidades que aconteceram em Aracati (CE), Araçatuba (SP) e Guarapuava (PR), os esforços desta pesquisa buscam as consequências desses acontecimentos nas cidades e na vida das pessoas que foram direta ou indiretamente vitimadas por estes. A princípio, foi feita uma revisão literária sobre a produção de medo na História e na Literatura a fim de compreender o que a investigação sociológica pode revelar acerca desta emoção. A pesquisa desenvolveu-se através de interlocuções com as testemunhas dos crimes acerca de suas impressões sobre a sensação de segurança na cidade e a atuação da polícia ante os assaltos. Em seguida, foram analisados episódios de programas de infoentretenimento que são famosos na televisão brasileira e comentários de canais e figuras relevantes virtualmente com o objetivo de investigar a forma como as informações acerca destes crimes são compartilhadas. A investigação chama de licantropia o processo fomentado pela mídia que altera as dimensões reais dos assaltantes através da criação de narrativas que distorcem a origem e motivação destes. O trabalho defende que a ausência de um processo que encerre o ciclo de produção e reprodução do medo pode causar danos sociais, uma vez que este, ao ser instigado e manipulado por diversos agentes sociais, pode ser proliferado ou intensificado de forma indefinida por dentro das cidades.

Palavras-chave: 1. Medo 2. Roubo 3. Cidade.

ABSTRACT

Through the perspective of victims of the assaults on financial institutions with domains in cities that took place in Aracati (CE), Araçatuba (SP) and Guarapuava (PR), the efforts of this research seek the consequences of these events in cities and in people's lives who were directly or indirectly victimized by them. Initially, a literary review was carried out on the production of fear in History and Literature to understand what a sociological investigation can reveal about this emotion. The research was developed through conversations with witnesses of the crimes about their feelings of security in the city and the actions of the police before the robberies. Then, episodes of infotainment programs that are famous on Brazilian television and comments from channels and relevant figures were reported virtually with the aim of investigating the way in which information about these crimes is shared. The investigation calls lycanthropy the process encouraged by the media that alters the real dimensions of robbers through the creation of narratives that distort their origin and motivation. The work argues that the absence of a process that ends the cycle of production and reproduction of fear can cause social damage, since this scenario, when instigated and manipulated by different social agents, can be proliferated or intensified in an indefinite way within the cities.

Keywords: 1. Fear 2. Robbery 3. City.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Agência bancária destruída.....	27
Figura 2 – As palmeiras.....	31
Figura 3 – Foto editada da agência bancária de Aracati.....	37
Figura 4 – Reféns.....	45
Figura 5 – BOPE na Operação Angico.....	51
Figura 6 – Caminhão em chamas.....	54
Figura 7 – Carros abandonados.....	55
Figura 8 – Viatura com marcas de disparos.....	69
Figura 9 – Imagens da câmera.....	70
Figura 10 – Apresentador do Cidade Alerta usando chapéu de cangaceiro.....	85
Figura 11 – Refém em cima do carro.....	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	SOBRE A REPRODUÇÃO DE MEDO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA.....	10
3	A EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO EM ABORDAGENS DE ASSALTO COM DOMÍNIO DE CIDADES	23
3.1	O que resta nas cidades, o medo.....	26
3.2	Sons da natureza em um desastre artificial.....	30
3.3	A internet como um refúgio perigoso.....	35
3.4	Uma forma de compreender a atmosfera cinematográfica sentida pelas vítimas	38
4	AS INSTITUIÇÕES DE SEGURANÇA COMO ESPAÇOS DE REPRODUÇÃO DO MEDO.....	49
4.1	Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial em Guarapuava.....	53
4.2	Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial em Aracati.....	61
4.3	Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial em Araçatuba....	71
4.4	As repercussões do crime de domínio de cidades no campo jurídico.....	76
5	LICANTROPIA: O MEDO IMAGINÁRIO-INSENSATO NO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NAS CIDADES.....	78
5.1	A transmutação de <i>frames</i> através do medo intuitivo-imaginário.....	82
5.2	O novo cangaço, o cangaço digital e o cangaço terrorista.....	86
5.3	O caráter do licantropo.....	97
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A - LISTA DE ENTREVISTADOS.....	122

1 INTRODUÇÃO

Até 1979, Valdetário Benevides Carneiro era um mecânico conhecido por ser proprietário de uma oficina em Caraúbas, Rio Grande do Norte. Sua família também carregava uma popularidade particular, eram conhecidos por seu envolvimento em diversos crimes. Aos 20 anos, Valdetário é preso após ser acusado de roubar um carro, crime que negou ter realizado alegando que apenas foi associado ao delito por ser parte de sua família.

Após quatro anos preso, Valdetário vinga-se de seu acusador matando-o logo após a reconquista de sua liberdade. Valdetário torna-se procurado pela polícia e, uma vez imerso na clandestinidade, torna-se também conhecido por realizar assaltos a bancos. Os seus métodos de combate se diferenciam dos assaltos comuns e o torna conhecido nacionalmente como precursor do chamado “novo cangaço”.

A família Carneiro do Rio Grande do Norte foi notória em todo o Nordeste por travar guerras com outras famílias e realizar assassinatos por vingança. Em seus estudos, Lopes Jr. (2006) tece uma análise do desenvolvimento e da construção histórica dessa família, como ela se tornou uma espécie de clã mitológico a partir dos assaltos a bancos, o “Bando dos Carneiros”, e da sua repercussão midiática. Eram conhecidos por sua valentia e por seus métodos de ataque violentos e repentinos.

A lembrança familiar dos Carneiros servia mais como um distintivo para amedrontar, um símbolo que anuncia a união mesmo que suas quadrilhas não se constituíssem necessariamente de membros da família. É como se tais clãs familiares com um histórico de assassinatos e “valentia” adicionam um impacto extra às performances de violência ostensiva dos agrupamentos de assaltantes que carregam seu nome (Lopes Jr., 2006).

Desde a década de 80, o encontro entre assaltantes locais e criminosos de todo o país em prisões de segurança máxima no Nordeste possibilita o intercâmbio de conhecimentos estratégicos e de financiamento entre os mais diversos agentes do crime. Assim, um modelo cheio de vantagens táticas e que se torna tão comentado devido suas técnicas chocantes em meados dos anos 90, é reproduzido por outros clãs e grupos de todo o país até hoje, inclusive em assaltos arquitetados pelo Primeiro Comando da Capital. (Aquino, 2019) Há vestígios que indicam que o termo “novo cangaço” é utilizado nas delegacias a partir dos anos 2000 (Aquino, 2020).

Segundo o jornal Cidade Verde,

A Polícia Federal desarticulou nesta quarta-feira (30) uma quadrilha acusada de vários assaltos praticados nos Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí. Segundo o delegado titular da Polícia Federal em Juazeiro/BA, Alexandre Lucena, coordenador da operação Novo Cangaço, os homens são suspeitos de terem praticado o assalto à agência dos Correios de Dom Inocêncio (PI), distante 615 Km de Teresina, dia 4 de maio. No assalto, os acusados teriam levado a quantia aproximada de R\$ 30 mil. A quadrilha era formada por integrantes da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) de São Paulo, Pernambuco, Paraíba e Sergipe. Nenhuma prisão foi realizada no Piauí. Dos 21 mandados de prisão, 15 foram cumpridos, assim como os nove mandados de busca que geraram a Operação Novo Cangaço. O chefe da quadrilha em Pernambuco e outros dois integrantes conseguiram fugir. Os presos vão responder por tentativa de roubo, roubo e formação de quadrilha (Carvalho, 2010).

Embora que durante as investigações a operação policial tenha sido nomeada “Operação Novo Cangaço” a manchete do jornal local não destaca qualquer associação entre o grupo de criminosos e o nome dado à operação policial. Apenas em 2011, quando há a ocorrência de dois assaltos com abordagens semelhantes em Mato Grosso, que o termo “novo cangaço” aparece em destaque na manchete de um periódico do estado:

Segundo o jornal G1,

Seis assaltantes armados com fuzis e metralhadoras roubaram no final da manhã desta sexta-feira (11) uma agência bancária no município de Santo Antônio do Leste, a 379 km de Cuiabá. Este foi o segundo assalto a banco registrado em menos de 24h no interior de Mato Grosso. As duas ações foram semelhantes e se enquadram na modalidade criminosa conhecida como “Novo Cangaço”, que consiste em aterrorizar pequenas cidades usando, inclusive, clientes como escudo humano. Segundo Pimentel, os criminosos, que estavam encapuzados, usaram os funcionários e alguns clientes da agência como escudo. Eles atiraram contra os vidros da agência, colocaram as pessoas com as mãos para cima em frente à agência bancária e efetuaram vários disparos para intimidar o efetivo policial da região. Após conseguir pegar o dinheiro dos caixas eletrônicos da agência, os criminosos queimaram um veículo em frente ao banco e fugiram em uma caminhonete roubada levando três reféns (Vital, 2011).

Os registros jornalísticos demonstram que, o que as instituições oficiais de segurança chamaram de “novo cangaço” consistia em uma modalidade de assalto que tinha como um de seus elementos fundamentais o alto poder bélico dos assaltantes e as estratégias de intimidação de civis e da força policial através de atos de violência, como a captura de reféns e a explosão de carros e caixas eletrônicos, por exemplo. A ocorrência de dois assaltos tão próximos e com tal abordagem fez com que uma ideia de repetição e, portanto, de continuidade do evento surgisse, uma vez que foram operados por uma mesma quadrilha.

A estridência desses assaltos é muitas vezes interpretada como investidas rudimentares baseadas em rompantes emotivos ou ações impulsivas, mas os assaltos envolvem um processo de planejamento e pesquisa em que cada um dos participantes desempenha diferentes funções, como “soldados”, “arrombadores”, “motoristas”, “explosivistas”, entre outras funções. O emprego de violência ostensiva contra as “vítimas” e alvos são vivenciados também como performance, uma vez que os assaltantes de grandes roubos interpretam a si mesmos como empresários do crime e incorporam, durante seu trabalho, as atitudes que sua profissão demanda (Aquino, 2010a, 2020; Rodrigues, 2018).

O levantamento de material jornalístico de sites de notícias da web, matérias de telejornais e dados oficiais foram os primeiros passos importantes. Desde o início, a pesquisa objetivou compreender o chamado “novo cangaço” como um fenômeno nacional. As abordagens de assalto analisadas aconteceram em três cidades de três regiões diferentes do Brasil: Aracati(CE), no Nordeste, Guarapuava(PR), no Sul, e Araçatuba(SP), no Sudeste. A princípio, foram feitas entrevistas virtuais com seis pessoas, três de Araçatuba e três de Guarapuava.

A partir dos primeiros contatos e sondagens com os interlocutores, uma expansão do alcance visual e experimental da pesquisa foi necessária e explorada através do trabalho de campo presencial. Além de coletar experiências e conhecimentos locais que pudessem revelar as possíveis transformações dos costumes e das percepções que os cidadãos têm de sua cidade após a experiência de vitimização, a proximidade cultural da memória do cangaço clássico pôde fornecer um bom ângulo para discutir e questionar o termo “novo cangaço” que vem sendo utilizado para nomear o fenômeno aqui abordado pela imprensa nacional. Durante o trabalho de campo em Aracati, dez entrevistas foram gravadas presencialmente.

A pesquisa investiga a produção de medo nas vítimas operada pelos assaltantes destes grandes roubos. As testemunhas desses assaltos vivenciam ambas dimensões dessa emoção, como agentes de produção - no momento em que vivenciam a vitimização - e como agentes de reprodução - quando as histórias sobre o dia são compartilhadas socialmente - desse processo. É um objetivo desta pesquisa, então, contribuir para o conhecimento até hoje adquirido acerca do que é essa emoção humana já muito estudada pela Psicologia, Sociologia, Literatura e História, o medo - através de uma análise que privilegie a perspectiva das vítimas.

Não é novidade dentro dos conhecimentos sociais a qualidade fundamental que as emoções têm no processo histórico social humano. Os estudos sobre a vergonha, ou o “embaraço”, como um exemplo, configuram parte importante do arcabouço teórico das Ciências Sociais e suas contribuições atestam a produtividade do estudo das relações

significativas entre a experiência psíquica e sensorial - de uma emoção - que sentimos enquanto seres sociais - e sensoriais - e a racionalização, que dá início à ação (Scheff, 2002).

Assim, o primeiro capítulo *Sobre a Produção de medo na História e na Literatura* compreende que o medo intuitivo-imaginário é capaz de criar tantas outras emoções, assim como lendas, mitos e regras sociais. É necessário entender a potencialidade múltipla da existência do medo pois a pesquisa pretende compreender diferentes dimensões de sua existência. Este capítulo pretende explorar a existência desse fenômeno em outros períodos históricos e agentes sociais a partir da compreensão, em Barreira (2013), sobre a propriedade de difusão do medo e sobre a insegurança social.

Enquanto ser de refinadas habilidades sociais, *um* pode apenas tornar-se permeável - permitir-se ser definitivamente social - através da captação e interpretação de sentidos físicos e reais que, por conta da posição do indivíduo em um terreno de sociabilidades estabelecidas, são também gatilhos sensoriais inevitáveis que pedem por respostas tanto consciente quanto inconscientemente. Ou seja, como não existir descobertas sociológicas em um campo de investigação sobre os mecanismos que o corpo humano utiliza para conectar-se e reagir socialmente com os indivíduos e contextos ao seu redor?

O capítulo introduz ao leitor a categoria “produção de medo” utilizada em Viodres-Inoue & Paes-Machado (2015) para se referir às estratégias que os assaltantes utilizam para reproduzir um medo paralisante. O capítulo refere-se a outras formas de medo, como aquelas encontradas na Arte. Nas histórias de terror contadas nos primórdios do cinema, os temas iam de encontro ao que é tradicional e criavam uma outra realidade na tela, proporcionando a identificação do público de diversas regiões. O medo - e os sustos, um sentimento universal, era muito mais fácil de ser traduzido e exigia poucas mudanças para que funcionasse em diferentes platéias. A violência prova-se como parte de uma linguagem universal, uma vez que seu início e fim estão próximos do medo (Melo, 2011).

As semelhanças entre os assaltantes e esses artistas está na elaboração de elementos que podem funcionar como instigadores de um medo que, embora seja um sentimento ímpar de cada testemunha de suas táticas, as suas condições são construídas socialmente e portanto podem ser manipuladas. Sobre o que são essas condições, utilizo a concepção de objeto instigador utilizada por Megargee-Hokanson (1976) a fim de utilizar um conceito mais abrangente que o de estímulo, que se refere apenas à energia (fisicamente definida) exercida sobre um órgão dos sentidos. O objeto “instigador” se refere a qualquer condição antecedente, observada ou inferida, a partir da qual se pode prever o “perigo” - sentir medo, seja quando

essa condição for um estímulo, uma imagem verbalmente descrita, uma idéia ou um motivo (Megaree-Hokanson, 1976).

Será considerada a “resposta de objetivo”, parte dos conceitos fundamentais no estudo do fenômeno da agressão do autor, que aparece no trabalho de Mira y López (2021) como expressão do sentimento de Dever, uma das consequência do sentimento de Ira, que por sua vez é originado pelo Medo. O “Dever” é o desejo de reparo de danos, sejam estes morais, físicos ou emocionais, a fim de que se reduza a força da instigação a um grau em que já não tenha muita influência ao induzir a aprendizagem dos atos que o precedem (Megaree-Hokanson, 1976).

O capítulo *A experiência de vitimização em abordagens de assalto com domínio de cidades* trata dos momentos imediatos de interação social mediante o confinamento dos moradores a fim de melhor compreender o papel que a vítima desempenha durante a abordagem, mesmo que seu contato com os assaltantes não se dê imediatamente, ainda, nos grandes assaltos, a vítima é estimulada mesmo que à distância. São desses momentos que surgem os possíveis traumas adquiridos das experiências de sítio das testemunhas e da perda total de controle sobre si mesmo sentida pelos reféns - e como essas experiências podem reverberar, no sujeito, de forma a interferir na sua sensação de segurança acerca do crime na cidade, na sua forma de viver nela e de interpretar como insatisfatório o poder estatal de segurança pública.

Esse capítulo propõe-se a tratar as diferentes formas de conduta adotadas a partir dos diferentes saberes dos sujeitos e como as consequências desse acontecimento nas cidades e na vida das pessoas podem ser interpretadas de formas diferentes a depender de cada experiência. Este cenário transforma diferentes indivíduos em diferentes lugares de uma mesma cidade em vítimas, mas assim como nos cinemas, as pessoas se comportam em suas cadeiras de formas diferentes, têm reações distintas a cada cena do filme e são também únicas cada experiência que levam consigo após o término das abordagens.

O momento em que o medo é instaurado de forma a alterar a percepção do sujeito sobre a cidade e sobre a segurança de sua vida será melhor explorado em *Uma forma de compreender a atmosfera cinematográfica enxergada pelas vítimas*, capítulo em que as considerações de Aquino (2009; 2010) sobre o efeito liminar em Turner (1974) serão valiosas. Aqui se propõe que esse efeito é também sentido pelas vítimas do crime através do sentir de uma atmosfera cinematográfica em que “tudo pode acontecer”.

Certamente, o contato que a pesquisa necessita com seus interlocutores, as vítimas e testemunhas, demanda cuidados específicos uma vez que se trata de uma experiência

possivelmente traumática e que, por vezes, altera a trajetória de vida do sujeito que a experiencia. As interlocuções foram guiadas por diálogos cuidadosos e a escuta teve de ser sensível e curiosa. A identidade dos interlocutores não deve ser exposta. Por esse motivo são importantes os códigos de ética da Associação Brasileira de Antropologia e da Sociedade Brasileira de Sociologia que exigem a preservação da identidade dos sujeitos. A Apêndice A refere-se à lista de entrevistados, destacando a cidade onde moram.

O posicionamento do pesquisador deve ser de transparência com seus sujeitos e de respeito para com a relação observador-observado, entendendo que, por se tratar de uma memória desagradável, nem todos estarão dispostos a ser interlocutores e nem todas as informações do interlocutor serão acessíveis para o pesquisador. Esta pesquisa não tem intenção de denúncia dos sujeitos que constituem o fenômeno observado, assim como não existem quaisquer apologias ou reforços para com os agentes dos crimes.

O capítulo *As instituições de segurança como espaços de reprodução do medo* busca captar esse fenômeno através da avaliação das pessoas que presenciaram e/ou foram vítimas direta ou indiretamente dos assaltos do chamado “novo cangaço” sobre a atuação da polícia nos casos de assalto em Aracati, Araçatuba e Guarapuava. Os sujeitos *respondem* ao evento e isso pode repercutir um aumento da sensação de insegurança - que reverbera nos sujeitos através da adoção, por parte das vítimas, de novos hábitos de precaução desenvolvidos a partir do momento de estresse psicológico experienciado nas abordagens. Por isso, a forma como estes avaliam a ação policial se mostrará relevante.

A ausência de um processo que encerre o ciclo de produção e reprodução do medo pode causar danos sociais, uma vez que este, ao ter sido instigado intensamente, prolifera-se de forma indefinida. As vítimas e testemunhas de casos de expressão de perigo que são instigadas em um processo de alta “eficácia simbólica” sentem o “Dever” de encerrar esse processo e caso haja uma interferência na ocorrência de uma resposta, há o que denomina-se como “frustração”, consequência de uma fraca ou ausente resposta de objetivo que é inevitavelmente, seja em uma dimensão física ou emocional, simbólica (Megaree-Hokanson, 1976; Lévi-Strauss, 1985; Aquino, 2020; Mira y López, 2021).

Sobre o sentimento de insegurança, assume-se que pode ser compreendido através da utilização da categoria “violência difusa” utilizada por Barreira (2013). O movimento difuso identificado pelo autor é característico em um dos produtos da violência urbana, a sensação de insegurança, que pode também ser interpretada como “difusos medos sociais” (Barreira, 2015). O “difuso”, em Barreira (2013; 2015), significa “o incontrolável e o imponderável” (Barreira, 2015). A relação vítima e agressor tem como elemento modular o medo e

possibilita reações irracionais e inesperadas. Ou seja, o desconhecido, característica fundamental do medo imaginário-insensato, aquele que pode ser manipulado,¹ aparece como evidência de que tipo de medo que se trata neste debate é o medo Absurdo - ou, imaginário-insensato (Mira y López, 2021; Barreira, 2015).

A exposição das interlocuções objetiva não apenas o impacto primário do medo Orgânico, mas também as diferentes dimensões de medo experienciados durante e após a vitimização. Em Mira y López (2021), o “Medo Absurdo” não necessariamente representa uma ameaça, este algo ameaçador só é assustador porque foi socialmente interpretado dessa forma. Esse medo surge a partir da experiência do indivíduo com o medo Orgânico dentro da sociedade e essa relação será melhor destrinchada posteriormente (Mira y López, 2021).

Assim, o estudo se propõe a dimensionar a efetividade dos métodos de produção e manipulação do medo operacionalizados durante as abordagens do “novo cangaço”. No entanto, não apenas os assaltantes, mas a mídia também pode ser um agente que manipula e reproduz esse medo causado na população. A mídia tem um grande papel na construção de uma história do crime que as pessoas tomam como real. O capítulo que dá nome a este fenômeno, que transforma seres humanos em lendas urbanas, *Licantropia: o medo imaginário-insensato no sentimento de insegurança nas cidades*, busca dimensionar o quão comprometidas com a realidade são as narrativas midiáticas que produzem e reproduzem os personagens do “novo cangaço” - e conhecer o produto destas possíveis distorções.

As táticas que os assaltantes de instituições financeiras se utilizam para travar esse confronto são analisadas a partir da administração e das disposições dos assaltantes em Aquino (2009; 2010a; 2010b; 2015; 2017; 2018; 2020), Oliveira (2007), Paes Machado & Nascimento (2006; 2011) e Corrêa (2020)² e servirão como base para entender de onde vem a ameaça sentida pelas vítimas. Como o caráter dos assaltantes do “novo cangaço” está mais próximo dos grandes assaltantes de instituições financeiras do que dos cangaceiros tradicionais, como já foi identificado por Aquino (2020), todos esses trabalhos poderão contribuir como fundamento.

¹ Essa maleabilidade do medo também é coerente com o movimento difuso da violência em Barreira (2013), uma vez que esta surge a partir dos sentimentos de Medo, Ira e Dever em Mira y López (2021).

² Em Corrêa (2020), o comportamento dos assaltantes é explicado através da ideia de "adoção do papel ou da atitude do outro" através da empatia tática. Os assaltantes realizam uma análise da vítima e levam em consideração a forma como as características afetam a reação da vítima a um assalto. Os assaltantes, então, escolhem alvos e agem durante o assalto baseando-se no que acreditam ser capaz de quebrar a resistência da vítima.

A produção de medo³ dos assaltantes (Viodres-Inoue, Paes-Machado, 2015) tem como produto o poder de paralisação das vítimas e este é conquistado através de um empreendimento de grandes proporções que pode trazer uma recompensa financeira adequada. Assim, não há motivações políticas em suas ações e é um equívoco tratá-lo como um ato terrorista. Por ora, temos como exemplo da forma como a imprensa virtual debate sobre essa modalidade de assalto.

Segundo o jornal Folha de Boa Vista,

A mesma diligência, paciência e planejamento empregados pelo Hamas ao se lançar nessa empreitada terrorista caracterizam o método seguido por criminosos brasileiros, sobretudo nas modalidades criminosas análogas ao terrorismo conhecidas como ‘Domínio de Cidades’ e ‘Novo Cangaço’. Essas variantes criminais vêm ganhando destaque no cenário criminal brasileiro, e adquirindo contornos de um terrorismo doméstico preocupante, conforme já mencionado em ensaio anterior (Castro, 2023).

Assaltos operados a partir desta modalidade de crimes são frequentemente veiculadas como atos de terrorismo, elas são, no entanto, um método de assalto que se popularizou entre os assaltantes que empreendem grandes roubos a instituições financeiras. É um *modus operandi* que pode e é praticado por diferentes grupos de assaltos que foram formados a partir de contextos específicos diferentes. Cabe a este trabalho analisar a narrativa reproduzida nos programas jornalísticos de televisão, na internet, na imprensa e entre as testemunhas imediatas do crime a fim de entender como esse evento tão significativo é interpretado pela sociedade que o comporta.

Será utilizado como base teórica as categorias de Goffman (1986) para tratar dos ângulos de enquadramento pelos quais os telejornais desejam que os espectadores assistam às

³ A produção de medo em Viodres-Inoue & Paes-Machado (2015) é uma estratégia utilizada pelos assaltantes para influenciar a percepção de medo das vítimas e promover a escolha racional das mesmas. Esse é um processo de manipulação do medo que instiga essa emoção através da reprodução de estímulos de poder e ameaça contra as vítimas a fim de paralisar suas ações e torná-las suscetíveis ao seu domínio. A “manipulação do medo” empregada por Jacobs (2013) é um outro conceito que pode contribuir para a explicação dos assaltos aqui analisados como a administração da fabricação de um produto, o medo, que pode ser tomada como a atividade essencial desse trabalho, ao colocar essa ação tática como o projeto base da ação profissional dos “novos cangaceiros”. O produto seria, então, o medo, e não o lucro milionário. O dinheiro vem a partir de uma troca que os assaltantes realizam. Nesta economia, os empresários do crime formam um monopólio efêmero. Durante as horas de assalto, fabricam uma quantidade exorbitante de medo através de estímulos sensoriais o suficiente que paralise uma cidade inteira que, em troca do resguardo de suas vidas se rendem em partes - uma vez que a atuação da polícia mesmo quando não párea, existe - e deixa à disposição os seus bens. No entanto, o medo efêmero não é o único produto. Há ainda os resíduos dessa negociação forçada, os destroços físicos e emocionais.

suas histórias. O autor constrói não apenas um complexo esquema de compreensão da forma como o indivíduo enquadra o mundo ao seu redor, como também uma forma de categorizar as mais diferentes estratégias cujos agentes sociais utilizam-se para deturpar a realidade que se apresenta para outrem. Considerando que em sua teoria a realidade se apresenta ao sujeito em uma série de películas entrecruzadas, o presente trabalho decide por analisar uma destas.

A investigação presente trata de diferentes momentos em que o “novo cangaço” é interpretado através de um enquadramento em que os sujeitos não conseguem enxergar as cores reais do objeto, ou seja, são deformações do real vendidas como a própria realidade. Assim, trato da licantropia como o processo social que transforma a constituição real do crime, costurando na pele dos criminosos uma fantasia que não lhes cabe e que - por ter sido feita para lhe tornar mais interessante através do medo Absurdo - tornam-os mais assustadores. Essa categoria se baseia nos estudos sobre enquadramentos de Goffman (1986) que abre novas possibilidades aos estudos acerca dos seus efeitos.

Será avaliado como a imprensa narra esses assaltos e em que medida suas narrativas aderem à população. A forma como as testemunhas interpretam a gênese desse fenômeno e significam a sua ocorrência será utilizada como um dos parâmetros para medir o quão efetivas são as suposições feitas pela imprensa acerca da existência de uma tendência entre o mundo do crime chamada de “novo cangaço” e para compreender como se dá a formulação das representações sociais do personagem “novo cangaceiro”. Assim, abre-se espaço para questionar a validade do termo “novo cangaço” e suas distâncias e proximidades com os grupos de cangaceiros atuantes no início do Nordeste do século XX.

Estes esforços se mostram relevantes em sua contribuição para o arcabouço de pesquisas que tratam de fenômenos relacionados à violência e à criminalidade, especificamente para o campo de estudos da vitimização, que é bastante povoado pela Psicologia e Psiquiatria. No Brasil, Eduardo Paes-Machado e seus orientandos produziram trabalhos valiosos que dão foco à experiência das testemunhas e vítimas de assaltos e outras abordagens violentas. Os eventos do “novo cangaço” não foram ainda extensamente analisados através desta perspectiva, mas há indícios suficientes da produtividade dessa proposta.

A sensação de insegurança surge a partir de uma emoção, o medo, que demanda um olhar mais nítido sobre suas gêneses a fim de que sejam encontradas formas de melhor administrá-lo. A partir dessas considerações, os capítulos aqui dispostos tratam de um fenômeno natural capaz de ser manipulado pelos seres vivos e que, mesmo sempre chamado de “medo”, é tão múltiplo quanto é a raça humana. Foi observado a potencialidade da

produção de controle e poder social a partir da produção e reprodução de um medo chamado “imaginário-insensato” (Mira y López, 2021). O medo que origina-se através de fenômenos naturais será abordado apenas quando for necessário aproximá-lo ou diferenciá-lo do que aqui foi investigado.

2 SOBRE A REPRODUÇÃO DE MEDO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

A sociologia, como disciplina científica, mesmo que de um modo tangencial, nunca deixou de conceder importância à esfera emocional. Em clássicos, como nos escritos de Durkheim (2000a; 2000b) - que tinha interesse em distinguir a psicologia - e a fisiologia, da sociologia, a área do conhecimento que o autor pôde oficializar como ciência. “Emoções” como categoria científica é vista como um fundamento implícito das instituições sociais e como pano de fundo para a discussão sobre as relações entre os indivíduos e seus sentimentos e a sociedade (Koury, 2009).

A categoria emoções, em última instância, seria vista como o palco por onde se expressariam os processos relacionais de uma sociabilidade específica, e de onde se referenciam os anseios, os projetos, as configurações, o arremedo simbólico, a rede de intercâmbios, as formas de controle e as mudanças sociais (Koury, 2009, p. 13-14).

Em Boudon(1986, p. 875), as diferentes racionalidades dos sujeitos são tratadas de acordo com suas diferentes contextualidades. Em sua leitura da obra durkheimiana, a sociabilidade não é o resultado da ação social no mundo mas é produto da experiência humana na sociedade. As formas de classificação individuais são sugeridas pelas classificações sociais, que se dão em formas específicas a cada sociedade e contexto social em que se formam. Em todos esses contextos, ainda, as classificações sociais têm forte poder de sugestão sobre as formas de classificação de mundo dos sujeitos (Boudon, 1989, 273-275).

Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim (2000b) abre brechas em sua obra que permitem, em uma leitura maussiana, visualizar a formação e os movimentos do simbólico na cultura e na sociedade, além de possibilitar também a ratificação da importância do fato total formulado na obra maussiana. A descoberta do simbólico e do fato social total é a abertura de um caminho prolífico para diversas ramificações dos estudos das ciências sociais e um marco na história dessas ciências.

A partir de então a sociedade poderia ser interpretada não apenas através de suas representações sociais dominantes e as suas formas de subjugação simbólica, mas

compreendidas também a partir dos conjuntos e contatos entre diferentes sociabilidades - “O indivíduo social e a coletividade, então, se complementarizam [...] envolvidos e submetidos à catarse das emoções” caminhando para uma reflexão que aproxima a etnologia e a psicanálise ao admitir a instância chamada de “inconsciente coletivo”(Koury, 2009, p. 14-21).

Em Mauss (1921),

Todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais de expressões compreendidas, em suma, uma linguagem [...] a pessoa faz então mais do que manifestar os seus sentimentos, os manifesta aos outros, porque é preciso manifestá-los. Ela os manifesta a si própria expressando-os aos outros e por conta dos outros (Mauss, 1921, p.153).

Assim, um sujeito adoecido pode, então, acreditar fielmente que padece por conta de bruxaria se o sistema cultural em que existe acredita e valoriza os conhecimentos acerca dessa forma de manifestação sobrenatural, como é visto, por exemplo, nos Azande, que têm a bruxaria e feitiçaria empreendidos como reguladores social e moral dentro de sua sociedade. Esses elementos tidos pelo ocidente moderno como sobrenaturais passam a fazer parte da dinâmica política, como, por exemplo, no momento em que há um crescimento populacional desmedido, os estudos de Evans-Pritchard (1937) identificam que maiores incidências de acusações de bruxaria eram feitas entre rivais que disputavam poder local (Gillies, 2008, p. 20-30).

Nesses momentos, assim como em Mauss (1926) em sua investigação de Durkheim (1897), a influência do social sobre o físico conta com uma mediação psíquica evidente. No suicídio, é a própria pessoa que se destrói e o ato é inconsciente, mas no caso em que vai explorar, o autor trata de casos de mortes causadas brutalmente em numerosos indivíduos, mas apenas porque eles crêem que morrerão. Durante a análise, nenhum elemento de vontade ou de escolha voluntária é demonstrada pela parte desses pacientes. Distúrbios mentais individuais também não mostram correlação, apenas a própria sugestão coletiva é razão da crença do indivíduo que acredita-se enfeitiçado ou julga-se em pecado e que morre por essa razão.

Em um dos casos observados por Mauss (1926), bastante antigo e observado por naturalistas e médicos,

Backhouse, antes de 1840, em Bourne Island, relata que um homem se crê enfeitiçado, diz que morrerá no dia seguinte e morre de fato. No distrito de

Kennedy, em 1865, no estudo dos Éden, uma velha empregada irlandesa censura a uma empregada negra seu egoísmo, dizendo-lhe: "Morrerás logo por seres tão cruel". "A mulher ficou parada por um minuto, suas mãos caíram, empalideceu... e, desesperada, sob o efeito das palavras, consumiu-se e, em menos de um mês, morreu (Blackhouse, 1843, p.105; Mauss, 1926, p. 348-349).

O que, a princípio, interessa nesse caso, na perspectiva da presente pesquisa, não é necessariamente a explicação da medicina para o caso de Bourne Island. O que o exemplo evoca aqui é uma afirmação do poder e força social, de como são reproduzidas e como se justificam os fenômenos a partir de explicações mítico-religiosas, tão fortemente dissolvidas dentro do tecido social. Assim como as instituições religiosas, em Simmel (1926, p. 315), toda ciência é fundada em uma abstração, *“qualquer processo ou fenômeno social é composto por dois elementos [...] de um lado, o interesse [...] do outro, uma forma de interação ou uma forma através da qual[...] um conteúdo obtém realidade social”*e, assim, têm capacidade de compor e ser parte importante na existência e movimentos das estruturas construídas relacionalmente do Estado e das divisões de classes, por exemplo.

Em Mauss (1926b), as sociedades têm uma “expressão obrigatória dos sentimentos” que envolve o indivíduo independente da sua vontade e faz com que o sujeito entre em acordo com as expectativas e interpretações de seu grupo. Alguns medos sentidos historicamente nas Américas e na Europa ocidental são importantes nesta análise. Ordenados pela sua aparição histórica, iniciamos com a que, destas, é a mais antiga, que é foi a desconfiança em relação à Lua fomentada pelos ensinamentos cristãos que, ligado ao medo orgânico da noite e do desconhecido, os conhecimentos acerca dos astros buscavam administrar as fases da Lua e calcular o seu tempo a fim de descobrir potenciais leis de funcionamento do astro, sejam estas de ordem natural ou religiosa. Essa desconfiança tem a ver, em partes, com as inúmeras histórias contadas em pasquins na Europa dos séculos XVI-XVII sobre fenômenos celestes. Cometas, por exemplo, eram muito temidos e podiam causar “hordas” humanas quando surgiam no céu (Mira y López, 2021, p. 60; Delumeau, 1923, p. 111).

O vampiro era sempre associado a algo maligno, e quase sempre a um morcego. Isso deve-se ao fato de que o morcego se esconde durante o dia (já que a luz era de Deus) e andava durante a noite (que era domínio do Diabo). Outro fator marcante, também, é o fato de algumas espécies de morcegos se alimentarem do sangue de outros animais, popularmente conhecido como morcego vampiro. Na Idade Média, nossos noctívagos malfeitores eram representados sob a forma de um horrível diabo ou morcego. Na verdade, as imagens de vampiros, diabos e morcegos se confundiam e se associavam, havendo inclusive lendas que descreviam também o satanás sob o aspecto de um enorme morcego (Aidar & Maciel, 1986, p. 16).

Esses medos construídos socialmente tinham uma eficácia simbólica que podia transformar a forma como os sujeitos compreendiam a natureza e o mundo imediato à sua volta o suficiente a tornar essas criaturas fantásticas em reais. É exatamente esse o objeto da análise sociológica das emoções, a tentativa de melhor dimensionar os fenômenos sociais sob uma perspectiva que trata as emoções como formas de socialização, ou seja, em uma perspectiva simmeliana, de “abstração dos fatores de socialização”. Esses processos de assimilação cultural, em Halbwachs (2009), são formas obrigatórias de sentir que acontecem a partir de um processo de transmissão de emoções intergeracional em que a memória coletiva socialmente expressa é repassada em forma consciente e inconsciente de aprendizado. Essa memória, reproduzida em diversos formatos, pode servir como mecanismo de constituição ou desconstituição social, interferindo no destino dos indivíduos (Koury, 2009, p. 23).

O vampirismo no medievo tem sua história entrelaçada com a das bruxas. Aparecem primeiramente entre os seres demoníacos das religiões politeístas pagãs. Por exemplo, tomaremos a deidade *strega* da Roma Antiga, primeiramente conhecida como *Strix*, tinha o poder de transformação para forma de animais e era conhecida por seu vôo noturno e ataque a recém-nascidos matando-os pelo ato de sugar-lhes o sangue (Melton, 1995, p. 73).

O medo do vampirismo foi muito incentivado também pelo que hoje se tem como tafofobia.

Segundo o jornal BBC News Brasil,

A arqueologia revelou testemunhos de rituais funerários grotescos, como enterros com o rosto para baixo ou foices colocadas sobre a garganta de mortos para evitar que ressuscitassem no túmulo. No entanto, a partir do século 19, generalizou-se um novo medo, estimulado pela literatura romântica sombria da época: o de ser enterrado vivo. Pouco depois de 1800, começou a ser vendido o primeiro caixão de segurança. Este dispositivo permitia o acionamento de uma campainha localizada fora da própria sepultura, para o caso de o suposto falecido ter ‘acordado’. Nessas circunstâncias, e para evitar o erro de enterrar alguém que estivesse vivo, nasceu a tradição do velório, cuja duração varia, dependendo das culturas, de um a três dias (Peña, 2020).

Foi com a tafofobia - ou o medo de ser enterrado vivo - que, classicamente, surgiu a necessidade de confirmar o óbito do indivíduo. Durante séculos, a morte foi definida como a paragem irreversível das funções cardíaca e ventilatória. Com o surgimento e desenvolvimento de técnicas, tornou-se possível a morte como o fim das funções cerebrais,

chamada morte cerebral. O medo aqui atuou como uma forma de alerta social que possibilitou o desenvolvimento de uma vigilância melhor em relação ao diagnóstico de óbito pela medicina mundial. Esse medo também foi ocasionado a partir de uma preocupação surgida pela forma que as sociedades ocidentalizadas produzem rituais que homenageiam a morte através do luto e do enterro fúnebre (Fonseca, 2011, p. 10).

Com o surgimento deste novo conceito, foi possível ponderar a colheita de órgãos tecidos de cadáveres para transplantação. Perante este facto, nos dias de hoje ainda permanece, com base na tafofobia um medo e desconfiança subjacente ao diagnóstico de MC, apoiado no mito do dador vivo, isto é, o medo para os familiares dos doentes que temem a possibilidade do seu familiar poder vir a ser dador de órgãos ou tecidos possa levar a que um diagnóstico de MC “apressado” (Fonseca, 2011, p. 10).

Edgar Allan Poe é autor de “O Enterro Prematuro”, publicado em 1844, um compilado de relatos acerca de supostos casos de enterros prematuros. O protagonista, ele próprio, se encontra nessa situação quando confundem seu estado de narcolepsia com um estado de óbito. Além deste, Poe escreveu outros contos que tratam de histórias similares como “A Queda da Casa de Usher” (1839), “O gato preto” (1843) e “O barril de Amontillado”(1846). Em “Berenice”(1835), a morte de uma mulher é aliada a duas condições patológicas que durante o tempo de sua publicação muito preocupavam o senso comum. Berenice, mulher que encanta o personagem principal, sofre de narcolepsia, cujas consequências criadas pelo autor a causou um infortúnio: ser enterrada viva, enquanto apenas sofria um dos sintomas de sua doença. O medo, então, é extremamente volátil e passível de ser modificado e modelado (Poe, 2019).

A literatura do medo tem como uma de suas principais características a de provocar, através da ficção, um intenso estado emocional. Essa emoção possui desdobramentos físicos, como, por exemplo, a aceleração dos batimentos cardíacos ao lermos uma passagem sobre uma situação perigosa em um livro, ou os arrepios que sentimos ao nos deparar com a descrição de um monstro (Poe, 2015; França & Sena, 2020).

Para produzir os efeitos estéticos característicos do medo, os escritores valem-se de algumas técnicas narrativas, tais como: a construção de um ambiente narrativo opressor – o locus horribilis; uma personagem monstruosa que ponha em risco as vidas dos personagens; um herói que precisará enfrentar o monstro e propiciará o estabelecimento de vínculos empáticos com o leitor. Nesse caso, o autor se utiliza de formas de medo que assombram sua sociedade a fim de ter o efeito desejado (França & Sena, 2020).

Em “A filosofia da composição”, cujo enredo nos dá acesso a um Poe feito mago a revelar seus truques, torna-se nítida a quase cientificidade por detrás da lógica de seus escritos. Durante o trabalho, explicita os seus passos e tomadas de decisão no momento de criação literária do poema “O Corvo”, seu escrito mais popular na época. Sobre a composição do poema, o autor nos diz: *“é meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou a intuição, que o trabalho caminhou, passo-a-passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático”* (Poe, 2015, p. 10).

Poe (2015) revela ser necessário calcular a extensão de um conto a fim de que este entregue ao leitor o efeito previsto pelo autor. As palavras, a métrica, a sonoridade e os elementos conceituais devem ser ordenados de maneira a construir um ambiente - de interação entre emoções puras - e um resultado imagético nítido e coerente com a proposta do escritor. A escrita deve ser pensada para que caso o resultado esperado seja, por exemplo, um tom onírico, então que os elementos corretos sejam dispostos ao leitor para que este sintase em um sonho durante e ao final da leitura.

Em “O corvo”, Poe (2015) se esforça em causar o belo de forma universal. Causar o belo pressupõe que o belo é um efeito além de uma qualidade. Nesse sentido, o autor utiliza um método sofisticado para que o belo aconteça aos olhos de todos os leitores. O autor pensa nos conceitos como peças de uma cor só a serem dispostas em um mosaico; o texto da poesia deve, em sua visão total, conter uma sequência de frases e expressões que deem os tons corretos ao quadro que as comporta. Quando quer causar a beleza, o autor procura por um conceito que represente a beleza ideal e que por seu estado idealizado deve ser também universal em sua cultura.

De todos os temas melancólicos, qual, segundo a compreensão universal da humanidade é o mais melancólico? A morte - foi a resposta evidente. ‘E quando é, insisti, o mais melancólico dos temas mais poético?’ Pelo que já explanei, longamente até, a resposta, aqui também, ‘quando ela mais se alia à beleza: a morte, pois, de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo (Poe, 2015, p. 13).

O poema conta a história de um viúvo que sente saudades de sua amada em uma noite de tempestade. A utilização da mulher em seus escritos revela a visão idealizada do feminino, o lutuoso deleite de sua distância do ser humano e de uma identidade e subjetividade própria, que permeia o pensamento social de seu tempo. A mulher é uma ideia que não existe e o autor

sabe disso e utiliza seu caráter sublime no texto. A análise de outras de suas obras são possíveis e podem servir como auxílio na compreensão de sua técnica.

Aqui, no entanto, é valiosa a compreensão de que a sua sempre explícita vontade de criar imagens atrativas aos leitores de sua época muito pode nos revelar sobre o pensamento social do seu século. O estado de alma romântico foi partilhado por um grande número de indivíduos que encontravam nos autores românticos traços de sua alma. O romantismo expressava uma tendência peculiar a certos grupos da sociedade dentro da qual viviam os escritores. Estes, faziam-se intérpretes não de toda a sociedade de seu tempo, mas de uma vasta família de espíritos que se encontrava em suas obras (Costa, 1963).

Por sua captação das funções das emoções, da ideia coletiva de emoção, dos símbolos escritos e por sua escrita sistemática e lógica é valorosa a sua menção como uma figura histórica que faz também parte da história do medo. Em Bourdieu & Darbel (2003) só é possível compreender a pintura francesa moderna do final do século XIX ao analisar a situação na qual se realizou, ou seja, após compreender a instituição acadêmica e a pintura expressa por ela.

As ferramentas de escrita do autor têm o objetivo de acessar em seus leitores os símbolos certos que poderiam servir como gatilhos de amedrontamento e criação de uma falsa memória permeada de terror. Para isso, Poe - mas também os escritores que lhe sucederam e se inspiram até hoje em seu trabalho - exploram signos e significações que envolvem não apenas as suas próprias experiências e a formação de seus gatilhos, mas também envolvem o conhecimento de símbolos reconhecidos socialmente como gatilhos populares de terror.

A obra analisada em Poe (2015), “O Corvo”, cujo conjunto de símbolos pode revelar, às luzes de seu método baseado no trabalho de Goldmann (1982), o motivo pelo qual, a fim de alcançar o maior ideal de beleza, o autor decide que a morte de uma mulher amada e sua existência na narrativa como o produto da solidão de um homem em uma noite chuvosa apenas é um elemento que significa a melancolia pura. Estes elementos foram também significados dessa forma pelos leitores que lhe eram contemporâneos.

Em (Delumeau, 1923, p. 104), *“homens podiam transformar-se em lobos devoradores? As opiniões estavam divididas, mas não a certeza milenar de que o lobo é um animal satânico [...] a injúria ‘lobisomem’ era levada muito a sério e dava lugar à reparação pública”*. Aliado ao medo da noite, da Lua e da escuridão propiciados por uma administração do medo absurdo em Mira y López (2021) pela Igreja - assim como aliado a um medo Orgânico devido a população de lobos que vivia na Europa e na América do Norte, não é por acaso que, na virada do séculos XVI e XVII, os demonólogos franceses dissertaram

abundantemente sobre licantropia e os tribunais tanto condenaram feiticeiros acusados de canibalismo.

O medo do Lobisomem ascendeu paralelamente ao vampirismo. O *lykanthropos*, ou lobisomem, é encontrado em quase todas as culturas antigas, com sua imagem sempre associando as coisas malignas. A imagem mais comum é a de uma criatura do mal, percorrendo a noite em busca de vítimas, tanto animais quanto humanas. Nota-se a partir daí, o medo que era comum a todos na Idade Média, o medo da noite. Ora, se deus é luz automaticamente a escuridão é associada ao demônio (Avelino, 2010, p. 10-13).

Assim, dava-se movimento também a uma cultura de oposições binárias entre a luz e as trevas, o bem e o mal. O bem seria, então, a ordem, o esclarecimento, um movimento estável das coisas... o “dia” remete a um estado de bonança perene, enquanto o mal são as tempestades que destroem as plantações, a escuridão que abriga os bichos mais perigosos e os seres humanos que vivem sob a influência do pecado. A religião cristã católica da Idade Média condena, em diversos momentos, o convívio com pessoas impuras (Avelino, 2010).

As lendas sobre lobisomens tiveram seu auge na Europa, ao final do século XVI. Devido aos lobos que existiam em grande quantidade no território Europeu. O medo das pessoas era tão forte e real que serviu para intensificar mais ainda a crença nas lendas. O lobo, em sua forma natural, foi dito de possuir qualidades demoníacas, como ser semi-noturno, cor cinza, uivar, presas afiadas, olhos que brilhavam no escuro. [...] Estes mitos, associados às interpretações da bíblia na época, davam respaldo ao pavor humano, indicando também a ira de Deus. Subentende-se que os evangelhos ressaltam o bom pastor, que protege suas ovelhas dos lobos e os bons discípulos eram enviados dentre os lobos.[...] O lobo vai simbolizando o mau, os agouros e as dificuldades de existência da época. Esse emaranhado de simbolismo foi diretamente responsável pela “demonização” do lobo no medievo (Avelino, 2010, p. 10).

O “lobisomem”, neste trabalho, será lembrado como exemplo marcante de uma figura fantástica criada a partir das repercussões do medo imaginário-insensato (Mira y López, 2021) e que tem sua existência ratificada pela sua associação com algumas características que por outros motivos os sujeitos condenados apresentam, sejam estes biológicos ou sociais. A abundância de casos de lobisomens na Europa medieval, por exemplo, pode também ser explicada pelo grande número de características que podiam identificar uma pessoa como lobisomem, como as orelhas pequenas e pontiagudas, dentes proeminentes, mãos peludas e até sobrancelhas grossas unidas (Avelino, 2010, p. 13).

Durante a década de 1830, o aumento da alfabetização e a melhoria da tecnologia fizeram proliferar, no continente europeu, a produção de ficção literária para as classes trabalhadoras. Chamadas inicialmente de “penny bloods”, as “penny dreadfuls” - popularizadas assim na década de 1860, contavam histórias de aventura, crime e investigação em folhetos publicados semanalmente. O Drácula de Bram Stoker é, dos personagens que surgiram nesse meio, um dos que mais se tornaram populares na literatura de horror (Flanders, 2014).

O Drácula, além de vampiro, é também um lobisomem, pois se transforma em lobo em algumas partes do que agora se lê como um romance clássico da literatura. Com frequência as histórias eram contadas em formato de correspondência de cartas entre os personagens, o que conferia uma mais forte sensação de realismo nas histórias que eram muitas vezes fantásticas e assombrosas. Eram um meio popular de entretenimento que buscava um elemento surpresa e dramático para instigar os leitores que acompanhavam sua publicação.

Alguns mitos emergiram a partir dessas lendas, como o do vampiro do Castelo de Alnwick. Um homem que prestava serviço no castelo, que por questão era rústico e tinha uma mulher infiel, por questão, se escondeu no forro acima da cama, de onde caiu, morrendo no dia seguinte. Após seu funeral, o homem foi visto andando pela cidade. O medo se alastrou e as pessoas se escondiam em suas casas à noite com medo de encontrá-lo. Esses eventos culminaram com uma epidemia de doença desconhecida que logo foi atribuída ao vampiro. Então o Padre local decidiu exumar o corpo do suposto vampiro, constatando que o mesmo se encontrava cheio de sangue, que jorrava com um simples toque da pá. Constatado o fato, o corpo foi queimado e logo depois a epidemia cessou. (Melton, 1995, *apud* Avelino, 2010 p. 11).

As formas de explicações religiosas sobre o combate ao vampirismo podem ilustrar um processo que Mira y López considera essencial no processo de existência e, portanto, administração social do medo, que é a cura do medo. Segundo Mira y López (2021), os sentimentos de “Dever” e “Amor” são aliados fundamentais para que seja possível uma regressão dos medos a uma dimensão menor das que estão em seu momento atual.

Assim, um estado de Terror fomentado pelo vampiro do Castelo de Alnwick poderia ser diminuído em sua intensidade se outras questões fossem tomadas como princípio a colaboração, cooperação e solidariedade entre as vítimas. Esses dois últimos sentimentos em forma de categorias de emoções serão melhor explorados nos capítulos seguintes. Por enquanto, é interessante acrescentar que as sociedades pedem explicações e formas de

encerrar os ciclos abertos historicamente a fim de sanar os danos das feridas (Delumeau, 2009).

Essas feridas são causadas, no coletivo, pelo lobo que poderia ser, em Delumeau (2009), o “sombrio emissário do mundo ctônico”. No âmbito das representações conscientes, era o animal sanguinário inimigo dos homens e dos rebanhos, companheiro da fome e da guerra. Esse medo orgânico é o medo que também pode ser sentido pelos animais quando encontram-se imediatamente em estado de perigo e, a partir da noção desses medos - como o medo de não ter estoque de comida ou proteção contra a chuva, as suas ações agem sob instintos de sobrevivência. Essas são as formas mais simples de medo.

O medo humano tem uma profundidade maior enquanto fenômeno social que se alia ao fenômeno de *“paralisação ou detenção do curso vital, que se observam nos mais singelos seres vivos unicelulares, quando se veem submetidos a bruscas ou desproporcionais modificações em suas condições de existência”*(Mira y López, 2021, p. 21).

Sobre o processo de produção de medo, conduzirei sua exploração utilizando-o como uma categoria analítica que se refere ao processo social e relacional de reconhecimento do medo, de leitura de um objeto e a compreensão de que suas características encaixam o suficiente em um modelo, em um referencial que é individual, já construído previamente e que pode ou não ser alterado a partir do evento. Quer dizer, o trabalho trata muito mais do momento imediato em que o processo de produção do medo é bem sucedido, o que significa também estudar o seu passado e seu futuro, mas apenas como forma de entender como o medo é sentido aos seus extremos, seja virtual ou presencialmente.

Essa decisão se baseia na compreensão de que o medo é um dos elementos de conhecimento que estão presentes no processo de contato do sujeito e de suas construções psíquicas com a sua realidade material.

Quando se procuram as condições psicológicas do progresso da ciência, logo se chega à convicção de que é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado. E não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidão e conflitos. É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectamos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1938, p.17).

Ao tratar sobre conhecimento, Bachelard (1938) centraliza a relação do sujeito com o mundo, evocando uma resposta dúbia a este paradigma. A relação com o mundo é o

conhecimento que o sujeito opera, põe em andamento contínuo, e que ao mesmo tempo o constrói e o faz modificar o mundo a partir de um ponto de vista em perene construção. O medo está intimamente ligado a grande parte da ação humana no mundo, é parte da interpretação individual dos obstáculos epistemológicos e de suas experiências individuais.

Em uma abordagem bourdieusiana, por exemplo, também se admite o princípio da não-consciência, em que tudo o que os sujeitos experienciam são interpretações humanas de objetos, estímulos e eventos e não a realidade total desse universo. As coisas ao redor e a forma que se relacionam constroem um contexto, um terreno, onde se dá a ação humana. O movimento que o medo faz nesse espaço pode ser fundamental para a construção de um pensamento ou ação e é um objetivo dessa exposição investigar os diferentes momentos desse sentimento, enquanto é interpretado - sentido - e enquanto é guardado em formato de memória. O medo é “um canal de transmissão das estruturas sociais à estrutura psicológica individual” (Rezende & Coelho, 2010, p. 33 apud Moraes; Barreira, 2015).

Admitir que um sujeito é capaz de realizar ações reais e que modificam o mundo enquanto não percebem as origens reais de sua execução é admitir que existem elementos mentais que persistem como conhecimentos e que não necessariamente se baseiam em uma lógica coerente com a realidade. O medo pode ser formado como uma lenda, mas o medo também não precisa ser o medo de algo irreal. O medo humano também é uma capacidade evolutiva de prever o perigo antes que ele aconteça, o que a maioria dos animais não sabe fazer. Por isso, é importante diferenciar o medo orgânico dos outros (Mira y López, 2021)

O medo existe desde os primeiros momentos de desenvolvimento e um feto de três meses já é capaz de responder a estímulos elétricos, mecânicos e térmicos provocadores de dor mediante uma brusca contração, seguida da paralisação de seus movimentos durante vários segundos ou minutos, conforme o caso. Trata-se da inibição reflexa provocada pela chegada de uma onda de excitação anormal aos centros nervosos (Mira y López, 2021, p.22).

Mas, retornando ao fato de que o medo aqui faz parte do processo de significação simbólica de seres humanos formados, ou seja, dotados de uma consciência, esteja essa em avançado estágio de desenvolvimento ou não, aquele que detém meios de manipular e produzir o medo o utilizam para exercer um poder que, seja este político, social, local ou de grande alcance, é sempre simbólico em sua essência uma vez que o medo sentido é sempre sentido a partir de uma experiência exterior ao sujeito que a sente e a interpretada como medo⁴ a partir de seus instintos ou conhecimentos adquiridos.

⁴ Aqui a produção de medo utiliza a tática de manipulação da ameaça de morte de Luckenbill (1980;1982).

Um considerável número de expressões orais de sentimentos e emoções, em muitas povoações espalhadas em todo continente, têm unicamente caráter coletivo. Digamos logo que este caráter não prejudica em nada a intensidade dos sentimentos, muito pelo contrário. [...] Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem (Mauss, 1928, p. 147-153).

O medo vem da consciência do perigo, que pode ou não corresponder com as potencialidades do mundo real. Uma vez sentido, no entanto, é real enquanto sentimento e como um conjunto de sensações físicas humanas e como a paralisia que sente as suas vítimas. O medo humano é imaginário e funciona em termos de linguagem, ou seja, se movimenta a partir e dentro das construções simbólicas que, através dos sentidos, podem ser interpretadas pelos sujeitos.

A forma como os eventos são significados fundam a emoção que é posteriormente experienciada. Expressões de medo e ódio, como o racismo e a xenofobia, são o resultado da assimilação de um raciocínio que é tido como lógico em seu meio cultural. A razão está na dimensão do próprio evento, uma abordagem de assalto que altera o cenário da cidade e as histórias que se contam no dia-a-dia, e que também pode nos revelar momentos diferentes da repercussão desse medo produzido e identificar que, embora tenha sido programado para durar apenas como medo paralisante imediato, reverbera como um medo atrelado à cultura e às emoções dos sujeitos de uma cidade (Le Breton, 2019; 2009).

Ou seja, compreender a gênese dos medos é essencial para a formulação de uma análise acerca de suas reverberações e formas de reprodução. Uma interpretação errada pode induzir a uma intensa angústia criada a partir do zero. Podemos nos assustar, ou mesmo morrer interiorizando a convicção cultural de ser vítima de feitiçaria. Cada medo se dá, no entanto, a partir de uma subjetividade diferente, mesmo que habitem em uma mesma cultura. Há, portanto, necessidade de uma análise que admite a multiplicidade de pontos de vista e que comporte, ao mesmo tempo, espaço para uma compreensão das movimentações estruturais da vida social de forma a privilegiar uma aproximação desse processo relacional de contato entre a mente humana e o mundo social (Mauss, 1974a).

A bruxaria, mas também outras formas de manifestação sobrenatural, como o vampirismo e a licantria, que são considerados grandes traições contra a autoridade divina, constrói também personagens sociais, aqui em formato de lendas e mitos, mas que têm, na perspectiva de sua crença, devida materialidade. A concretização dessas personagens se dá a partir da interpretação de símbolos dados pela natureza ou pela socialização como símbolos

naturalizados. As forças que determinam ou sugerem os símbolos sociais através de um processo de violência simbólica são os agentes e instituições sociais de influência. A acusação contra a bruxaria, na Idade Média, frequentemente resultava em tortura. Qualquer pessoa, seja qual for sua classe ou profissão, poderia ser torturada ante uma acusação dessa natureza, e quem fosse considerado culpado ainda que confessasse seu delito, seria posto no potro (Kramer & Sprenger, 2007).

É a partir do século XIV que os valores burgueses começaram a proliferar na Europa e na sociedade ocidental que, como forma de lutar simbolicamente contra esse movimento, muitas narrativas épicas que exaltavam um caráter audacioso foram encorajadas pela nobreza, ameaçada com os valores “prosaicos” burgueses. A literatura das crônicas é inesgotável quanto ao heroísmo da nobreza e dos príncipes e apresentam-se como impermeáveis a todo temor (Delumeau, 1923).

Há, então, a presença de um sentimento que, em Mira y López (2021), pode ser caracterizado como Dever, um dos sentimentos que provêm do medo e atuam como formas de conter e administrar seus danos. O Dever pode surgir como uma forma tradicional de lutar contra um medo formado culturalmente em forma de um plano muitas vezes contingencial de contenção de danos. Sobre as origens do Dever,

É próprio de toda atividade psíquica a propensão a estruturar todos os seus dados elementares em sínteses perceptivas e afetivas que obedecem a certas leis, mais discutidas que sabidas pelos psicólogos modernos. Uma delas, [...] a tendência a organizar os dados sensoriais em configurações singelas harmônicas, de sorte que, por assim dizer, o progresso ou evolução do psiquismo se efetua graças A redução de caóticos complementos a cosmos de relativa, singeleza uma vez mais confirma-se que a missão da consciência intelectual é introduzir ‘claridade e distinção’ no que é, de início, indefinida penumbra (Mira y López, 2021, p. 22).

É verdade que as emoções não são os estímulos e nem a realidade observável e que são parte da reação do contato humano com a socialização do seu mundo exterior muito mais do que são o seu mundo exterior - embora haja uma realidade profunda em seu núcleo - e que não podem servir de testemunho único acerca de um caso específico. Há um possível movimento volátil na compreensão imediata acerca do emocional-social. São lacunas que o trabalho sociológico deve preencher de forma que o estudo de um sentir como o medo, complexo como é complexa a teia psicológica humana, tenha uma estrutura sólida onde possa sustentar-se.

Sobre as formas de violência modernas, têm-se, em Elias (1939), desde a formação das primeiras formas de Estado-nação, a monopolização da violência física nos espaços sociais, que é um diferente tipo de autocontrole, desencantado, que parte de uma agência controladora externa e que se forma como parte da estrutura da personalidade do indivíduo em um processo que regula seus impulsos emocionais e, portanto, sua conduta. A monopolização da força física reduz o medo e o pavor que um homem sente de outro, pois limita a possibilidade de causar medo em outros e, então,

As pressões que atuam sobre o indivíduo tendem a produzir uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida (Elias, 1939, p. 63).

Uma das fontes de alimentação social do Dever é o chamado princípio da ordem. As “pessoas ordenadas”, em Mira y López (2021), são pessoas que obedeceriam a determinada ordem mesmo que esta fosse de encontro contra os seus interesses ou que não fizessem parte de seu conjunto de ações favoráveis ou confortáveis em determinada circunstância. A possibilidade de submeter-se a uma ordem superior permitiu que os primeiros humanos pudessem tolerar-se uns aos outros em suas aglomerações humanas. Assim, o ser humano construiu suas primeiras formas de estratificação social baseado também em um medo orgânico.

3 A EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO EM ABORDAGENS DE ASSALTO COM DOMÍNIO DE CIDADES

As repercussões negativas das abordagens não necessariamente são sofridas apenas por aqueles que ficaram com medo no momento do assalto. Em Goffman (1986), "*muffings*" são ocasiões em que um corpo - ou algum objeto - que tenha sido presumido como sob uma orientação segura, estável, inesperadamente desvia-se do seu curso - ou escapa do controle - tornando-se sujeito a - e não apenas condicionado por - forças naturais. Há uma inércia que é consequente à perturbação da ordem.

O medo após o término dos grandes assaltos aqui observados persiste não mais apenas como uma emoção efêmera, mas também como parte da forma como as testemunhas observam o mundo. O medo de que as autoridades não lutem contra esses inimigos pode fazer

com que determinado discurso político que foque em pautas de segurança pública seja mais efetivo e convença melhor determinado eleitor que outros, por exemplo.

Não é objetivo deste capítulo a determinação exata do que cada forma de medo cria ideologicamente e concretamente- pois é um produto que varia-se a partir das especificidades de cada corpo que o comporta, mas sim a descoberta de seus potenciais e formas de existência. Trata-se de apontar o medo como parte importante do processo de interpretação do mundo que Goffman (1986) analisa em sua análise de enquadramentos. O medo e as demais consequências do domínio de cidades dá origem, em muitas de suas vítimas, a uma constante desconfiança sobre a vida urbana. Trata-se de entender as ligações entre a cognição e a cultura propostas pelo autor (Mendonça & Simões, 2012).

O sujeito vê-se em um lugar onde é provável que a qualquer momento *algo* ruim aconteça - e este *algo* é frequentemente o crime. Ao ser questionada sobre possíveis repercussões do evento traumático, Entrevistada A diz o seguinte:

As pessoas que estavam longe estavam tão apavoradas quanto eu. Estava todo mundo muito assustado com o que tinha acontecido. A cidade no outro dia era até esquisito assim de ver. Parecia que as pessoas estavam saindo de casa com medo. [...] Tive muito pesadelo⁵, foi bem estressante passar por isso tudo. Deixa a gente meio tudo que estressa, parece que deixa a gente mais, como é difícil de trabalhar. Algumas vezes até refletia no meu corpo mesmo porque esse estresse e mais todo o stress do dia a dia, né? Tudo acumulativo. Por exemplo, eu tenho gastrite. Já fiquei com dor de estômago durante a semana (Entrevistada A, 2022).

As semanas imediatamente seguintes ao assalto se mostram, assim como se mostraram nas outras cidades, as semanas mais difíceis, quando as marcas do assalto ainda estão presentes na paisagem da cidade, quando as investigações ainda estão no começo e quando há nos transeuntes o receio de estarem a conviver com possíveis assaltantes que fugiram e que podem ter retornado sem ser reconhecidos. As vítimas receiam estar ainda sob um projeto forçado de fabricação⁶ de enquadramentos que subverte a ordem. Ou seja, a atmosfera incerta

⁵ Sobre os pesadelos, em Goffman, E (1986) os sonhos são exemplos de “self-deception”, ou seja, uma auto ilusão, a tendência que os sonhos têm de serem significativos na vida e no cotidiano das pessoas. “*O quarto do sonho está sendo sonhado; não existe no espaço, embora o quarto onde ocorre o sonho exista*” E é sobre o quarto da realidade que se espelha o quarto dos sonhos.

⁶ Uma fabricação, em Goffman (1986) é o esforço intencional de um ou mais indivíduos em realizar uma atividade a fim de que um grupo de um ou mais outros seja induzido a ter uma falsa crença sobre o que está acontecendo. Alguém só é vítima de uma fabricação quando está em estado de “deception”, ou seja, enquanto acredita no cenário sugerido pela atividade. Essa atividade é a tentativa de falsificar uma parte do mundo e torná-la crível. É também uma forma de tentar atingir o esquema de frames primários do indivíduo, mas nem sempre objetiva alterá-los completamente -

e perigosa perdura na cidade após o evento, o que é evidência da relevância do medo na construção de frames primários do sujeito (Goffman, 1986).

Um ato que eu criei depois disso, uma coisa que eu fiz, foi colocar o insulfilm no meu carro. Coloquei o insulfilm que não tinha Insulfilm e eu sempre cuidei muito no meu carro pra não deixar bolsa, não deixar item dentro do carro porque eu já vi várias vezes as pessoas quebrarem. E aí depois do assalto eu falei, nossa eu preciso pôr nesse carro urgente porque eu ando a noite com o carro e todo mundo pode ver e daí se vem um assaltante no semáforo e daí vê que é uma mulher que está dirigindo que não sou grande, né? E acaba querendo me assaltar. [...]E depois... um hábito assim que eu criei foi aquele que eu até já te falei que toda vez que eu vou descer no carro eu sempre olho se não tem ninguém na rua, se não tem ninguém suspeito. Se eu vejo que tem alguma coisa esquisita eu não saio do carro (Entrevistada C, 2022).

As novas medidas de segurança e prevenção tomadas parecem remover do processo de fabricação um de seus elementos, que é a sua dissimulação. Uma vez precavidos, as vítimas acreditam não estar mais em um estado de “*deception*”, o que destrói a fabricação a qual julgam estar sendo vítimas a todo momento. Agora, a realidade segura e estável é lembrada como o verdadeiro elemento fantástico, a qual foi crível apenas pela ingenuidade do sujeito acerca do quão *criminoso* pode ser um ser humano⁷ (Goffman, 1986).

A experiência de vitimização nesses assaltos causa um efeito semelhante ao “*astounding complex*”, que consiste “*num evento que leva os observadores a duvidar da sua abordagem global dos acontecimentos, pois parece que, para explicar a ocorrência, terão de ser permitidos novos tipos de forças naturais ou novos tipos de capacidades orientadoras*”(Goffman, 1986, p. 28).

As testemunhas têm uma transformação semelhante em sua visão política e moral⁸ - às vítimas de grandes assaltos também foi-se revelada uma realidade inédita, que é a experiência de perda de controle sobre a própria vida mesmo que dentro de suas residências, e

embora possa fazê-lo a depender de sua constituição. Os frames primários são as interpretações mais básicas e imediatas que o sujeito tem sobre o mundo imediatamente ao seu redor.

⁷ Essa lógica faz parte da narrativa utilizada pela indústria do infoentretenimento para explicar o crime. O ato de explicar a ocorrência de um crime com a criação de um personagem de essência humana corrompida será chamada aqui de licantropia e suas relações com o sentimento de insegurança pública serão mais profundamente exploradas no último capítulo.

⁸ Nesse momento do texto, Goffman (1986) trata de manifestações tomadas como espirituais e fantásticas.

a investigação do medo mostra-se necessária, pois suas reverberações são, a princípio, uma reação “inibitória” e “pré-mortal”⁹, mas são socialmente relevantes em sua culminância (Goffman, 1986, p. 28).

3.1 O que resta nas cidades, o medo

Delumeau (1923) trata dos medos da civilização ocidental do século XIV ao XVIII. Sobre a ocorrência de epidemias em uma comunidade, aponta que uma população atingida pela peste sempre procura uma explicação para o ataque que a vitimiza. Encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador e reconstituir a coerência da qual sairá logicamente uma indicação das formas de sanar tal mal.

Nos assaltos do “novo cangaço”, as cidades estão fechadas na prática imediata do evento. Não é possível entrar em um carro e sair da cidade - todos estão paralisados pela prudência. O que se vê pela internet - que é o primeiro veículo de informação de maior parte da cidade, uma vez que a televisão não consegue tamanha velocidade que acompanhe o desenrolar do acontecimento - são informações que, mesmo difusas, servem como base para que as vítimas entrem em um estado de desamparo (Mira y López, 2021).

O momento de recuperação da cidade é um momento crítico para a opinião pública. A fim de que o trauma em conjunto seja esquecido, as testemunhas necessitam de algo que as indique que o caso teve um fim. Algum evento tem de encerrar o outro - e que os possa retirar dessa realidade cinética que, por fazer parte do processo de constituição cognitiva, social e identitária das testemunhas adquire um caráter tanto fantástico, quanto perigoso e indesejado, que no trabalho de Aquino (2009; 2020) é vivenciado pelos interlocutores, que são a propulsão inicial do evento.

O relato da Entrevistada F, que tem um estabelecimento de crédito consignado nas proximidades da agência bancária onde houve a explosão em 2013 e cujo ex-marido era funcionário do banco, é um exemplo:

Foi devido à quantidade de explosão, rachou as paredes aqui do meu estabelecimento [...] E aquela demolição, aquela coisa ofegante, aquela sensação de terror mesmo. [...] e nesse período o meu ex-esposo era

⁹ Referência ao momento em que Mira y López (2021) assinala o fato de que quando o organismo humano ainda está em gestação, o medo já é sentido como uma inibição reflexa provocada pela chegada de uma onda anormal de excitação nos centros nervosos. O medo é uma reação espasmódico-inibitória que constitui parte significativa da socialização, mas também da existência biológica humana.

funcionário do banco, a gente já tinha a superintendência do banco, ela liga pros funcionários, né? E não só pro gerente, mas ele liga pros funcionários a noite de imediato pra que os funcionários entrem em contato com a polícia. E aí a gente já estava sabendo do do acontecido [...] Eu voltei (a dormir), mas o meu ex-marido não, porque ele é o funcionário do banco e aí ele tinha sempre que ficar atento às necessidades (Entrevistada F, 2023).

Figura 1 - Agência bancária destruída



Fonte: Abraão Ramos, Tribuna do Ceará (2013)

A Figura 1 retrata o local da explosão. O ex-marido da Entrevistada F ainda trabalha com ela. Certamente, perguntei se poderia conversar com ele, mas ela logo me informou que ele não comentaria sobre isso em uma pesquisa, pois não quer ser associado de forma alguma com os assaltos e por não se sentir confortável para falar sobre isso no geral. Antes do assalto, ele já havia experienciado isso outras cinco vezes quando trabalhava em outros bancos, e quando aconteceu em Aracati novamente, ele foi transferido para outra cidade e, por isso, depois de um tempo, se estabilizou lá e eles se divorciaram.

Porque até o momento que você não vê a situação é uma coisa imaginária. E você fica imaginando, ‘mas meu Deus do céu o que que tá acontecendo? Que foi que aconteceu?’ E logo em seguida é um sentimento de impotência e de insegurança. Eu achei, quando eu cheguei aqui que a situação do banco fosse estar pior por conta do barulho [...] Porque pela quantidade de explosivo que eles colocam, a zuada, eu disse, ‘explodiu até aqui também, meu ponto’, eu fico encostada no banco... contanto que tem várias rachaduras aqui, ainda tem essas rachaduras... (Entrevistada F, 2023).

Aqui, o medo imediato é sentido em formato de medo absoluto pela expectativa de que a explosão possa ter danificado o seu ponto ter sido muito maior do que a realidade fora. Isso se dá devido ao desconhecimento da vítima acerca do alcance da explosão e seu receio de que tenha alcançado seu local de trabalho. A Entrevistada F não sente o medo de uma ameaça contra sua vida, uma vez que durante a entrevista ela chega a mencionar que os assaltantes “não vem querendo matar ninguém, não, sabe? É só quando tem realmente confronto”. Ou seja, de imediato, sem transeuntes conhecidos em sua propriedade, suas preocupações eram mais financeiras que qualquer coisa. Entrevistada F tinha uma noção de que os assaltantes não tinham seus bens como alvo, mas o impacto de sua ação foi tamanha a ponto de deixá-la atordoada, pois tinha muito a perder.

Não tinha nem o que fazer, né? A polícia é pouca pra quantidade de bandido e explosivos e armas [...] naquele momento as únicas coisas que eles fizeram, que eles puderam fazer, foi recuar, porque não tinha o que fazer, é uma cidade pequena que tem poucas viaturas, poucos policiais... (Entrevistada F, 2023)

De início, a avaliação de Entrevistada F sobre a ação da polícia no assalto em Aracati pareceu satisfatória, não houve muitas falhas aparentes, segundo a entrevistada, acerca da operação policial. Questionei-a se sabia sobre o fato do assalto não ter sido bem sucedido, e ela sabia. Então questionei se a atuação da polícia teria algo a ver com esse fato. Ela disse que não, o que me fez de início não entender o seu ponto. Decidi continuar a entrevista e deixar essa questão para ser retomada depois.

Não senti essa insegurança de rua, mas dá uma certa impotência quando a gente não pode fazer nada. Se a segurança os policiais não conseguem fazer, imagine nós [...] Vou entrar num setor que você não falou mas vou falar. É... na gestão Bolsonaro... vamos supor que praticamente zero, tá certo? Porque ele deu uma certa segurança para que a gente sentisse isso. Lula tem uma certa uma grande diferença, tá certo? Você já vê aí, de janeiro pra cá, já teve explosão de bancos, já voltou, sabe? [...] Tava falando sobre o Bolsonaro, né? Ele voltou a nos dar essa segurança... você pode até pesquisar a quantidade de bancos que foram explodidos no governo Lula e [...] Hoje a gente voltou a ter aquela insegurança do passado, [...] o governo Bolsonaro, os policiais, eles não ganharam dinheiro. Aumentou o salário, teve benefício? Não. Eles tiveram poder. Poder de tomar decisão [...] Uma coisa é ter poder, usar uma farda, mas ter poder de decisão. Matar o bandido... ruim é o policial, entendeu? E no governo Bolsonaro ele foi bem claro. Ele disse que se é pra matar um policial e chorar uma mãe de bem... Eu preferia que morra o bandido (Entrevistada F, 2023).

É interessante, pois, assim como a maioria dos entrevistados, Entrevistada F não acredita que a ação policial tenha sido completamente eficiente, mas sua opinião se diferencia porque ela não acredita que a ineficiência tenha sido por causa de um arsenal bélico insuficiente dos policiais, mas sim pelas ações que estes não podiam tomar durante o combate e que teriam sido muito mais efetivas se pudessem. É uma lógica específica, pois relaciona a sensação de impunidade, uma pauta criada por uma agenda política específica e a relaciona diretamente a um evento de seu cotidiano, transformando sua percepção acerca do que aconteceu em uma percepção diferente daqueles que, enquanto interrogados, não trouxeram essa reflexão que já foi vista em muitas discussões acerca do debate sobre violência policial.

A experiência do medo absurdo é a sensação de medo mais angustiante porque, embora tenha uma gênese concreta e observável, entendível, as repercussões desse sentimento borram a visualização e o cálculo racional de expectativas e interpretações de realidade perdem-se em seus próprios devaneios. O medo absurdo pode adquirir um caráter indefinido e misterioso. O medo é o medo do que pode ter acontecido e o que “pode ter acontecido” varia de acordo com as expectativas individuais, que são formuladas a partir de cada construção mental de cada sujeito, tornando essa sensação tão múltipla quanto variada.

A gente vê muito na televisão, né? No Rio de Janeiro, que lá tem as trocas de tiro com a polícia, as que são armas de grosso calibre e atravessa a parede e atinge inocentes dentro de casa. Então eu acho que o meu medo era que acontecesse isso. Uma vez que numa situação assim de troca de tiros, os disparos não são direcionados nem controlados, né? Agora a gente evita passar na área dos bancos, né? Quando eu vou fazer algum saque de dinheiro fico olhando pros lados, olho se não tem ninguém me acompanhando... Mas a gente fica bastante assustado depois que vê mais essas coisas após essa experiência fatídica, né? Ficou mais potencializado (Entrevistado E, 2023).

As reminiscências do evento aparecem para o Entrevistado E no momento em que percebe seus novos hábitos de não esquecer a porta de casa aberta, por exemplo. O hábito de sempre checar a segurança das portas do local onde dorme, no entanto, é uma forma de comportamento baseado em um sentimento que um dia foi imediato, que de alguma forma ainda persiste em suas configurações mentais como referência, mas não é sentido imediata e fisicamente como foi no ápice de sua produção.

É inevitável, sempre que a gente lembra ou sempre que a gente ouve qualquer tipo de barulho similar ou sempre quando você frequenta o centro dá aquela sensação de, ‘meu Deus, e se acontecer o que aconteceu naquela

situação agora'. Querendo ou não, mesmo que no subconsciente, você tem esses pensamentos que não quer ter, mas eles surgem na cabeça e aí é muita terapia (Entrevistado E, 2023).

Os pensamentos conflitantes que calculam as probabilidades de algo ruim como aquilo acontecer novamente na vida das testemunhas e aparecem em momentos cujos símbolos ao redor não necessariamente fazem menção àquela noite, como, por exemplo, a andança pelo centro da cidade, atividade feita mais frequentemente durante o dia e que, por seu horário e localização, não tornam o transeunte uma potencial vítima de assalto no modelo de domínio de cidades. O sentimento de ameaça ainda é potencializado, mesmo que o medo imediato da vítima não seja objetivamente este. Certamente, as operações de contingência e treinamento cada vez mais especializadas da polícia também se apresentam como desafios crescentes para os assaltantes, mas não necessariamente por *matarem* os assaltantes (Aquino, 2019).

A vida da Entrevistada F e de seu marido foram fortemente marcadas por esses episódios e a ausência de um agente que reajuste a sua confiança no mundo urbano se mostra no momento em que ela afirma que, entre os anos em que a pandemia de COVID-19 assolava o país, a diminuição da ocorrência de assaltos nesta modalidade se deve à administração do governo Bolsonaro, que deu “carta branca para matar”. Durante a presente investigação, nota-se que a diminuição dessa ocorrência de assaltos se dá muito mais pela melhor conveniência dos assaltantes em outras modalidades de assaltos e golpes.

3.2 Sons da natureza em um desastre artificial

Agora, segundo o Entrevistado D:

Na noite que aconteceu, nós soubemos da notícia lá e no dia seguinte que viemos trabalhar... que viemos ver o que tinha acontecido foi uma coisa assustadora, né? ver as imagens do que tinha acontecido... o Banco do Brasil todo destruído. A palmeira ao lado derrubada... uma palmeira centenária que tinha ao lado do Banco do Brasil foi derrubada. Os tiros em algumas paredes daqui, as imagens depois que conseguimos ver na reportagem... foi uma coisa muito assustadora, saber que somos impotentes diante tal situação [...] Quando eu estava em casa à noite do acontecido, a notícia chegou... as coisas são rápidas, pelas informações, Whatsapp, as mídias, né?... Então chegou até minha casa, né, quando vi, e vi uma imagem já do banco destruído, né, muita fumaça (Entrevistado D, 2023).

A experiência revela a perspectiva de uma dessas *quase* vítimas que durante este trabalho são tratadas como testemunhas legítimas, cujas impressões não foram menos relevantes só por não estarem fisicamente próximas do evento. Em primeiro lugar, pode-se perceber o grande alcance do evento. No momento em que se dá a abordagem a mídia jornalística não está geralmente preparada para televisionar os acontecimentos imediatamente, mas não por isso as pessoas de interesse do evento deixam de ser alcançadas pelo conhecimento de sua ocorrência. Isso porque os estímulos sonoros e visuais são o suficiente para que a informação, permeada de possíveis gatilhos seja repassada e se multiplique na efetividade da produção de medo. Antônio mora em Canoa Quebrada, mas teve conhecimento do evento antes de ir trabalhar porque as testemunhas imediatas rapidamente puderam compreender, mesmo com poucas informações, que as dimensões do evento diriam respeito a Antônio e posteriormente iriam influenciar o seu dia-a-dia.

No entanto, o Entrevistado D não se sentiu tão emocionado, certamente, ao ver as imagens quanto ao ver a destruição pessoalmente. E, mesmo que logo na entrevista seguinte eu tenha descoberto que a palmeira centenária não havia sido removida por conta da abordagem.

Figura 2 - As palmeiras



Fonte: Vítor Maranhão (2013)

Nesta imagem retirada no dia da explosão mostra que a palmeira não foi derrubada por conta do ataque e que existiam ainda até o momento de reforma do Banco, sendo retiradas quase todas por motivos outros além de terem sido danificadas pelos assaltantes durante a abordagem.

Os mortos assustam mas que os vivos; os fantasmas angustiam e torturam as mentes dos ingênuos muito mais que um bandido de carne e osso; em suma, o que não existe oprime mais do que aquilo que existe. Contudo, seria injusto negar existência a isso, pois a verdade é que existe sim na imaginação criada por quem o sofre e, justamente por isso, não lhe pode fugir, pois seria necessário fugir de si próprio para conseguir safar-se de sua ameaça (Mira y López, 2021, p. 34).

Há, mesmo assim, uma ofensa simbólica sentida pelo Entrevistado D que é sentida também pelos demais. Não apenas os disparos nas paredes, mas a paisagem do local é alterada, e diariamente lembra os transeuntes do acontecido.

Quando a gente vê a imagem, a coisa, a gente não imagina que é tão grave [...] eu fiquei bem emocionado quando vi a destruição, né? Fiquei imaginando pessoas caminhando na hora, se fosse em um horário de funcionamento, alguém tivesse tirando dinheiro na hora... e passar por isso, uma vida ser perdida por tamanha desordem (Entrevistado D, 2023).

Antônio sente o assalto como uma ameaça a sua vida, a princípio, porque não tem clareza dos objetivos dos assaltantes, que não são invasores de casas ou pequenos ladrões, mas também porque a situação de desamparo causada pela paralisação das forças policiais no momento instiga o jogo de expectativas que o medo dá início (Mira y López, 2021).

Se há a possibilidade de que um assalto de grande porte seja bem sucedido e há uma comprovação da existência de homens impiedosos¹⁰, então há a probabilidade de que esses homens se aproveitem da fragilidade do poder público de enfrentá-los. Essa racionalização de expectativas e *talvezes* gera uma ansiedade social materializada a partir da mudança de hábito e em Mira y López (2021) é uma das formas de sentir o medo chamada de posição de prudência.

¹⁰Refere-se ao comportamento da mídia sobre esses casos, que distorce a imagem de seus protagonistas a fim de criar um personagem, mas um personagem que esta própria mídia não controla e que é, de certa forma, um metamorfo que adquire diferentes propriedades de acordo com o que, pela experiência individual de cada um, o assusta.

Jamais quero imaginar que num estabelecimento como esse vai acontecer tal coisa, né, e nem quero imaginar isso pra cidade de Aracati [...] fui pego de surpresa, só acho que nossa cidade deve se preparar mais... mostrar pra essas pessoas, eu vou usar esse termo, não sei se é o termo adequado, mas pra esses bandidos que nós estamos preparados, nossos residentes, o poder público, né? Porque assim, quem tem dinheiro, né? Ela se protege, mas nós não precisamos viver encarcerados. Nós estamos vivendo o oposto, nós estamos gradeando nossas casas e, na verdade, não precisamos viver dessa forma (Entrevistado D, 2023).

Nesse momento, é interessante que há um desejo de mostrar aos assaltantes que a cidade pode resistir aos seus ataques, a vingança do medo. De repente, estar seguro na cidade significa que a força policial esteja preparada para grandes investidas de assalto, é uma nova demanda. É uma demanda justificável, uma vez que o problema existe, mas ainda as respostas a ela são lamentáveis. É desestimulante precisar se proteger, carregar consigo uma análise mental constante enquanto anda pelas ruas de uma cidade que, para os que nasceram em Aracati, que por esse e por outros atos de violência também, já foi mais segura.

Foi tenso. Eu evitei porque eu não gosto de ver coisas assim, então eu evitei passar em frente, aqui... eu fazia outro trajeto porque ficou interditado por causa dos dias, a passagem, depois liberaram a passagem [...] O pensamento é que nós estamos impotentes. Sempre que eu vejo uma tragédia natural ela é inesperada, ela é bem inesperada, então, um lugar que tem tendências a terremotos, maremotos, [...] você sabe que isso pode acontecer a qualquer momento e meio que a população, a cidade, está preparada. Para esse tipo de situação nós não estávamos preparados. E ainda não estamos, porque continua muito à vontade. Ainda há relatos de pessoas que são assaltadas na rua. Em determinado horário da noite... a lanchonete que tem atrás de nós foi assaltada esse final de semana [...] Então, no lugar que tem furação as pessoas são instruídas a preparar sua casa da maneira correta... então, nós temos inúmeras agências bancárias e inúmeros comércios em Aracati, então nós temos que nos proteger, nós temos que nos preparar para situações que podem vir, né?" (Entrevistado D, 2023).

O relato de Entrevistado D trouxe, durante o trabalho de escrita, a lembrança de um momento em que Delumeau (1923) nos diz que:

Na Europa do começo da Idade Moderna, o medo, camuflado ou manifesto, está presente em toda parte. Assim em toda civilização mal armada tecnicamente para responder às múltiplas agressões de um meio ameaçador. Mas, no universo de outrora, há um espaço onde o historiador está certo de encontrá-lo sem nenhuma falsa aparência. Esse espaço é o mar. Para alguns, muito audazes - os descobridores da renascença e seus epígonos - o mar foi provocação. [...] Incontáveis são os males trazidos pela imensidão líquida, a peste negra, está claro, mas também as invasões normandas e sarracenas, e mais tarde as incursões dos berberes. [...] Mar calmo, espesso como um pântano, pode significar a morte para os marinheiros bloqueados ao largo,

vítimas de ‘fome voraz’ e de ‘sede ardente’. Por muito tempo o oceano desvalorizou o homem, que se sentia pequeno e frágil diante dele e sobre ele - razão pela qual os homens do mar eram comparáveis aos montanheses os homens do deserto (Delumeau, 1923, p. 54-55).

Nesse caso específico, o medo do crime toma forma de algo semelhante ao medo de desastres naturais quando se considera que a vítima toma os assaltantes como tão impiedosos quanto os fenômenos naturais mesmo ao saber que os sons são produzidos por humanos, como se acreditasse que os seres humanos pudessem emular a indiferença da natureza através de um processo de “*keying*”. Para as testemunhas, é um evento implacável cujos agentes funcionam sob leis que, embora não sejam completamente conhecidas, também não lhe são completamente anônimas, pois cada uma já tem, em sua subjetividade coletiva, a construção de uma silhueta que ajuda a testemunha a ter uma noção, mesmo que básica e incorreta, sobre quem é o sujeito por detrás da figura do crime. Há uma familiaridade misturada com mistério que torna o sentimento inibidor, o medo, mais eficaz (Goffman, 1986; Mira y López, 2021).

De forma similar, o torturador aparece, em Naffah Neto (1985), como um homem aceito “como imagem”, mas que é recusado “como história” e como um petrificado através do seu emblema, vestido como identidade. Como um desastre natural, o fenômeno se mostra tão impiedoso quanto indiferente para suas vítimas e explica a si mesmo como uma força contingente da realidade cruel que é uma existência cercada de crimes e delitos.

Da mesma forma, os vulcões podem não sentir-se cruéis, pois apenas existem e o dano de sua existência e movimento está fora de seu controle. Em qualquer desastre há vida, e esta analogia aos desastres naturais é imperfeita como qualquer analogia o é. Se não, não seriam analogias, mas redundâncias. Um vulcão não pode escolher explodir, enquanto um ser humano pode, é verdade, mas *um* homem faz o que *um* homem acha que *o* homem *pode* ou *deve* fazer.

Muitos destes assaltantes não estão em sua primeira aventura, eles *já são* empresários e agem como os empresários acreditam que os empresários devem agir. A suposta impiedade vista pelas testemunhas por vezes transforma o que *um* homem - dentre as testemunhas e vítimas - acredita que *um* homem pode fazer sem sentir-se arrependido em troca de dinheiro e isso é importante para sua cosmovisão, mas não apenas para ela. Uma vez que o medo é compartilhado não é possível medir exatamente como ele será compreendido pelo ouvinte, assim como não se pode dizer com certeza a quantidade de outros medos ele poderá causar.

Nem sempre as testemunhas serão pegadas de surpresa ou serão completamente engajadas na produção de medo dos assaltantes, mas as consequências dos ataques das

abordagens do “novo cangaço” resultam em um cenário futuro que torna suas consequências inescapáveis, sejam estas em formato de danos ao cotidiano ou em formato de lenda urbana. Assim como um furacão, que a força da lei dos homens não é capaz de condenar, os assaltantes são tidos, por parte das vítimas e testemunhas, como forças imparáveis, durante e/ou após o evento.

3.3 A internet como um refúgio perigoso

A internet serve como forma de comunicação imediata entre as vítimas das abordagens de domínio de cidades enquanto se dá a ação, mas também é um espaço que pode expandir as dimensões da produção de medo. Em Araçatuba, a experiência de Entrevistada B pode demonstrar isso:

Comecei a ouvir uns barulhos estranhos, pareciam uns fogos de artifício, né, todo mundo começou a perguntar no grupo da vila aqui se tava fazendo fogos, ou o que que era. Daí o pessoal começou a perceber que era tiro, e daí não parava, e era tiro isolado, era sequencial, e começou a se criar todo aquele ambiente caótico porque, ao longo do tempo, foi surgindo muitas fake news. Tinha gente falando que tinha os bandidos entrando nas casas fardados fingindo que era policial. Aí começou a surgir vídeos dos locais sendo queimados falando que invadiu... [...] a gente ia ouvindo todos os relatos, as mensagens sendo repassadas, algumas verdade, outras não, outras absurdas, mas, na hora do medo a gente vai lendo e já vai se assustando (Entrevistada B, 2022).

Os reféns servem não apenas como um meio de proteção contra possíveis investidas da polícia, mas também conferem ao assalto uma maior produção de medo imediato paralisador, que resulta na submissão total das vítimas e impossibilita diversas possibilidades de enfrentamento. Esta tática é uma das que mais intensamente extrapolam os objetivos dos assaltantes, que enquanto pensam apenas em performar e agir da maneira correta e profissional, para os reféns, toda aquela frieza representa um evento traumático que dificilmente eles irão esquecer e que potencialmente transformará seus hábitos e perspectivas.

E daí, eu já queria trancar tudo, todo mundo apagando a luz, fingindo que não tá em casa e, de repente a gente começou a ouvir uns barulhos estranhos, tinha gente gritando aqui na frente, sabe, e daí o pessoal já ia falando no grupo, não sei quem foi baleado, alguém ajuda ele, não sei o que, daí tentando chamar a SAMU, daí todo mundo falando, ai, mas ninguém vai vir,

porque não sei o que, tem bandido no UPA, ninguém vai ser atendido, e daí, o mais agonizante era não saber se alguém ia entrar aqui, se a gente tava seguro mesmo, trancada, e ainda ficar escutando todos os tiros lá fora, às vezes parava, às vezes voltava, a gente não sabia se ia parar de vez, ou se ia continuar nesse ciclo, e ainda a pessoa gritando de dor lá na frente, e a gente não podia sair, não tinha como ajudar. Fica aquele sentimento de impotência (Entrevistada B, 2022).

Há uma sensação de atordoamento sentida por todas as testemunhas que estiveram em contato com a internet - situação comum nos assaltos mais recentes desta modalidade - e a rápida e fervorosa divulgação do crime pelas redes sociais, o que pode transformar espectadores de qualquer lugar do mundo em testemunhas. Entrevistada B menciona o fato de que, durante a abordagem, ela não quis alertar a sua mãe, pois não queria preocupá-la - e também não queria que a mãe decidisse se mudar para Araçatuba a fim de cuidar da filha - mas não adiantou. O caso rapidamente repercutiu e sua mãe logo soube o que estava acontecendo.

Muitos dos interlocutores, como Entrevistada F, em Aracati, e Entrevistada B, em Araçatuba, não têm a televisão como meio principal de informação. À internet se atribui esse papel devido sua velocidade, agilidade e maior sensação de interação social no momento de publicação ou leitura dos posts. Assim, a internet torna-se um instrumento importante na produção de medo reminiscente dos eventos do “novo cangaço”. As informações que ela recebia pela internet eram das mais variadas e, segundo ela, “absurdas”.

A gente tava ouvindo boatos, que estavam entrando nas casas, que estavam pedindo pra entrar, mas não tinha ninguém. Eu não cheguei a ver, porque eu não cheguei a sair em nenhum momento. Então, eu recebia via WhatsApp, a maior meia de comunicação, né, e eu também tava olhando pelo Twitter. Geralmente eram áudios enviados, textos, vídeos, diz que me disse, e também, tipo, eu tava um pouco aqui na janela, do outro lado, gritando e comentando o que era tiro, não sei o que. Ah, a gente ficou bem confuso, né, porque não dava pra saber o que realmente era a verdade, mas também ninguém queria pagar pra ver (Entrevistada B, 2022).

Em certo momento, porém, a falta de organização nas redes sociais é também operado por um comportamento de busca por alívio através da construção de vínculos e trocas de preocupação e de humor, também. Em todos os casos, na verdade, existem exemplos de memes que as testemunhas criaram e compartilharam sobre os acontecimentos. Inclusive, algo

que divertiu a Entrevistada B foi descobrir, durante a abordagem e a desorganização informacional generalizada que se seguiu, que estava sendo dada como uma refém que ficou presa na rodoviária e que tinha um nome igual ao seu.

Eu fiquei em casa com uma amiga. Então, eu comecei a ficar muito ansiosa, eu tava com medo, eu já queria ir pra baixo da cama, achando que, sei lá, podia atravessar a parede um tiro, porque eles tavam mandando fotos também do calibre, né, das cápsulas que eu tava encontrando, e foram umas fotos que eu realmente não sei se era desse caso, ou se era de outros. É que assim, eu não sei se essas fotos realmente eram desse... Eu não sei como é que tão chamando, né, tipo esse atentado, esse negócio aí, mas eram uns negócios enormes (Entrevistada B, 2022).

Em Aracati, por ter acontecido em 2013, época em que nem todas as pessoas da cidade estavam submersas no mundo virtual, pude apenas recolher esta imagem. Mesmo quando a internet não era tão difundida quanto é hoje em dia, ela esteve presente como espaço de coleta e compartilhamento de informações, assim como um espaço em que as testemunhas encontram pessoas que as podem tranquilizar, seja através do humor ou da empatia.

Figura 3 - Foto editada da agência bancária de Aracati



Fonte: Arquivo da Entrevistada K (2013)

O humor conforta até certo ponto, pois segundo a Entrevistada B...

No meio de tanto medo, assim, a galera começou a fazer piada e, de certa forma, dava uma tranquilizada, sabe? Dava uma amenizada em toda a situação.[...] Não sei se ficou sabendo da Akatsuki. Acho que eram duas meninas brigando, não sei se batendo, assim. E daí tinha uma terceira pessoa com um manto da Akatsuki parada de pé olhando. E isso tudo aconteceu... Isso tudo enquanto acontecia o assalto. Daí virou um meme, Akatsuki protegendo a cidade. É melhor dar risada do que ficar naquela situação. Porque, mesmo assim, era aquele rindo nervoso. Eu estava o tempo todo no WhatsApp. Um olho no celular, outro na janela, né? (Entrevistada B).

O rir de nervoso acontece nessa situação em que a testemunha não encontrou amparo em qualquer aparelho estatal que a pudesse definitivamente suprir de segurança. Mesmo que o riso possa aliviar a situação, apenas com a reconstrução da cidade há a dissipação dessa atmosfera de suspensão da ordem social. Ou seja, as vítimas sentem necessidade de um retorno à ordem através não apenas da recuperação da paisagem urbana, mas também de novas formas de precaução contra os assaltos vinda dos órgãos públicos.

Assim, em um espaço em que tudo isso é possível - tanto o alívio quanto a intensificação do estresse, o quão beneficente é a utilização da internet durante ou após os assaltos, para as vítimas, depende inteiramente dos diferentes agentes que utilizam-se dela para tratar do evento. Ao buscar um refúgio virtual, as vítimas entram em um espaço que tanto pode satisfazê-las quanto pode fazer com que sintam mais profundamente o medo. Como o meio de comunicação mais veloz e que permite uma interação social imediata, a existência online das testemunhas é importante na definição dos dias seguintes também, uma vez que o assunto não se encerra com o fim das abordagens.

3.4 Uma forma de compreender a atmosfera cinematográfica sentida pelas vítimas

Sobre os assaltos a bancos, a vulnerabilidade dos trabalhadores que ocupam cargos de tesouraria, gerência e outros, que detêm o segredo do cofre e chaves que dão acesso direto ao

numerário da agência, as vítimas preferenciais dos assaltantes, por exemplo, relatam sensação permanente de medo e ansiedade antecipatórios, presentes antes do evento ter se concretizado (Oliveira, 2007).

Aqui, o evento que se constrói de forma liminar é a vivência dos assaltantes, que através de seus movimentos constrói um agente que pode ser lido como incoerente por quem o observa de uma das partes externas ao espaço liminar. Seus interlocutores são frequentemente vistos como liminares por essência por estes observadores, como se o que lhes impusesse a liminaridade fosse uma qualidade interior a eles mesmos, e não um construto social que desenha entradas e saídas do mundo social (Aquino, 2009; 2010)(Turner, 1974).

Nos casos de assalto a instituições financeiras que envolvem o domínio de cidades e a destruição de patrimônios público e privado, as marcas causadas pelas explosões e demais movimentos da abordagem, continuam a existir e causar impacto mesmo após o fim do evento, o que prolonga a vida de quaisquer sensações instigadas pelos assaltantes e experienciadas pelas testemunhas. Ou seja, muitos podem ser os gatilhos que agora fazem as vítimas sentirem novamente aquilo o que sentiram no momento em que estava a ocorrer o assalto. Não raro, os relatos de incômodo ao serem lembradas visualmente do evento, narram sensações fortes de desconforto e insegurança, uma vez que há a recordação de uma realidade que permitiu um dia o acontecimento do assalto e que, após um cálculo mental de expectativas e possibilidades, a vítima sabe que pode acontecer novamente, mesmo que não exatamente da mesma forma - uma vez que ela não sente receio de acontecer exatamente o que já ocorreu, mas sim um desconforto por saber que sua vida pode estar a correr perigo mesmo sem seu conhecimento e que de repente poderá ser vítima de outro grupo ou pessoa que trabalham com o crime.

O medo instaurado na maior parte dos interlocutores não se refere ao medo específico do assalto a bancos por quadrilhas, mas sim um medo geral da criminalidade intensificado com a experiência de vitimização. Mesmo que seus conhecidos mais queridos e seus bens materiais não tenham sido diretamente vitimizados, pois não eram o objetivo final da abordagem, as testemunhas de repente se encontram em uma nova perspectiva ao encarar um mundo que deu abertura para que tais crimes fossem cometidos. Não apenas as memórias dos acontecimentos da noite de assalto, mas também a destruição então presente na paisagem urbana é um fator que prolonga os sentimentos negativos e a experiência de ser vítima. Ao sair de sua casa no dia seguinte ao assalto, a testemunha se depara com uma outra paisagem ao seu redor. A cidade foi fisicamente alterada e a percepção que os moradores têm sobre ela também.

Acerca da importância da paisagem para a interpretação social das cidades por seus habitantes, temos em Schützer (2011), que utiliza as definições categóricas de Cullen (2009) para analisar o movimento de pedestres pelas cidades e a forma como estes interpretam a paisagem.

A paisagem é um objeto vivo, um espaço cultural dinâmico que se materializa como ideia na mente de cada utilizador. Para reforçar este conceito, Cullen (2009) recorre a três aspectos: a ótica, que é a visão seriada propriamente dita, e é formada por percepções seqüenciais dos espaços urbanos; o local, que diz respeito às reações do sujeito com relação a sua posição no espaço e; o conteúdo, que se relaciona com a construção da cidade, cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana (Schützer, 2011, p. 9).

Assim, entende-se que ao tratarmos da interpretação dos transeuntes da cidade sobre o ambiente ao seu redor, tratamos de um fenômeno tão social quanto psicológico de apropriação do território urbano. A percepção está intimamente ligada aos sentidos sensoriais, uma vez que é através deles que o sujeito captura as informações que serão mais tarde interpretadas e apropriadas de acordo com sua formação social e psíquica específica. Os sentidos precisam, no entanto, de objetos reais que os estimulem, o que o autor chama de “agente estimulador externo”.

Muitos são os fatores que podem trazer ao espectador a probabilidade de uma interpretação negativa acerca da cidade, como ruas mal construídas ou mal conservadas, ladeiras e inclinações desnecessárias, empecilhos no caminho das calçadas, como lixos, entulhos, etc. Todos esses símbolos ao serem observados podem instigar avaliações negativas do habitante para com sua cidade e contra a administração da mesma por parte de seus governantes.

Segundo Aquino (2010), os assaltos a bancos são ofensivas inesperadas que suspendem uma ordem instituída e impõe, momentaneamente, sua própria lógica ao local do assalto, suscitam perseguições policiais, ganham repercussões midiáticas e causam comoção social. Nesta perspectiva, constituem eventos extra-cotidianos e liminares. Assim, os impactos causados pelas abordagens estrondosas podem ser analisados de forma a revelar não apenas seus efeitos negativos por sobre a avaliação da caminhabilidade ou segurança de uma cidade, mas também de uma forma que possa melhor compreender como o evento e os destroços - que são produto ao mesmo tempo que são o próprio evento - existem enquanto matéria de interpretação social e quais repercussões pessoais e sociais a seguem (Aquino, 2009; 2020).

Então, nestes termos, como se comportam as testemunhas do entulho e da comoção causados pela explosão de uma das principais agências bancárias da cidade nas calçadas e ruas em que anda cotidianamente? O que a destruição em forma de símbolo capturado cognitivamente pelos sujeitos pode fazer existir ou trazer à tona, como uma descoberta?

Como observa-se na abordagem em Guarapuava, segundo o G1 Paraná,

Um vídeo mostra o momento em que moradores feitos reféns fazem um cordão humano durante uma tentativa de assalto a uma empresa de transporte de valores de Guarapuava, na região central do Paraná. Assista acima. Segundo a Polícia Militar (PM), mais de 30 homens fortemente armados fecharam os acessos da cidade para o crime. Os assaltantes estavam com veículos blindados. Nas imagens é possível ver pelo menos três homens de mãos dadas em uma rua que fica na região da empresa de transporte de valores, no bairro dos Estados. Um carro também aparece atravessado na rua. Em outra imagem, é possível ver duas pessoas armadas. Não há informações sobre se os homens que aparecem armados fazem parte de uma força de segurança ou se integravam o grupo de criminosos (Veja o [...], 2022).

Episódios como este apresentam alguns dos elementos constituintes mais recorrentes do chamado “novo cangaço”, como a utilização de explosivos e a ação barulhenta com foco no furto de grandes quantias em dinheiro e o bloqueio das vias de acesso à cidade. A utilização de reféns como defesa expande as potencialidades de dano à saúde psicológica das vítimas com o uso da ameaça de morte. A violência é utilizada tanto para este fim quanto para controlar as ações das vítimas durante a abordagem (Phillips, 2011; Luckenbill, 1980).

Para que o furto aconteça com sucesso e para que a ação imponha tamanho terror não é necessário apenas, porém, um poderoso armífero. Todas as abordagens são marcadas por uma produção de violência psicológica e física contra as vítimas que não acontece de forma impulsiva, mas é utilizada como um meio de combate criterioso e bem planejado. Estas operações são formadas a partir de uma séria organização por parte dos criminosos. O objetivo é suscitar e operacionalizar o medo nas vítimas, que são muitas uma vez que se quer paralisar o funcionamento de uma cidade (Aquino, 2010b).

Faz parte de suas estratégias assemelhar-se a uma figura sem valores éticos e morais que poderiam destruir uma vida ou uma cidade em troca de altos lucros financeiros. Assim, por não saber os limites de suas táticas, muitas testemunhas se aterrorizam durante as horas de abordagem. Em casos como os de Araçatuba e Guarapuava, por terem sido abordagens de apelos visuais e sonoros de terror muito mais ostensivos que o assalto de Aracati, é mais comum que mais pessoas passem por sensações de um medo muito mais forte também.

Os efeitos sonoros dos disparos ao alto e a rápida veiculação de imagens e vídeos gravados por testemunhas dos incêndios, tiroteios e reféns são duas formas eficientes de impedir que os moradores saiam de suas casas e atrapalhem o cumprimento da abordagem. Durante as horas do assalto, os moradores permanecem em suas casas e se comunicam pelas redes sociais, e acompanham a abordagem através das informações em recortes que recebem pela internet. As vítimas passam por confinamento, por vezes com todas as luzes desligadas e com as portas fechadas.

Sobre os assaltos do “novo cangaço”, um encerramento é difícil ser construído socialmente, pois a constituição física da cidade é alterada. No relato de Antônio, a ação das quadrilhas se assemelha a uma catástrofe natural, tanto por sua destruição e força, quanto por sua surpresa. A lembrança dos fenômenos naturais entre as testemunhas parece também ser associada à suposta inexorabilidade do acontecimento enquanto ocorre.

Nesse momento, uma importante distinção pode ser feita no momento em que as testemunhas escutam os sons de disparos. Os sons de disparos eram como personagens aterrorizantes nas novelas transmitidas pela rádio, e são também muito utilizados em novelas populares brasileiras. Popularmente reconhecidos no Brasil, os sons de disparos não são os únicos sons causados pelo “novo cangaço”. Sons de explosões não são tão comuns, especialmente em cidades menores (Mira & Borelli, 1996).

Na verdade, eu pensei que poderia ser um desastre natural, assim, de alguma coisa da natureza, aí depois foi que com passou os carros, né? E os tiro. Aí teve troca de tiros com a polícia também. Aí foi que a gente ficou com medo de ter mortes, pessoas inocentes serem atingidas. Uma explosão forte. Aí a gente assim, eu pensei que poderia ser algum desastre natural (Entrevistado E, 2023)

É importante notar o momento em que os sons de disparos entram em ação e as testemunhas tentam reconhecer qual fenômeno - que, por conta dos disparos, é reconhecido como obra artificial - seria constituído por tanto barulhos de destruição natural e por sons de atentados contra a vida. Por esse motivo, a maioria dos cidadãos não sentem-se protegidos completamente em suas reincidências, uma vez que o evento contém as motivações humanas aliadas a um poder interpretado como incontrolável, assim como os fenômenos naturais. A lembrança dos fenômenos naturais e sua imprevisibilidade também configuram a atmosfera transformada da cidade no momento do assalto (Barreira, 2015).

Então, eu até fiquei bem assustada, porque se eu demorasse mais acho que dez minutos eu tinha virado refém. [...] Quando eu desci do meu carro, eu

lembro que eu escutei um assobio. E era um assobio, assim, como se estivesse imitando um passarinho mesmo. Um barulho de pássaro. E eu olhei, assim, e daí eu pensei comigo, ah, deve ser esses moleques aí da rua que tão mexendo com as pessoas, né? Não dei bola, não achei que fosse algo importante. E aí, enquanto eu esperava... Enquanto eu apertei o interfone e esperava o meu namorado abrir, passou um casal na rua caminhando a pé. E esse casal passou e eu escutei de novo um assobio. O mesmo assobio. E até o menino que tava do casal ali olhou pra trás, não viu ninguém, continuaram andando. Atravessaram a rua e foram embora. Eu imagino que esse assobio deveria ser uma forma de comunicação, talvez com eles. [...] Porque na esquina do prédio mesmo, a poucos metros de onde estava estacionado o meu carro, eles tinham feito alguns refêns. Eles pararam o carro e fizeram refêns lá. Só que nessa hora que eu cheguei ainda não estava acontecendo nada (Entrevistado A, 2022).

Por estar tão próxima ao local do crime, Entrevistada A passou por perigos que não imaginava estar correndo enquanto andava de carro, o estacionava e ligava para o porteiro pelo interfone. A lembrança do assalto não é apenas a lembrança de terror, mas também a lembrança de uma cena comum do dia-a-dia que, de repente, ao ser lembrada, adquire uma nuance de suspense, como se houvesse a descoberta de que a cidade esteve a todo tempo a operar sob a regra hitchcockiana da bomba relógio embaixo da mesa.

O suspense é instigado por conta do desconhecimento que as pessoas à mesa têm do perigo iminente, e que de repente é “descoberto”. Cada vez mais, a paz que agora sempre foi dissimulada mostra-se como uma lembrança agonizante entre os interlocutores, o que faz pensar que as lembranças desagradáveis não são apenas dos momentos de terror em que tiveram medo, mas também do momento em que confiaram na coesão social e na segurança de sua cidade. As repercussões emocionais futuras são muito influenciadas por essa quebra de expectativas.

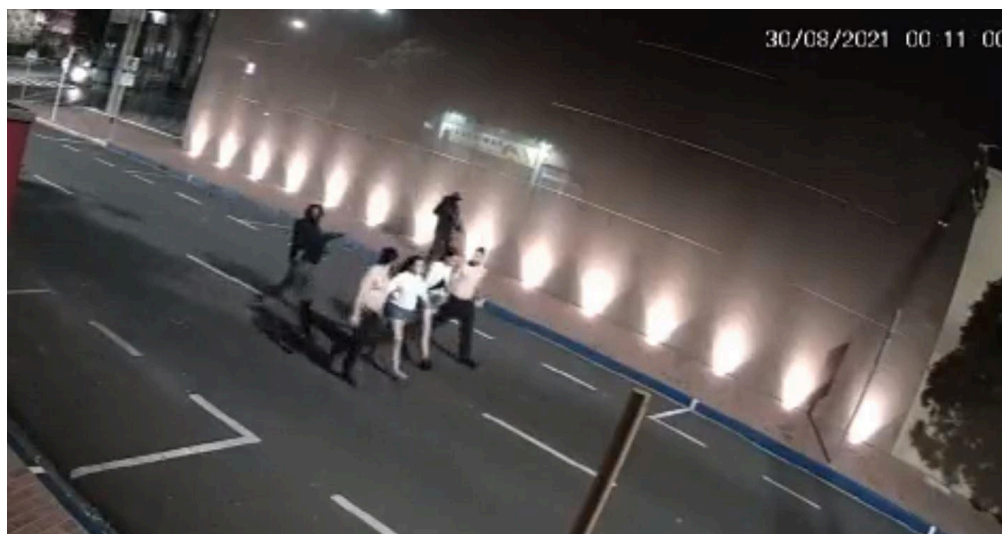
Eu falei, ‘vamos sair daqui, não fica nesse quarto, não dá pra ficar na sala, vamos sair daqui, a gente tem que ficar onde tiver mais paredes, né?’ E o meu namorado queria muito ver o que estava acontecendo. E eu fiquei bem nervosa, assim, porque ele não saía da janela. Aí isso foi mais ou menos uns dez minutos depois que eu cheguei no prédio. Então eu fiquei, quando eu comecei a entrar, assim, pegar o meu celular, entrei no Twitter, comecei a ver e todo mundo estava escutando o que estava acontecendo (Entrevistada A, 2022).

Assim que percebe o que estava acontecendo, que aqueles barulhos eram disparados, Entrevistada A rapidamente transforma-se em um comportamento completamente dominado pelo medo e, então, protetor, guardião, que pode se encaixar no estado de Pânico do medo em Mira y López (2021), que se dá em um plano objetivo como uma “força muscular centuplicada” que é cegamente liberada, tornando, por vezes, o sujeito em Pânico em herói, pois este busca uma fuga para o medo que o empurra para o estado de Terror. Depois de buscar o melhor local em casa para colher melhores informações nas redes sociais, a Entrevistada A e os outros parecem retornar a um momento que oscila entre o estado de alerta e o estado de angústia, duas formas de expressão do medo menos intensas que o pânico. Entrevistada A é atingida pelo turbilhão de informações que correm pelas redes e isso não permite que ela se acalme totalmente.

Nossa, eu fiquei realmente assustada quando começaram a aparecer os vídeos, sabe? Dos reféns que eles fizeram nas ruas e tal. Porque eu pensei, ‘meu Deus, por dez minutos poderia ter sido eu’. [...] Um policial que mora no prédio, que é vizinho do meu namorado, começou a mandar mensagem e tal. Ele falou, ‘Estão soltando a porta forte, apaguem todas as luzes, fiquem longe das janelas. A polícia já está ciente, já está tomando as providências. Não saiam por nada na janela, não saiam na rua, fiquem aí até acabar’. E pelo que eu tinha visto em outros lugares, eu pensei, ‘meu Deus, isso aqui vai até amanhecer’. Porque nas outras cidades acho que foi isso, não me lembro bem, mas demorou bem mais do que demorou aqui (Entrevistada A, 2022).

O momento em que os reféns são expostos durante a abordagem podem ser observados na Figura 4:

Figura 4 - Reféns



Fonte: Istoé (2021)

Ana nos conta agora um fato que observou e que, segundo ela, foi o momento de maior medo que sentiu na abordagem. Foi um momento de tensão em que a Entrevistada A pensou estar provavelmente próxima dos assaltantes. A seguir, o relato deste momento que a interlocutora destaca não ter contado à polícia por medo de ser reconhecida pelos assaltantes.

Era aqueles Fiat Premium, sabe? ... mais antigo. [...] ele estacionou do outro lado da rua, no meio da rua. Parou na frente de uma casa, ficou ali parado. E ele estacionou lá e ficou parado lá o tiroteio inteiro, durante todo o assalto ele não saiu de lá. E, assim, isso era no meio da quadra, na esquina tinha em frente. Como que os assaltantes não fizeram nada com aquele carro, sabe? Eu achei muito estranho. E aí tinham dois homens dentro daquele carro, parados lá. Durante o assalto todo, eles ficaram dentro daquele carro. E depois que eles foram embora, que os assaltantes foram embora, que a gente escutou barulho de carro sair correndo, que eu vi no Twitter mesmo, vi no Instagram, que eles já estavam passando lá perto da BR e iam embora, esse carro manobrou e entrou dentro da casa na frente do prédio. E estacionou lá dentro. No outro dia de manhã, depois que eu consegui dormir, eu acordei e o carro ainda estava lá. Parado dentro do pátio da casa. [...] Aí eu vi depois, mais alguns dias, aquele carro por lá. [...] Depois ele saiu, ficou fora uns dias. Aí num domingo eu lembro que ele voltou. Estacionou ali. Ficou ali mais um tempo. E aí depois desses dias eu não vi mais, desde então. Não vi mais aquele carro lá. E aí achei bem suspeito (Entrevistada A, 2022).

Quão inédita para Entrevistada A e seus vizinhos foi essa situação de suspense que durou dias. Um carro a assombrar uma rua, uma polícia que não se sabe se escutou os pedidos da população... A Entrevistada A, pensei, certamente adquiriu algum novo hábito relacionado à vida no trânsito, uma vez que sua experiência de perigo extremo ambas envolveram carros,

como quando ela chegou e estacionou perto do carro que acredita ser ocupado por dois assaltantes, quanto quando observou o movimento suspeito desse carro e dos dois estranhos nos dias seguintes.

Ana relata que ela e seus vizinhos durante certo período de tempo continuaram em um estado de Alarme (Mira y López, 2021), que também varia em estados de Concentração e Prudência. Alguns dos sinais dessa movimentação emocional são, no estado de Alarme em um plano objetivo, uma atitude de desconfiança intensa, movimentos supérfluos de proteção e de uma mudança no curso prático. E quanto às duas outras formas de Medo, em um plano subjetivo, os sujeitos apresentam um estado de constante preocupação no íntimo consciente, anseio de assegurar seu caminho e o domínio da situação e o temor do seu fracasso (Mira y López, 2021).

Em retorno à utilização das categorias de Turner (1974), o presente trabalho sugere que há uma suspensão de valores e crenças similar ao efeito da liminaridade vivida pelos interlocutores de Aquino (2020), ou seja, ela é também experienciada pelas testemunhas destes assaltos no momento em que a abordagem ocorre e nos dias que a seguem.

Então quando a gente sai pra esquina a gente já vê o movimento aqui [...] tipo um susto, uma sensação de alerta, eu senti um pouco de desconcentração no momento, a gente fica focada só naquilo ali o dia todo, o que vai acontecer, as investigações... eu não pensei o que poderia acontecer nos outros dias, a minha visão, pra mim, era focada naquele dia, nas expectativas do que iria surgir, se iam descobrir quem foi (Entrevistada A, 2022).

Por certo, o evento e suas consequências inevitavelmente atrai a atenção dos transeuntes e moradores e não é inesperado que durante determinado período sejam as repercussões do assalto o assunto principal a ser comentado pelas ruas e conversas virtuais. Porém, há uma profundidade nesse comportamento que não pode ser observada se tomarmos como óbvia ou simplória esse comportamento social.

Sobre a atuação dos assaltantes, tratam-se de modos de atuar, cujas fachadas recorrem a elementos visuais e auditivos, tais como carros com tração nas quatro rodas, armamento pesado, disparos e gritos em tom de ameaça. Estas operações assumem, de maneira acentuada, as características dos rituais elencadas por Turner (1974), sobretudo, a liminaridade e a suspensão do cotidiano, que o autor apresenta como definidoras destes eventos.

Em uma ocorrência registrada no Ceará, um município com pouco mais de doze mil habitantes, teve sua sede “sitiada” por mais de uma dezena de assaltantes. Durante a sucessão de roubos que a “quadrilha” realizava, uma viatura policial tentou sair em busca de reforços nas cidades vizinhas, mas foi alvejada pelos criminosos. Em sua tentativa de fuga, os policiais a bordo desta viatura foram alvos de disparos, ao mesmo tempo em que, aos gritos, os assaltantes os chamavam de “vagabundos”. Esta cena de humilhação à força policial local teve lugar na rua principal da cidadezinha. Portanto, “assaltos no vapor” recorrem a uma performance que suspende dinâmicas cotidianamente instituídas impondo, momentaneamente, uma nova configuração de papéis e formas de se situar no mundo. No caso mencionado, a Polícia foi destituída de sua função de perseguir e passou a sofrer perseguição armada (Aquino, 2020).

Embora os rituais analisados por Turner, especificamente os realizados pelo povo Ndembu, um grupo étnico que ocupa parte da região noroeste da Zâmbia, na África, sejam construtores de agregações sociais que servem como pilares de sua sociedade, uma vez que esses rituais são parte importante de sua cultura e história de seus indivíduos, os eventos liminares detalhados por Aquino não têm essa mesma função. Os movimentos de seus interlocutores alteram as hierarquias, certamente, mas os efeitos de suas ações não são vistos pela população que os testemunha como necessários, mas sim como formas de degeneração social.

Se essa atuação leva os assaltantes a um estado de liminaridade, onde se localizam as suas vítimas nesses momentos? São também retiradas do conjunto de rituais e eventos sociais que compõem a sua realidade, uma vez solidificada, mas que agora se mostra instável e mutável. Inclusive, um sentir diferente acerca do tempo pode ser notado tanto durante a abordagem quanto durante os dias que a seguem. Ou seja, o estado liminar é ainda real nas testemunhas dos destroços e das investigações policiais por um tempo indeterminado. Não raro as vítimas se sentem deslocadas e sua percepção acerca da realidade anterior é alterada de forma que o dia seguinte é uma realidade mais inédita do que transformada.

Para melhor compreender essa parte da experiência individual das testemunhas evoco as categorias utilizadas por Goffman (1986) em sua análise do processo de realização subjetiva experimentada individualmente que chama de *framing* ou “enquadramento, que forma a estrutura cognitiva empregada subjetivamente pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam. O processo de enquadramento é a experiência subjetiva e cognitiva de percepção de uma realidade que lhe é dada.

As testemunhas podem perder a confiança que uma vez tiveram na coesão social proporcionada pela vida nas cidades alvo, geralmente de pequeno ou médio porte e

relativamente distantes da capital dos Estados e, portanto, tomadas como pacatas. Ou seja, um evento que desestabilizou por algumas horas o tecido social, pelas dimensões que este assume nos dias seguintes, é capaz de alterar toda a visão que os moradores de uma cidade têm acerca de seu próprio cotidiano apenas pela descoberta da possibilidade de sua existência.

Essa abertura no cotidiano foi feita por um grupo de pessoas, as testemunhas têm ciência disso e esse já é conhecimento o suficiente para trazê-las de volta, ao serem lembradas dele, pelo menos em um nível subjetivo, a um estado de desconforto e desconfiança quanto à realidade material e social ao seu redor, o que em Mira y López (2021) é categorizado como o medo absoluto, ou mágico-intuitivo. Esse medo dá abertura à crença em diversas narrativas políticas falsas impressas no momento em que o evento é discutido por agentes de influência social, que serão analisadas mais adiante.

Não apenas o que vêem nas ruas são elementos que contribuem para o alastramento desse sentimento, mas também os discursos que são trocados por moradores, escutados e lidos na internet e televisão, são fundamentais para que essa nova realidade em que os moradores se veem adquira mais e mais tons de real. A partir disso, variados são os produtos que podem surgir e poucas vezes os resultados dão abertura a pensamentos positivos da população frente à situação.

Nesse momento as mídias revelam quão essenciais são seus instrumentos para a formulação da opinião popular sobre determinados assuntos. Frequentemente os assaltos são compartilhados efusivamente pela internet e as pessoas que acompanham seu desenrolar virtualmente geralmente são um grupo maior do que o grupo que sofreu diretamente as consequências dos assaltos. Ou seja, as dimensões dos grandes assaltos são expandidas não apenas pelas imagens veiculadas na internet e televisão, mas também pelos discursos que as acompanham, muitas vezes permeados de um teor político conservador.

Assim, o efeito liminar que sugere a instabilidade social como uma nova realidade efêmera, solidifica-se, por vezes, por perdurar por mais tempo que a abordagem as suas ferramentas de amedrontamento, como os visuais de destruição, fazendo com que suas consequências nos sujeitos tenham duração indefinida, podendo ser sentidas novamente muito tempo depois de seu enfraquecimento ao ter contato, esse sujeito, com algum objeto ou evento que sirva como gatilho para o retorno de memórias e pensamentos intrusivos, disfuncionais e desconfortáveis.

Turner (1974) chama de “subjuntividade” a capacidade que os rituais liminares têm de alterar a consciência daqueles que participam de seu processo. O espaço aberto pela liminaridade dá abertura para uma nova compreensão da realidade não mais baseada em fatos

concretos, mas sim em uma lógica que se baseia no “e se” e no “como se”, formas menos objetivas de compreender o mundo ao redor e que também se baseia na aderência às possibilidades e potencialidades, do que pode acontecer. Nesta passagem entre realidades, os sujeitos podem adquirir novas formas de adaptação ao ambiente ao seu redor.

No caso de Aracati, os moradores tiveram de se deparar com uma nova cidade cujo passado foi pacato, mas que atualmente impõe a seus moradores uma nova forma de viver baseada em vigilância, receio e precaução. Os vários assaltos a banco acontecidos na região dão aos moradores da cidade abertura para uma nova interpretação de sua condição. Antes, era uma realidade confiável, mas agora a realidade é traiçoeira e requer mais cuidados. Embora tenham em geral uma boa avaliação da polícia no caso do assalto ao Banco do Brasil em 2013, especificamente, a atuação policial, mesmo que satisfatória, não compensa o fato de que o assalto ocorreu, essas pessoas criminosas existem e a possibilidade de que aquilo aconteça novamente é real.

Não apenas as expectativas por possíveis acontecimentos aleatoriamente letais para os quais abordagem abre possibilidades - uma vez que são potencialmente ministradas por facções, se não por figuras conhecidas no mundo do crime - mas também pelas expectativas construídas a partir do contato de suas conjecturas com as informações difusas que as testemunhas receberam pelas redes sociais, um dos elementos situacionais que agrava o sentimento de ansiedade e medo nas testemunhas, o que gera a forma de medo aqui tratada, que faz o sujeito sentir-se em uma película cinematográfica.

4 AS INSTITUIÇÕES DE SEGURANÇA COMO ESPAÇOS DE REPRODUÇÃO DO MEDO

Segundo o portal virtual oficial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, a "Operação Angico" tem como objetivo prevenir crimes de roubo e furto a estabelecimentos bancários com foco no interior do Rio Grande do Sul. Em algumas notícias, quando há necessidade de explicar a motivação que gerou a operação, as matérias postadas no site apontam à existência de uma modalidade de crime chamada "novo cangaço" em que os criminosos se utilizam de reféns.

Segundo a Brigada Militar Rio Grande do Sul,

A operação seguirá nos próximos meses com base em três estratégias principais, sendo a primeira delas a fiscalização ativa para evitar desvio, furto e roubo de explosivos. A segunda com operações focadas em prisões

de criminosos e a utilização de efetivo especializado com suporte de inteligência policial (Operação Angico [...], 2020).

A Operação Angico, foi importante para a popularização do termo “novo cangaço”, pois além de admitir a contenção desses assaltos como uma demanda social, torna, de certa forma, oficial a conexão difundida pela mídia desses grupos de assalto com as quadrilhas do cangaço “tradicional”.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul,

Com o foco em prevenir e combater ataques ao estilo novo cangaço, a Operação Angico foi assim batizada, em referência ao local da morte de Lampião. O cangaceiro e seu bando foram mortos em confronto com a polícia na gruta de Angico, no município de Poço Redondo, no Sergipe, em 1920 (Operação Angico da [...], 2020).

A operação contou com a adição do termo “novo cangaço” nas habilidades que os cursos da polícia capacita. A 14ª edição do curso de especialização em Operações Especiais agora também “*capacita o candidato a atuar em operações antibomba, bem como nas ocorrências de ataques às instituições financeiras na modalidade “Novo Cangaço”*”. A operação Angico também foi amplamente divulgada pela imprensa nacional, não apenas por seus resultados expressivos em relação à diminuição da ocorrência de assaltos nesta modalidade, mas também por ser uma operação que contou com a cooperação das polícias de diferentes estados (Curso de [...], 2022).

Segundo a Brigada Militar Rio Grande do Sul,

O BOPE participou do Encontro Técnico Interestadual entre as Unidades de Operações Especiais do RS, SC, PR e SP na cidade de Florianópolis, nos dias 22 e 23 de abril. Na sexta-feira, o Comandante Interino do BOPE da Brigada Militar, Maj Santos Rocha, apresentou os protocolos de atuação do Batalhão em Ocorrências de Novo Cangaço e de Domínio de Cidades. O objetivo do evento foi conhecer e debater práticas e técnicas operacionais e a interoperabilidade entre as Corporações (Encontro técnico [...], 2021).

Em Silva & Beato (2013), a eficácia da polícia pode ter um impacto significativo no sentimento de insegurança pública através da confiança, pois quando a polícia é eficaz na prevenção e resolução de crimes há um aumento da confiança da população na instituição e da cooperação, pois quando a polícia é eficaz as pessoas se sentem mais confortáveis em denunciar e relatar crimes. Sua boa eficácia, no entanto, depende da avaliação social das

instituições de segurança e isso envolve outros fatores além da própria atuação policial. A imprensa, por exemplo, é apontada como um dos agentes responsáveis pela avaliação popular.

Os esforços da operação trouxeram bons resultados, o que foi divulgado pela Brigada Militar em matérias que acompanharam as etapas da ação e com vídeos postados no site e no Youtube em que se celebra a operação. A Figura 5 é uma das fotos tiradas pelos policiais e publicadas no site da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Figura 5 - BOPE na Operação Angico



Fonte: BOPE (2019)

A Operação Angico impactou na redução dos crimes ao sistema bancário do espaço que ocupou, mas também na forma como estes são interpretados socialmente. Uma operação policial que investiga crimes ocorridos no Rio Grande do Sul e que adota para si um nome que faz referência a morte de um ícone do cangaço do Nordeste certamente confirma a eficácia simbólica desse inimigo da sociedade que é o “novo cangaço” - e os esforços em dominar as técnicas dos assaltantes também.

Segundo o jornal O Sul,

Os ataques a banco no geral diminuíram, sendo furtos ou roubos, na modalidade do “novo cangaço” ou não. Um grande exemplo disso é a comparação do primeiro semestre de 2016 com igual período de 2020. Os ataques a estabelecimentos bancários passaram de 150 a 29. De janeiro a

junho de 2019 e mesmo espaço de tempo em 2020, a redução que já era significativa passou de 59 roubos e furtos as instituições bancárias a 29. Uma queda brusca de 50,8%'. A Operação Angico, da Brigada Militar, é vista como responsável por importante contribuição nessas estatísticas. A instituição relata que intensificou ações de enfrentamento a esses crimes e atua com base em três estratégias: fiscalização ativa – para evitar desvio, furto e roubo de explosivos; operações focadas em prisões de criminosos; e a utilização de efetivo especializado com suporte de inteligência policial.[...] De acordo com o subcomandante Geral da BM, desde que a operação foi implantada no Estado, no segundo semestre de 2019, assaltos a bancos com o uso de explosivos vêm sendo coibidos quase a zero por cento (Ações da [...], 2020).

Diante desse cenário, as polícias que atuam nas operações policiais contra o domínio de cidades de outros estados se encontram em uma posição em que não existem desculpas que as autoridades podem dar para a população vítima acerca da imprevisibilidade do ocorrido. Uma vez que esses assaltos alcançam repercussão nacional, é esperado pela população que as instituições tenham capacidade de as proteger e, assim, cumprir com o que se constitui como a base da legitimidade do policiamento, sua capacidade de resolução de problemas (Miranda & Oliveira, 2017).

Embora a maior parte das testemunhas se apresente compreensiva diante da desvantagem bélica da polícia, há interlocutores de Guarapuava e Araçatuba, lugares em que os assaltos ocorreram mais recentemente que em Aracati, que já tinham conhecimento desses assaltos antes deles acontecerem em suas cidades e acreditam que, embora os assaltantes tivessem mesmo um poderoso arsenal, era papel do governo já ter algum plano de contingência. Ou seja, o papel da polícia é muito delicado nesses momentos em que seu trabalho está sendo avaliado por toda uma população.

Em Aracati, os responsáveis pela investigação hesitaram em dar acesso público à ausência de resultados concretos de sua investigação, talvez, por medo de que o encerramento dado ao povo aracatiense seja aberto novamente e a atuação da polícia seja posta em questão. No caso de Guarapuava, a extensa e populosa operação policial apresentou bons resultados e pôde dar um final mais definitivo para uma operação que, ao contrário de todo o contexto do assalto em Aracati de 2013, teve uma demanda muito maior por parte da mídia e da população a fim de pressionar a força policial em sua empreitada.

Mesmo assim, as repercussões do assalto em Aracati não foram menos graves para seus moradores, e, embora as avaliações da polícia de Aracati sejam satisfatórias, as testemunhas do assalto relatam uma mudança negativa no seu sentimento de segurança na

cidade. Assim, tem-se, na produção de medo, a produção de violência difusa, que, em Barreira (2013), é a insegurança que os moradores de uma cidade têm ao sentir a - possível - presença de um perigo que lhes é imensurável. Dessa forma, aqui não se trata de uma avaliação da atuação concreta da polícia, mas sim da compreensão da forma como as vítimas interpretam a atuação da polícia diante esse eventos.

4.1 Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial em Guarapuava

Em Guarapuava, o “novo cangaço” é tratado nas narrativas midiáticas como uma categoria real, apenas as entrelinhas que por vezes os destacam como modelos de roubo. As manchetes raramente o sugerem como uma modalidade de roubo e os textos costumam de alguma forma aproximar as origens do fenômeno no Nordeste. Os títulos dizem a existência de um grupo chamado de “novo cangaço” como se fosse uma única força criminal que estava atuando em um estado do país e foi para outro, como um lobisomem errante que assombra cada cidade por vez.

Segundo o portal de notícias R7,

Cerca de 30 homens armados atacaram, na noite deste domingo (17), uma transportadora de valores da cidade de Guarapuava, no interior do Paraná, a cerca de 255 km da capital, Curitiba. O grupo fez moradores reféns, atirou contra o batalhão da PM (Polícia Militar) do município e deixou projéteis de fuzil espalhados pelas ruas. [...] Serviço de Atendimento Móvel de Emergência), um deles foi baleado. Nas imagens compartilhadas nas redes sociais é possível ouvir tiros disparados. Veículos foram incendiados no meio das ruas da cidade, que teve diversas vias bloqueadas. “Houve ataque à base da Proforte em Guarapuava. Orientamos a população para que se abriguem em casa”, relatou a PM (Com reféns [...], 2022).

A abordagem teve seu início quando os assaltantes bloquearam as duas saídas do batalhão com caminhões em chamas. Houve troca de disparos e três policiais foram alvejados. Enquanto isso, a transportadora de valores é invadida e os assaltantes capturam três reféns a fim de utilizá-los como cordão humano de proteção e ameaça. Os policiais que estavam fora do batalhão, em certo momento, notaram a abordagem e deram início a um plano que consistia em bloquear as saídas da cidade. Assim, os assaltantes poderiam capturar o dinheiro, mas sem sua fuga seriam surpreendidos tanto pela polícia livre quanto pelos membros da polícia encarcerados, mas soltos após a fuga dos assaltantes.

Figura 6 - Caminhão em chamas



Fonte: Jovem Pan (2022)

Os motoristas da BR-277 foram surpreendidos por um caminhão em chamas, como mostra a Figura 6, que bloqueou a passagem de veículos pela rodovia federal a fim de dificultar o acesso da polícia à cidade. A relação direta das duas ocorrências foi confirmada pela Polícia Rodoviária Federal (PRF). Os assaltantes, após uma tentativa frustrada de capturar o dinheiro dos cofres, fogem e, durante a perseguição da polícia, entram em confronto novamente, o que força os assaltantes a abandonarem os seus veículos.

Figura 7 - Carros abandonados



Fonte: Marcos Xavier Vicente, Gazeta do Povo (2022)

A foto mostra alguns dos carros abandonados pela quadrilha em tentativa de fuga e a força tarefa imediatamente envolvida na investigação do crime. A equipe capturada pela foto é apenas parte da força tarefa organizada em conjunto para a caça aos assaltantes.

Segundo o jornal Gazeta do Povo,

Só a Polícia Militar (PM) já estava na manhã desta segunda-feira com 200 policiais em Guarapuava, contando o efetivo local e grupos especializados de Curitiba. Foram enviadas da capital equipes do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), incluindo o Comando de Operações Especiais (COE), equipe de elite que conta com atiradores de elite equipes táticas de ataque, e do Esquadrão Antibombas. Também partiram da capital equipes do Batalhão de Choque, das Rondas Ostensivas de Natureza Especial (Rone) e do Setor de Inteligência da PM (P2). Mais equipes da PM, incluindo policiais do Choque de Londrina e Cascavel, chegam na tarde desta segunda para reforçar as buscas. A Polícia Civil, que vai comandar o inquérito, enviou equipes do Centro de Operações Policiais Especiais (Cope), unidade de elite especializada na investigação de crimes do novo cangaço. Peritos da Polícia Científica de Curitiba também reforçam a investigação. Diante dos boatos de que penitenciárias haviam sido invadidas, a Secretaria de Segurança Pública também reforçou o efetivo da Polícia Penal nas carceragens da região. Já o Ministério da Justiça determinou o envio de reforço de agentes das polícias Federal e Rodoviária Federal para ajudar nas buscas e na investigação (Vicente, 2022a).

Há uma tentativa da força policial de superar o arsenal tecnológico dos assaltantes em meio a um cenário cujos seus passos são monitorados pela mídia. Todo o desenrolar das ações de busca e apreensão da polícia sobre os assaltantes deste caso foi amplamente

divulgado pela mídia, o que certamente cria um clima de pressão e cobrança dentro das instituições públicas de segurança. Uma prova da necessidade que a força policial tem de manter uma imagem de estabilidade e competência pode ser vista quando, quatro dias depois do roubo, o chefe do batalhão de Guarapuava entra em maus lençóis:

Segundo o jornal Band,

O comando da polícia militar do Paraná decidiu afastar o chefe do batalhão de Guarapuava. O tenente-coronel Joas Carneiro Lins foi visto dançando em uma festa realizada nesta quarta-feira (21) na cidade. Há 4 dias, a cidade sofreu o ataque feroz do novo cangaço e ninguém foi preso (Leite, 2022).

Como um dos representantes da força policial, ser pego em um momento de lazer durante o desenrolar de um evento tão traumático e impactante certamente não poderia causar uma boa repercussão na internet. Como vimos, os memes e comentários online fazem parte da estrutura do fenômeno e, de certa forma, o desenrolar de suas narrativas influencia e é influenciada pelos acontecimentos *aqui fora*.

Ana é a interlocutora que utilizarei neste momento, pois seu relato conta com informações muito interessantes, algumas, inclusive, que a vítima não compartilhou com a polícia no momento em que as investigações estavam em seu auge, logo após o roubo. Por enquanto, é interessante o que a entrevistada diz sobre uma das demonstrações de força da polícia durante a abordagem.

Depois de muito tiro, eu não sei exatamente o que aconteceu, mas o que dizem aqui na cidade é que depois que saiu o caminhão-tanque, caminhão-tanque não, era um carro forte dos militares, na verdade, os militares não tinham autorização para se meter, mas eles só saíram pra dar uma voltinha com aquele carro forte, acho que aquele carro forte nunca tinha nem saído de dentro do pátio do exército, mas acredito que saiu. Eu nunca tinha visto aquele carro forte, primeira vez, eu até brinquei, é uma situação horrível, lógico, uma situação super triste, mas eu até brinquei com meu pai e falei, ‘nossa, eles devem ter até ficado felizes saindo daquele carro, porque acho que nunca sabiam do lado de dentro’. Foram estrear, e eles não deram realmente uma volta com o carro, assim, eles não usaram força nenhuma, mas depois daquilo, que saíram as imagens por tudo e tal, os assaltantes fugiram (Entrevistada A, 2022)

É interessante esse relato, pois contradiz o que se foi compartilhado nas redes sociais e por parte da mídia. A utilização do carro forte foi celebrada na internet e usada pelos periódicos, virtuais e televisivos, para exemplificar a força da ação policial. Por mais que o carro forte tenha um apelo imagético, a realidade é que ele pouco havia sido operado e, uma vez em campo, aos olhos das testemunhas, sua atuação teve um quê de cômica.

A presença do exército nas ruas de Guarapuava, oremos para que esse terror acabe logo (Igor Matheus, 2022).

Este é um dos exemplos da repercussão do roubo no Twitter. O usuário que publicou esta mensagem anexada a um vídeo do carro forte mora em Porto Barreiro, município que fica a duas horas de Guarapuava, não sabia das condições de uso do carro forte e não pôde ter qualquer avaliação acerca das circunstâncias que levaram o carro forte a ser uma boa forma de intimidação, que, segundo a Entrevistada A, não passou de uma forma de blefe dos policiais, que em seu percurso não pareciam ter uma atitude de ataque, mas de demonstração de força, seja para os assaltantes ou para as testemunhas. Sua experiência ainda foi de um conforto imediato proporcionado por ver uma reação da polícia, mas com um misto de decepção pela falta de preparo dos policiais.

Como outro exemplo, segundo um usuário do Twitter,

Em assalto ocorrido em Guarapuava/PR, o exército colocou o blindado Urutu nas ruas e o pesado veículo nada fez (Marcos Cesar, 2022).

O autor da postagem representa a parcela dos que não acreditaram na ação policial, pois estava na cidade no momento em que ocorreu e pôde acompanhar de mais perto o desenrolar da situação.

Eu lembro que ouvi muito claro a voz de um deles, ele estava longe, mas lá na esquina do prédio, não dava para ouvir o que eles estavam conversando, mas um deles passou em frente ao prédio, e aí eu consegui ouvir que eles estavam bem bravos, e um deles gritou alguma coisa tipo, filha da puta, o que adianta essa merda, falando assim, sabe?[...] Era o assaltante que estava

passando na frente, e depois disso, eles começaram a fugir. E eu lembro até que eu comentei depois com o meu namorado, eu falei, “mas o sotaque dele não era de fora, o sotaque dele era paranaense, era bem o jeito que a gente fala por aqui” (Entrevistada A, 2022).

A efetividade do carro-forte como símbolo de força parece, então, razoável para sua platéia em geral. Os assaltantes foram forçados a não arriscar apostar um *all-win* diante de um possível blefe, mas que não era tão blefe assim... uma vez que, ao ganhar tempo com a ação do carro-forte dos policiais, haveria mais chances dos criminosos serem surpreendidos pelos reforços. Os assaltantes, então, desistiram do jogo. Outra vez, os assaltantes caem na própria armadilha e a operação de medo que tão bem arquitetaram é frustrada, neste caso, pela falta de tempo e habilidade ao tentar invadir o cofre.

A Entrevistada A conta um fato interessante sobre a ação policial:

Eles estavam dependendo da chegada de policiais de fora, porque eles trancaram todas as saídas das delegacias, não sabiam como sair. Tinha dois policiais baleados que estavam no hospital já. Eles acabaram com a delegacia. Encheram, ergueram a polícia na bala e parecia que eles não tinham outra saída, sabe? Eles ficaram encurralados. [...] eles disseram que os policiais foram convocados, né? Mas na verdade não teve uma convocação exatamente. Eles estavam conversando por WhatsApp entre os amigos policiais. Inclusive, esse policial [...] estava em casa, dormindo, e ele recebeu uma ligação. ‘Cara, pelo amor de Deus, vem aqui na tropa de choque, porque estão assaltando e a gente precisa de policial. Está todo mundo preso na delegacia e ninguém consegue sair’. Ele teve que sair da casa dele, pegar, ele tem lá porte, posse, não sei, de arma, ele pode andar armado, né? Pegou a arma dele e foi. Inclusive, levou a mulher dele, que nem é policial, levou a mulher dele junto, porque a mulher dele tem lá o negócio para usar arma. E foram os dois para lá para ajudar os policiais. Então não teve um, pelo que eu percebi, não teve um chamado, sabe? Teve uma conversa entre os policiais. [...] Foi bem voluntário. Eles até depois, em entrevista, elogiamos os policiais da reserva que se prontificaram a ajudar. Sim, mas porque estavam ligando para eles, desesperados, para eles irem lá ajudar. Não houve uma convocação oficial (Entrevistada A, 2022).

O momento do assalto para a polícia, segundo a entrevistada, foi de desespero. Não é algo que a surpreende, uma vez que parte da força policial estava presa, mas aqui ela demonstra insatisfação com a forma que o roubo é divulgado. Segundo a Entrevistada A, policiais não mais atuantes foram convocados, pois não haviam mais policiais disponíveis no local da abordagem. Não apenas neste momento, mas em outras situações, Entrevistada A se

deparou com o despreparo da força policial diante da quadrilha e o fato de isso não ser comentado a faz refletir.

Só provou pra mim que eles não estão preparados para esse tipo de coisa. Não culpo os policiais, eles fizeram dentro das possibilidades que eles tinham, né? Eles conversaram, eles brigaram, eles mandaram mensagem por WhatsApp, mas eu acho que os superiores a eles, as pessoas que tão no comando não tomaram as providências devidas, né? Eles poderiam ter feito melhor. Eles não fizeram (Entrevistada A, 2022).

Este comentário se refere ao momento do assalto, uma vez que os avanços das investigações se provaram eficazes o suficiente para encontrar parte dos assaltantes. O plano de chamar reforços visto pela Entrevistada A como uma tentativa desesperada foi utilizado pela força policial local como forma de assegurar o mérito de sua operação que, segundo pronunciamento oficial do batalhão, não estava sendo devidamente reconhecida.

Segundo o jornal Gazeta do Povo,

Policiais do 16º Batalhão em Guarapuava (16º BPM) questionaram a versão da Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp) e do comando da Polícia Militar (PM) de que foi executado um plano de contingência para barrar a tentativa de assalto a uma transportadora de valores na noite de domingo (17). O quartel da PM foi atacado pelo bando com tiros de alto calibre e um caminhão incendiado no portão para impedir que os policiais saíssem enquanto outra parte do grupo atacava a empresa para tentar levar o dinheiro do cofre. Na ação, três policiais e um morador da cidade se feriram.[...] Em nota, os praças (militares que não são oficiais, com as patentes de soldado, cabo, sargento e subtenente) do 16º Batalhão afirmam que a contenção não foi resultado de um plano determinado pelo comando, mas sim de decisões tomadas pelos próprios policiais que estavam trabalhando. ‘Nos reunimos nos mais diversos locais e juntos traçamos planos e objetivos de como deveríamos agir. E assim foi feito. Todas as ações realizadas no primeiro momento foram fruto da organização espontânea dos policiais e não de planejamento prévio como está sendo noticiado’, relata o texto dos praças do 16º BPM (Vicente, 2022b).

Então houve uma disputa de narrativas, uma vontade das instituições de tomarem para si o mérito de uma operação que se iniciou dramática, mas que foi continuamente sendo bem sucedida ao ponto que, ao invés de serem tímidos quanto sua participação, o batalhão vai em público tomar para si sua parcela de honra. É a tentativa de acumulação e manutenção de

capital simbólico, e isso depende da construção imagética de uma instituição de segurança pública que inspira estabilidade e confiabilidade.

Os policiais não estavam preparados para isso. Não sabiam que existia uma possibilidade de um ‘novo cangaço’ estar na região, conforme as autoridades falaram que existia esse plano de contingência e que eles estavam se preparando para um possível ataque a qualquer momento. Como se todo o Brasil estivesse se preparando para isso, sabe? Só que, na verdade, ninguém ficou preparado. Ninguém estava preparado, [...] pelas coisas que eu vi enquanto a gente estava lá escondido, e as coisas que eu via na internet, que eu via no Twitter e tudo mais, parecia que a polícia estava tão impotente quanto eu (Entrevistada A, 2022).

É logo a partir do dia seguinte, quando o assalto fracassado acorda anônimo, sem rosto, que a pressa em busca dos assaltantes acorda. Na inspeção sobre os oito carros abandonados apreendidos, a polícia encontrou vestígios de sangue em vários deles, supostamente derramados pelos assaltantes quando, em combate, houve troca de disparos com a polícia. Três helicópteros foram disponibilizados para busca dos foragidos.

Na época, o então ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, afirmou estar *“atento e operante para prender os responsáveis pelos ataques”* e revelou o envio de reforços da Polícia Federal (PF) e da Polícia Rodoviária Federal (PRF) para a região. A operação conjunta recebeu tanta atenção quanto proveu aos seus investidores bons resultados. Além de estarem em vantagem inicial frente aos assaltantes a se tratar da disputa sobre quem há de carregar a narrativa do vencedor, os resultados da investigação relatam ter conseguido capturar a grande maioria dos participantes do assalto.

Segundo o jornal O Tempo,

As polícias civil, militar e científica do Paraná, em conjunto com as polícias do estado de São Paulo, anunciaram ter prendido 17 suspeitos que participaram do mega-assalto a uma transportadora de valores na cidade de Guarapuava (PR), em abril deste ano. [...] A operação mobilizou mais de 700 policiais e os resultados foram anunciados durante coletiva de imprensa da Secretaria de Segurança Pública nessa terça-feira (20). [...] A investigação, que já dura cinco meses, prendeu 24 pessoas até o momento, sendo que três ainda continuam foragidas e outras oito morreram em conflito. Na operação de ontem, três indivíduos foram mortos em São Paulo, sendo um dos líderes que planejou o assalto (Guarapuava: Polícia [...], 2022).

Ou seja, devido a um medo Orgânico¹¹ produzido artificialmente, as respostas a essa ameaça podem apenas ser sociais e feitas a partir de um esforço conjunto das instituições de segurança, o que deixa as vítimas em um estado de desamparo, pois elas não podem se precaver contra esse inimigo com essas instituições que tão facilmente podem também perder ou não ser dignas de sua confiança. O sentimento de justiça é cuidadosamente guardado nos ordres jurídicos e vertido nas grandes curvas de tendência antibiótica utilizada na retórica religiosa de onde sai constantemente a promessa do fim da Morte e da chegada ao Paraíso. A necessidade de aprovação é cultivada por uma grande maioria das instituições, organizações e personalidades e o medo da desaprovação é o motivo de sua turbulência (Mira y López, 2021).

Sobre a atuação da polícia no assalto em Guarapuava, muitos esforços foram feitos em busca dos assaltantes, e muito se repercutiu os resultados da operação na imprensa e na internet. Assim, mesmo apresentando uma performance de demonstração de poder imediata menos eficaz do que os assaltantes, durante as investigações da ocorrência, a força policial conseguiu obter uma avaliação popular com resultados em geral positivos acerca de sua atuação.

4.2 Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial no assalto em Aracati

Em Aracati - assim como em Araçatuba e em Guarapuava, as vítimas souberam no dia seguinte que o assalto acarretaria em grandes inconveniências em sua rotina e depararam-se com uma realidade até então, para muitos, inédita, de desamparo e impotência, mas grande maioria das testemunhas se sentiram de certa forma protegidas dentro de suas casas. Alguns sabiam que o objetivo dos assaltantes era assaltar apenas o banco e outros não tinham tanta clareza, mas não sentiram-se como alvos prováveis da abordagem.

Segundo o jornal Diário do Nordeste,

Um grupo fortemente armado invadiu a cidade de Aracati, a 150 km de Fortaleza, e atacou uma agência do Banco do Brasil durante a madrugada. Os caixas eletrônicos e um cofre foram explodidos pelo grupo. De acordo com a Polícia, cerca de 25 a 30 pessoas participaram da ação. A ação teve início por volta das 23h45 da última terça-feira (20). O grupo atacou a

¹¹O termo “orgânico” é um tipo de medo justificável cujo estopim acontece em um evento que é, realmente, ameaçador. É o medo de algo que pode ferir o sujeito.

delegacia da cidade, efetuando disparos de pistola e fuzis. Cerca de 45 marcas de tiros foram localizadas na parede da unidade. A seguir, o grupo partiu para o banco, onde efetuou a explosão. A Polícia foi ao local e iniciou intensa troca de tiros com os assaltantes. Um dos suspeitos foi ferido, mas ainda assim conseguiu fugir com o restante do bando (Grupo armado [...], 2013).

A primeira pessoa que entrevistei em Aracati foi uma senhora de idade avançada, Entrevistada H, que ao responder minhas questões não parecia comovida com os acontecimentos narrados. É uma mulher dócil, mas de poucas palavras, e que mora um tanto quanto distante do local epicentro do evento, a agência do Banco do Brasil. De início, acreditei que sua tranquilidade ao falar sobre o ocorrido se devia ao alcance da abordagem¹², que não havia sido alta o suficiente para se fazer escutar daquela rua, mas depois entendi que, apesar de qualquer pesar, a segurança da cidade não costuma tirar o sono dos moradores.

Entrevistada H me deu boas informações, como o fato de que a gerente de uma das lojas mais conhecidas da rua abriu as portas da loja para oferecer abrigo às pessoas que poderiam estar próximas, como funcionários da Unimed, que ainda estava em funcionamento no horário. Então, soube exatamente onde ir em seguida, mas outra parte desta entrevista foi valiosa quando ela me disse que caso a polícia tivesse tido um desempenho que não foi satisfatório durante a abordagem, ela sentiria maior impacto em seu sentimento de segurança na cidade.

Ao entrar na loja de construção, procurei pela gerente que Entrevistada H me falou, imaginando que ela pudesse talvez não trabalhar mais lá. Mesmo com sua possível ausência, ainda haveria muito a ser explorado, uma vez que a mulher era também esposa do dono do estabelecimento. Ou seja, caso não trabalhasse mais lá, poderia ainda estar por perto, assim como o seu marido. Infelizmente, os dois estavam ausentes.

Ele pouco frequenta a loja e seus horários são instáveis e ela faleceu alguns anos atrás. Resolvi ainda buscar por possíveis funcionários da loja testemunhas do evento. A mesma que

¹²Naquele momento, eu não entendia o quão estrondosa foi a abordagem. Um dos entrevistados trabalha na Secretaria Municipal de Aracati e em 2013 trabalhou no posto de gasolina da Rua Coronel Alexanzito, um dos estabelecimentos que capturou imagens da explosão. Na verdade, segundo o entrevistado, as imagens capturadas pela câmera de segurança do posto capturou o movimento que a explosão causou nela mesma e nos objetos gravados, como um terremoto, além de fumaça que supostamente vinha das explosões. Não me senti seguro em dar protagonismo a essa informação, pois não tive acesso às imagens ao qual ele se referia, mas acredito que a fim de melhor ilustrar o que essas pessoas viram acontecer tão próximas de si: uma explosão que fez tremer as estruturas de um posto de gasolina a quadras de distância.

me atendeu e informou sobre a rotina do dono e o destino de sua esposa me concedeu o relato de sua experiência.

Entrevistada G não viu o assalto, já que mora a certa distância da agência, mas o local faz parte de seu cotidiano e sua experiência teve repercussões tanto emocionais quanto práticas semelhantes às pessoas que estavam na cidade no momento e foram instigadas intensamente pelos barulhos. Mesmo que tenha demonstrado uma calma acerca do acontecido, o lembrar dos acontecimentos sempre acontece em tom de apreensão e preocupação. Nunca há indiferença. Não apenas isso é evidência da relevância de seu relato, mas também a sua inserção em um estado de atmosfera “cinematográfica”, assim como as suas percepções acerca da segurança local..

Ao ser questionada sobre ter ou não se sentido insegura nos dias seguintes e sobre como foram esses dias, ela nos conta que,

em alguns dias eu senti, mas depois devido à mobilidade, mais segurança, mais profissionais de segurança nas ruas e por ser uma cidade tranquila então a gente... eu, pelo menos, comecei a ficar bem mais tranquila com essas questões... aí teve a reforma, né...[...] Aquele impacto... nossa isso tá acontecendo demais, aconteceu hoje aqui, depois pode acontecer de novo, então a gente fica com essas expectativas (Entrevistada G, 2023).

Foi interessante o uso da palavra “expectativa”, que há um tempo cercava o meu trabalho, mas que ainda não era certa sua aplicação no mundo concreto. O momento em que Entrevistada H falou sobre a atuação policial e o que pensaria sobre se tivesse sido falha, não pude trazer à tona uma categoria minha a fim de que ela aceitasse e repetisse, por isso apenas refleti sobre como o produto de toda essa produção pode ser moldado pela quebra ou conformidade de expectativas formuladas pelo sujeito em relação ao crime e suas consequências, mas, então, ela apareceu em minhas conversas com Entrevistada G. E não resisti a questioná-la sobre as suas expectativas anteriores, se um dia aquilo entrou em suas expectativas.

A gente nunca espera que vai acontecer perto da gente... quando eu entrei, logo na esquina vi alguns tiros nos postes e algumas pessoas, então eu imediatamente segui por que eu não sou muito de tá perguntando as coisas em rua, né? Só que eu vi as pessoas comentando, ah, ‘ele tava com metralhadora, tal, tal...’ valha o que foi isso?... então quando a gente sai pra esquina a gente já vê o movimento aqui [...] tipo um susto, uma sensação de alerta, eu senti um pouco de desconcentração no momento, a gente fica focada só naquilo ali o dia todo, o que vai acontecer, as investigações... eu não pensei o que poderia acontecer nos outros dias, a minha visão, pra mim,

era focada naquele dia, nas expectativas do que iria surgir, se iam descobrir quem foi, né? E curiosa também pra saber como iria acontecer tudo aquilo, tanto que eles reformaram o banco todo, teve o processo de reforma, então a gente ficou muito naquela linha de colher informações, a gente fica curiosa sobre o fato que ocorreu (Entrevistada G, 2023)

Durante um ano a agência bancária que sofreu o ataque foi inutilizada e fechada temporariamente para reforma, o que alterou a rotina de grande parte da cidade de Aracati e de cidades menores da região também. Não foi difícil, ao andar pelas ruas de Aracati, encontrar pessoas que foram prejudicadas profissionalmente por conta da abordagem. Embora durante esse período quando a agência fechou para reforma tenha sido criado uma mini agência bancária próxima ao local do assalto a fim de suprir funções básicas de agência, não houve como suprir satisfatoriamente as demandas locais, uma vez que o espaço provisório não oferecia saques e depósitos como uma de suas funções, já que não era armazenado dinheiro nesse local.

Ao lembrar do que a senhora havia me dito: que caso os policiais não tivessem comparecido à cena do crime e caso ela não tivesse acesso a estímulos de guerra produzidos pelos policiais que ela associou diretamente a estratégias bélicas de proteção à cidade, decidi adicionar essa questão dentro do meu roteiro, uma vez que a forma semi roteirizada que decidi guiar cada entrevista me permitiu ter acesso a informações diferentes, uma vez que cada ângulo é diferente, cada um tem diferentes contribuições e o trabalho sociológico de coleta de dados deve abarcar tudo isso.

A questioneei, primeiro lembrando que os assaltantes não conseguiram levar nenhuma quantia de dinheiro, se caso o roubo tivesse dado certo, se ela se sentiria menos segura. Ela não sabia dessa informação, então a questão a pegou de surpresa.

Com essa informação agora, possivelmente sim, porque a gente veria que não teve um lado efetivo da segurança da população de proteção, né, ao órgão... que é isso que a gente espera deles. Possivelmente eles devem ter feito alguma ação, ou depois do ocorrido, que é igual em filme, né? Sempre aparece depois, infelizmente. Então, acho que depois eles devem ter criado alguma tática, alguma forma (Entrevistada G, 2023).

A maior parte dos entrevistados compartilha uma boa avaliação da atuação policial no caso, embora o inquérito policial ainda não tenha registrado qualquer réu ou suspeito em uma investigação que há mais de dez anos não encontrou um caminho. Essa não é uma informação de fácil acesso ao público e também não foi amplamente divulgada pela imprensa ou pela

força policial¹³, então não abre qualquer rachadura na opinião pública e na honra das instituições de segurança.

As expectativas de Entrevistada G, por enquanto, estão controladas, pois funcionam sobre um contexto onde a polícia foi eficaz mesmo com toda a injustiça da situação. As reformas das estruturas físicas funcionam sempre não apenas como uma forma de recuperação das marcas físicas do ataque, mas como o sinal do retorno da antiga rotina e como limpeza das marcas ameaçadoras que a abordagem largou. É também uma limpeza simbólica, pois altera o processo de realização simbólica da cidade, altera o que as pessoas vêem a fim de fazê-las esquecer do acontecido - o que é válido e compreensível, uma vez que os destroços podem tornar desagradável um ambiente outrora confiável. A superação, como dito anteriormente, é uma demanda. As estruturas precisam vir com novas formas de precaução contra assaltos, só assim as vítimas sentem-se mais seguras e demonstram respeito quanto às atitudes de recuperação.

Esse jogo de expectativas é posto na mesa de forma a ser inevitável. Mesmo quando os roubos não são bem sucedidos, há interlocutores que cobram uma forma de precaução e, por vezes, previsão por parte dos policiais, já que não seria a primeira vez que aquilo havia acontecido, principalmente ao tratarmos das experiências do Sul, onde o fenômeno surgiu com uma carga poderosa de amedrontamento, não apenas por suas abordagens inter regionais, mas pela dramatização midiática acerca desses assaltos. O enfrentamento a essas abordagens, então, mostra-se uma demanda que chama a atenção da população e da mídia. Há uma demanda por uma resposta simbólica de superação do perigo que os interlocutores desejam que os poderes estatais construam como forma de recuperação social possível.

Por conta dos símbolos violentos de ameaça (Luckenbill) expressos durante a abordagem e por conta dos destroços de guerra no dia seguinte, o evento torna o jogo de expectativas cotidianas - se ter um dia de trabalho estressante ou uma tarde de compras no centro comercial - em uma versão alterada de si mesmo, transformando-se em uma quasi-atmosfera inédita para muitos transeuntes. O *“a gente nunca espera que vai acontecer perto da gente”* não se repete em vão durante as entrevistas, a quebra de expectativas é a quebra de uma leitura solidificada do seu ambiente e uma das violências mais duradouras da abordagem, mesmo que extrapole os objetivos de seus atores principais. Assim, a sensação

¹³O que pode ser uma forma de controle de danos e preservação de imagem frente a esse evento, uma vez que o assalto não foi bem sucedido, não há motivos para esse desgaste, já que a divulgação dessa informação pela mídia poderia comprometer uma agência que até o momento é bem avaliada socialmente.

liminar sentida pelas testemunhas aliada às formas de intuição mágica do medo absurdo dão origem à visão “cinematográfica” por elas sentidas.

O medo imediato é o medo sentido em forma de uma emoção que tem repercussões físicas além de mentais e que pode ser acessada através de um gatilho externo, que é sempre formado organicamente a partir de uma brusca interrupção da normalidade através - no caso da violência - das ações de um Outro. Esse é o momento de violência simbólica em que as testemunhas do assalto são forçadas a entrar em uma atmosfera “cinematográfica”, uma realidade fora do comum, mas também de uma série de manipulações simbólicas que remetem às ameaças de vida (Luckenbill). Esse é a principal característica do fenômeno que transfigura a forma social do indivíduo que pratica esse crime e que, devido a *produção do medo* não apenas do assaltante para com a população, mas de todos os espectadores - agora transformados em reprodutores desse medo - a todos seus doravante particulares espectadores.

Desde o ocorrido, parte significativa das vítimas se encontra em estado de choque, ou como costumam dizer, em um estado “cinematográfico” em que a realidade é suspensa. Após as abordagens violentas, o estardalhaço visível e audível e o abandono da cena do crime pelos assaltantes, os “novos cangaceiros” largam atrás de si um grupo de pessoas que, depois de um evento potencialmente traumático como este, podem apresentar mudanças comportamentais, sejam estas relacionadas a sua vida pessoal, a sua existência nas ruas da cidade e/ou suas opiniões públicas. Tais abordagens inevitavelmente submetem os sujeitos à experiência de sensações que, como moradores de cidades pequenas e geralmente distantes da capital, estes nunca experienciaram ou sequer cogitaram experimentar antes.

Para além do momento da vitimização propriamente dita, o roubo normalmente implica em mudanças no cotidiano da vítima. O indivíduo tem a sensação de estar revivendo a experiência traumática e adota comportamentos de esquiva frente a estímulos relacionados ao trauma inicial, que possam lhe prevenir de qualquer outro episódio que a possa causar danos (Holanda, 2017; Pizarro; Corsaro; Yu, 2007).

O medo imaginário-insensato abre espaço para uma possível forma de cisão cognitiva que altera a leitura imediata das vítimas acerca da cidade e de suas instituições de segurança, assim como, em forma de medo injustificado, faz com que sugestões absurdas tenham maior poder de convencimento. Por isso, o papel da polícia é tão delicado. Para os cidadãos, embora seja uma tarefa difícil estar a par do poderio bélico dos assaltantes, é reconhecido como do Estado a responsabilidade da manutenção da coesão social, o que indica que algo *deveria* ser feito, uma vez que os recursos do Estado *deveriam* ser mais eficazes do que das quadrilhas - e as demandas tornam-se cada vez mais urgentes.

Em Aracati, Entrevistado I, embora tema a reincidência do evento, tem seu medo instigado ao ver as ações policiais que ele acredita ter ligações com investigações de ações das quadrilhas.

Quando eu vejo o pessoal da divisão de fronteira aqui eu já fico preocupado que eu já sei que eles estão rastreando essas quadrilhas [...] de acontecer de novo, né? Porque o transtorno que causa pra gente é horrível. Eu era correntista do banco do Brasil e passei um ano... toda vez que tinha que sacar dinheiro tinha que ir na agência lá em Fortim (Entrevistado I, 2023)

Entrevistado I relata não ter sentido medo algum durante toda a abordagem, mas em outro momento nos diz que ao ver “o pessoal da divisão de fronteira” - que depois descobriu ser apenas um dos movimentos que o assusta, uma vez que qualquer viatura cujos policiais estejam de trajes “camuflados” ou “de amarelo”, por exemplo, também o fazem lembrar da possibilidade de haver um segundo assalto em sua cidade - sente uma forma de preocupação, um receio de que aquilo ocorra novamente.

Durante o momento da abordagem, sabendo que não perderia sua vida e que seus bens não estavam em perigo, Entrevistado I não sentiu o medo imediato sugerido pela ameaça. O campo onde esta ameaça foi semeada não era fértil uma vez que ele sabia que não seria um alvo, então não importava o quão alto fossem os barulhos, não seriam convincentes para ele. No entanto, o homem se deparou com uma realidade em que não apenas sua vida e bens são importantes, mas também sua rotina... a cidade onde mora também é fundamental em sua existência.

Assim, por depender de um espaço específico de sua cidade para lidar com seu dinheiro, e por ter sido este o espaço alvo do assalto, o medo que Entrevistado I sentiu apenas se concretizou no momento em que notou que havia, sim, algo que o assalto ameaçava tomar... sua rotina. Apenas quando o roubo começou a significar uma grande inconveniência - a falta de acesso a sua conta bancária - que ele começou a temer sua reincidência. Assim, pode-se deduzir que para que o medo seja sentido como uma experiência psíquica, emocional, que causa sensações físicas de apreensão, este deve ser instigado em um indivíduo cujo espaço mental seja propício para recebê-lo e fazê-lo real.

Para o Entrevistado I, o medo imediato sentido por muitos durante a abordagem não faz sentido o suficiente, uma vez que não vê nos estímulos de violência sonora e visual uma ameaça contra sua vida ou contra os seus bens. O medo previsto pelos assaltantes não é efetivo se apenas tratarmos como efetivos os casos em que o medo amedronta, aterroriza, uma

vez que esta é a intenção primária dos assaltantes, a paralisação... mas não será assim nesta pesquisa. Há um leque de repercussões que são contingentes ao evento, mas não previstas pelos assaltantes. Ou seja, há uma dimensão que os criminosos alcançam nas suas vítimas que extrapolam suas expectativas sobre sua própria atuação.

Não é um desejo dos assaltantes a formação de um gatilho emocional que faz alguém ficar preocupado com a visão de uma viatura da polícia militar, por exemplo, mas foi essa uma das únicas reminiscências do evento na vida de Entrevistado I, a lembrança do assalto recordada sempre ao ver uma força policial familiar, que antes poderia ser vista com indiferença ou determinada sensação de segurança. Esse medo tem as características do medo absurdo, uma vez que se dá a partir de um objeto instigador que instiga o medo não por representar um perigo, mas por representar a lembrança da possibilidade de reincidência de um evento desagradável (Mira y López, 2021).

Sobre o que foi dito acerca do assalto em Aracati, segundo o jornal G1,

Assaltantes explodiram na noite desta terça-feira (20), com dinamites, os caixas eletrônicos e um cofre de uma agência do Banco do Brasil, em Aracati, a 150Km de Fortaleza. De acordo com a Delegacia Regional de Aracati (10ª Região), a ação dos assaltantes começou por volta das 23h45 pela Avenida Coronel Alexandrino, que fica próximo ao estabelecimento bancário. Segundo a Polícia Militar, com a explosão, um efetivo da polícia foi ao local, onde iniciou um tiroteio com os assaltantes. [...] Um carro do Programa de Policiamento Ronda do Quarteirão foi atingido por tiros. O Comando de Policiamento do Interior (CPI) informou que os assaltantes podem fazer parte de uma quadrilha do Piauí. Um efetivo da Polícia Militar dos municípios de Aracati, Russas, Jaguaribe, Icapuí e até do Rio Grande do Norte fazem buscas para encontrar a quadrilha. Equipes do Policiais do Comando Tático Motorizado (Cotam) e Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) realizam buscas pelo litoral leste. Dois helicópteros do Ciopaer também participam da operação”(Assaltantes explodem [...], 2013).

A empreitada, no entanto, não teve sucesso. Segundo o jornal O Povo,

A Polícia não sabe informar a quantia que foi levada no assalto, mas informações preliminares do gerente da agência apontam que nenhuma quantia em dinheiro foi levada. A perícia está no local para verificar se ainda há explosivos no local e vai certificar se houve dinheiro levado pelos bandidos (Grupo explode [...], 2013).

Foto 8 - Viatura com marcas de disparos



Fonte: Abraão Ramos, Tribuna do Ceará (2013)

A Figura 8 mostra uma viatura da polícia alvejada enquanto estacionada em frente à antiga sede da Delegacia Regional de Polícia Civil de Aracati, que foi removida do local e transferida para um terreno em formato de sítio em uma região menos próxima do centro da cidade após a necessidade de reforma que as reminiscências do assalto tornaram como demanda. A submissão da força policial foi inevitável, existem imagens veiculadas na internet de câmeras de segurança que mostram uma viatura da polícia sendo revistada por um grupo de três assaltantes com o rosto coberto, vestidos de roupas camufladas e portando fuzis.

Figura 9 - Imagens da câmera



Fonte: TV Sinal (2013)

Sobre a atuação da polícia de Aracati, segundo o Entrevistado E, Guarda Municipal, não foi o suficiente para assustar os assaltantes, que apenas escaparam rapidamente ao ver que não conseguiriam lidar com a abordagem a tempo da chegada de tropas melhor preparadas.

Assim, eu mesmo estava dormindo, né? E então a minha mãe que presenciou, assim, passaram atirando pra cima lá na rua onde nós morávamos, né? E isso já era em torno de meia-noite, mais ou menos meia-noite. Eles iam em direção à BR 304. Aí no dia seguinte eu fiquei sabendo que tinha explodido a agência e eu fui até o local pra ver, né? [...] uma sensação assim de muito medo, né? De insegurança, só a sensação de sensação de medo mesmo não tem (Entrevistado E, 2023).

Entrevistado E diferencia o sentimento de medo do sentimento de insegurança afirmando que, enquanto não sente o medo direto dos assaltantes, que sabe não ser seu alvo principal, ainda sente a insegurança, que é um sentimento pouco definido e que pode ser notado pelo estranhamento de uma situação não familiar, desconhecida e não confiável. Em Barreira (2015), temos a insegurança como um sentimento do desconhecido imponderável.

Sobre eles terem cercado a delegacia... Eu fui até o local, vi uma viatura, [...] foi um combate de certa forma, quem tem treinamento pra andar armado já anda sabendo que a qualquer momento vai precisar usar arma de fogo. Mas era uma coisa que a quadrilha estava fortemente armada. Fuzis, AK 47,

estavam com colete e etc. Então eles estavam com um poder de fogo maior do que o da polícia militar. Então acabava sendo um combate que não era equilibrado. Mas mesmo eles tendo mais armas, o assalto não deu certo. Isso é porque o que os policiais relatam é que tinha uma mulher andando sozinha na rua [...] e iam até ela pra conversar com ela, dizer pra ela ir pra casa e tal e foi quando eles chegaram perto, aí o pessoal da quadrilha, eles faziam a segurança do perímetro. Aí quando eles viram a viatura da polícia chegando, eles efetuaram disparos e o pessoal da viatura desembarcou e procurou abrigo, né?. Até que um dos bandidos foi atingido, tinha bastante sangue lá no local, na esquina. E os policiais procuraram abrigo e pediram o reforço. Não chegou a tempo, mas exatamente por isso a quadrilha saiu, né? Ali eles se assustaram porque quando há um embate, né? Aí é tocado no rádio um alerta, né? Então vem policiais de outras cidades próximas e também vêm as forças de elite de Fortaleza (Entrevistado E, 2023).

Apesar de seu caráter contingente e circunstancial, a presença da polícia de Aracati foi o suficiente para afugentar os assaltantes e conter o máximo de danos tendo em vista a sua desvantagem inicial. Para a imagem das instituições de segurança de Aracati, o clima geral parece ter contribuído para uma imagem positiva das forças da cidade, que ainda em inicial desvantagem - por ser pacata - souberam resistir aos invasores e recuperar-se com o tempo.

As operações que atuaram no combate às atuações do “novo cangaço” muitas vezes tiveram boa aprovação por parte da população, sendo a Aginco um destaque importante nesse histórico. Embora o assalto em Aracati tenha causado menos destruição física do que os outros assaltos aqui analisados, as consequências desse evento não são menos profundas, tampouco menos marcantes para as vítimas. A polícia de Aracati enfrentou também um inimigo que não pôde controlar, mas a repercussão do caso não foi tamanha ao ponto de causar uma demanda social urgente com o intuito de encontrar os assaltantes.

O assalto na agência bancária não teve repercussão na imprensa nacional. A falta de resultados na operação da polícia não foi divulgada pela imprensa, o que pode ser o motivo dos interlocutores não serem incomodados com essa informação. Por o assalto ter sido lido socialmente como uma tentativa fracassada de crime, a atuação da polícia teve uma avaliação positiva da comunidade.

4.3 Avaliação das vítimas sobre a ação de contingência policial em Araçatuba

Os receios e medos instigados persistiram de forma muito mais intensa nos dias seguintes, em Araçatuba, se comparado a o que aconteceu em Aracati, onde o assalto tornou-se um assunto trágico, as pessoas sabiam que muitas haviam e seriam prejudicadas,

mas não havia uma situação cujo clima geral é de medo instaurado a ponto de fazer com que muitos não queiram sair de casa, com medo do que esperam que pode acontecer.

Então, no dia seguinte a gente já tinha aula, e daí era só o povo desesperado falando pro professor cancelar, e tinha gente que tinha prova ainda, e ninguém queria sair de casa, né, porque fora o medo de tudo que aconteceu, muita gente ficou bem... tipo, sem condições de sair na rua, e daí ainda teve o receio de, sei lá, por algum motivo, colocarem minas, na cidade, como aconteceu em Criciúma, né? Daí a gente ficava, sei lá, com receio de ressurgir os bandidos, de começar o tiroteio de novo, de ter alguma armadilha na rua. Não tinha como saber, né? A gente tinha que esperar um tempo pra ver se realmente estava acalmado ou não (Entrevistada B, 2023).

O medo de sair de casa se justifica. As minas terrestres mencionadas e dentro das expectativas prévias da Entrevistada B eram esperadas por ela, que tinha esse conhecimento anterior acerca de uma das táticas das quadrilhas. Esse medo se justifica porque, de fato, um transeunte sem querer fez explodir uma das minas.

Como foi noticiado pelo G1,

um morador de Araçatuba (SP) teve os dois pés amputados após se aproximar de um explosivo deixado por criminosos que atacaram agências bancárias na cidade, na madrugada desta segunda-feira (30). O rapaz de 25 anos estava em uma bicicleta quando houve a explosão. A Santa Casa tinha informado que os médicos também haviam amputado os dedos das mãos da vítima. Porém, o hospital divulgou um novo comunicado no qual diz que o paciente passou por cirurgia e não houve necessidade de amputação dos dedos. Os criminosos espalharam explosivos por, pelo menos, 20 pontos da cidade. Segundo a Santa Casa, a vítima foi levada ao centro cirúrgico e precisou ser entubada (Araçatuba: Ciclista [...], 2021).

Uma vez os assaltantes foragidos, mesmo assim o perigo continua, não apenas em formato de expectativas baseadas em uma nova perspectiva da vítima que considera agora tal evento como possível de reincidência, mas também como um elemento central na configuração real da paisagem urbana largada pelos criminosos, que deixaram minas terrestres espalhadas pela cidade que não foram ativadas durante o conflito. A cidade torna-se ela mesma perigosa e permeada por armadilhas.

As testemunhas vivenciam as explosões do assalto mesmo após o seu fim, o que tem um quê de simbólico no momento em que os dispositivos representam não apenas uma tentativa de proteção, mas uma indiferença dos criminosos para com a estrutura da cidade e para com a vida humana. Tudo isso é angustiante de se observar e faz com que as pessoas inevitavelmente temam o retorno desses homens implacáveis. Não apenas os prédios e locais públicos, mas as pessoas também sentiram-se devastadas fisicamente e com medo por suas vidas nos dias seguintes.

As vítimas do assalto não tinham informações consistentes das autoridades sobre o que estava acontecendo no momento e os interlocutores relatam que tinham acesso na internet a recomendações de segurança, mas as informações que recebiam, como vídeos e outras mídias, eram assustadoras, pois as cenas “*pareciam como nos filmes*” e, por muitas vezes, confusas, pois a abordagem teve diversos pontos de estrondo, e as informações que conseguiam na internet eram em sua maioria relatos de testemunhas diferentes.

Não só a participação dos aparelhos oficiais do Estado têm uma atuação confusa no ambiente virtual enquanto a abordagem é operacionalizada. As próprias vítimas podem agir de forma precipitada e atrapalhar com a estratégia de proteção que outras estão a seguir, como nos revela a Entrevistada B,

começaram a espalhar também um vídeo no shopping de... Eu não lembro se era gerente... Enfim, um cara lá falando pro pessoal ficar tranquilo, que se os bandidos chegarem, eles vão mentir que não tinha ninguém lá, mandou todo mundo entrar na sala de cinema, e alguém gravou e começou a compartilhar isso nos grupos de WhatsApp também. E isso eu achei muito ruim, porque, tipo, o bandido também tinha escrito no celular. Se eles vissem isso, se realmente foi real ou não, sei lá. Seria um baita problema para o povo que estava lá (Entrevistada B, 2022).

Enquanto nas abordagens de Aracati e Guarapuava, o riso instigado pelos memes e pelas piadas na internet conseguiam aliviar a tensão, nada pôde superar o sentimento de angústia sentido pelas vítimas dessa abordagem que teve a captura de reféns como parte fundamental de sua performance e estratégia. A posição da força policial frente a esses acontecimentos foi crucial para a manutenção de uma boa avaliação da comunidade, não apenas local, mas também nacional, sobre suas instituições de segurança.

Nesse momento, haviam poucas desculpas que o governo e as forças policiais poderiam dar, uma vez que em 2021 os assaltos a banco já haviam se popularizado como meio lucrativo no mundo do crime. Além disso, as informações que eram divulgadas não eram consistentes, assim como não apresentavam qualquer grande conforto.

Então, as informações que saíram, que a gente via da polícia, é que estava tudo certo, estava tudo controlado, que ninguém foi atingido, que não tinha refém, só que as informações que a gente recebia de fora, né, era o contrário. Disseram também que tinham isolado tudo pra área rural só que a gente ouvia tiro aqui na cidade, daí ficava confuso, né? Eu senti que tinha muita contradição. Eu já não tenho um histórico muito feliz com a polícia. Por causa dos únicos casos que eu realmente precisei da ação da polícia, que foram casos de furto, invasão domiciliar, assim, eu não senti que eles foram efetivos ou que deram devida importância. Então, eu já era meio, tipo, não sei do que vai adiantar, mas, enfim, façam o seu trabalho aí, porque isso aí é grave. Mas foi meio chato essa situação ainda, eles começaram a divulgar coisas para acalmar a população, sendo que estava bem claro que algumas coisas lá já foram contraditas (Entrevistada B, 2022).

Em Araçatuba, ao contrário do que aconteceu em Aracati,¹⁴ estar em casa não foi uma situação que acalmou a entrevistada. Além das armas de grosso calibre terem sido ameaças para todos, pois, como foi também lembrado pelo Guarda Municipal de Aracati, Entrevistado E, “*as armas de grosso calibre podem atravessar paredes*”, o que foi apresentado durante a abordagem em Araçatuba foi uma demonstração de poder que, ao entrar no jogo de expectativas instigado pelos estímulos de ameaça faz com que as testemunhas acreditem por horas que qualquer alcance é possível.

A Entrevistada B não tinha boas lembranças com a polícia no momento do assalto, e nem as viaturas a faziam lembrar de uma instituição que poderia prover segurança suficiente, pelo contrário, não acreditava no potencial da justiça oficial de suprir suas demandas de acesso à justiça. Tudo isso não configurou uma situação favorável se pensarmos através do ponto de vista da força policial, que representou para a entrevistada o escancaramento de seu próprio despreparo. Ainda assim, existe também um sentimento de compreensão em vista da magnitude da abordagem.

¹⁴Uma comparação parecida foi feita pelo guarda municipal de Aracati, Entrevistado E, que, ao ser questionado acerca de seu conhecimento sobre o “novo cangaço”, afirmou que as abordagens de assalto que ocorreram no Rio de Janeiro, contaram com saraivadas de balas contra as residências dos moradores, que invadiram as partes internas de algumas casas.

Eu acho que de certa forma a gente acaba tendo até um pouco mais de compaixão. Porque, de fato, as pessoas estavam se arriscando muito em bater de frente. Tipo, era algo que eles precisavam fazer. Tinha bastante gente que nem atuava mais sendo chamada, que aparece. E daí, tipo, todo mundo tem a sua vida, tem a sua família. E não é uma coisa que você espera, de repente, seu pai vai lá e volta morto. Eu acho que teve um caso de um policial que morreu e outro que foi atingido, mas sobreviveu (Entrevistada B, 2022).

Como outro interlocutor, Entrevistado J, nos aponta,

a gente tinha mais de vinte pontos na cidade com bombas instaladas, então transporte público não funcionava, escola não funcionava, as empresas que prezam pelo menos um pouco pelos seus funcionários cancelaram o dia de trabalho. Eu tive que ir na agência onde eu trabalho e era uma sensação quase pós-apocalíptica, não tinha ninguém na rua, as pessoas que olhavam pela janela... todo mundo com muito medo (Entrevistado J, 2022).

Há uma recuperação emocional possível e a forma como as vítimas interpretam a atuação das instituições de segurança durante e após o evento é fundamental para que ela ocorra. Mais tarde na entrevista, Carlos nos informa que, embora sua insegurança tenha aumentado, o medo sentido imediatamente e durante os dias seguintes ao evento se acalmou¹⁵. Assim como Carlos, que fez acompanhamento psicológico, a Entrevistada B admite a necessidade de ter feito após o choque, embora não tenha feito.

As testemunhas relatam uma ansiedade que não é gatilhada por uma memória específica, mas sim pelo estado de constante potencialidade de que alguma ofensa criminal acontecerá contra elas. A opinião pública sobre a atuação da polícia e das investigações é muito importante e, neste caso, foi em geral positiva, mas o simples fato de um dia este crime ter ocorrido é significativo como produção de medo para as vítimas, e isso a ação policial não é capaz de mudar. Outras formas de apoio são necessárias, como o apoio psicológico.

¹⁵Neste momento é importante compreender que aqui se trata do medo do crime de domínio de cidades, especificamente, pois o medo que o interlocutor sente em relação ao crime em geral foi intensamente instigado, mesmo que, em sua opinião, a atuação da polícia após a ocorrência tenha sido satisfatória. Muitas das vítimas desta modalidade de assalto sentem esses dois medos de formas diferentes, pois têm diferentes interpretações da ação policial e de seu cotidiano. Para estes, após alguns meses, mesmo que não temam a reincidência do crime de domínio de cidades, o medo que, ao andar na cidade, os fazem refletir sobre a potencialidade de existir o crime “em qualquer lugar” é significativo em suas vidas.

Nesse contexto, a atuação da polícia torna-se muito delicada, uma vez que o tempo que a produção de medo instaurado por esse evento toma as atenções da avaliação pública de sua atuação é estendido. Diferente do que aconteceu em Aracati, mesmo que a polícia estivesse em grande desvantagem, existe aqui uma demanda que, por conta dos veículos de mídia, é melhor conhecida por suas testemunhas do que era o assalto em Aracati em 2013. Em Mira y López (2021), um susto é capaz de causar diversos medos, e esses medos se repercutem com forma e intensidade incontroláveis. Assim, o medo dessa magnitude, e transformado em violência difusa, não é capaz de ser sanado apenas com a atuação das instituições de segurança.

Em Araçatuba, a atuação das instituições de segurança foram, segundo as testemunhas, relativamente eficientes, uma vez que as táticas de ataque foram muito diversas, quando se tratou de sanar o medo imediato das vítimas acerca desse assalto. As recomendações que impediram o trânsito de pessoas nas ruas nos dias seguintes evitaram diversas tragédias, como as que aconteceram com alguns que não respeitaram-as. No entanto, a magnitude do evento produziu um medo sobre a criminalidade em geral que os assaltantes não previram - e que a força policial é incapaz de tratar.

4.4 As repercussões do crime de domínio de cidades no campo jurídico

As configurações específicas dessa modalidade de assalto geraram discussões dentro do aparelhamento jurídico brasileiro sobre qual a configuração mais exata destes delitos. Embora seja uma modalidade permeada por uma combinação de elementos criminais já existentes, as especificidades deste tipo de assalto não estavam logradas dentro do Código Penal brasileiro, fazendo com que estes tivessem de ser enquadrados em modelos de delito já existentes, o que conduzia a várias formas de categorizar estes delitos. Uma medida de categorizar esse crime e endurecer suas penas, em 2022, foi tomada como urgente.

Segundo a Agência Câmara de Notícias,

O Plenário da Câmara dos Deputados aprovou nesta segunda-feira (1º) requerimento que confere regime de urgência ao Projeto de Lei 5365/20, que tipifica as ações do chamado “novo cangaço”, grupos criminosos armados que subjagam o poder público e exercem domínio sobre as cidades. O requerimento foi aprovado em votação simbólica (Aprovada urgência [...], 2022).

Para parte da jurisprudência, os agentes do “novo cangaço” cometiam a infração penal prevista no art. 155, § 4º, I do Código Penal relativa ao “furto qualificado pelo rompimento de obstáculo à subtração da coisa”, enquanto outros defendiam que esses crimes fossem enquadrados em categorias penais como um crime que ataca a bens jurídicos e ameaça a segurança pública social, podendo ser enquadrado dentro dos artigos 155, § 4º, IV e do artigo 251, § 2º, c/c o artigo 70 do Código Penal brasileiro.

De acordo com o jornal Folha de São Paulo,

Nesta terça (2), o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), barrou iniciativa do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) de acelerar a tramitação de um projeto que abre brecha para enquadrar manifestações políticas como terrorismo. O líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), tentou incluir o texto com o do novo cangaço, sem sucesso (Brant, 2022).

Faz-se necessário que o termo “terrorismo” seja utilizado da forma correta. O terrorismo “não é o mesmo que violência, pois consiste na utilização da violência a fim de gerar medo através da coação de autoridades e/ou populações. As disposições dos assaltantes que utilizam a modalidade de assalto do “novo cangaço” não têm motivações políticas de enfrentamento ao Estado. Essa investida pode ser vista como uma tentativa de frear manifestações políticas contrárias ao governo tão perto do pleito (Clutterbuck, 1980). Finalmente, segundo o jornal Folha de São Paulo, o projeto foi aprovado pela Câmara dos Deputados.

A Câmara dos Deputados aprovou nesta quarta-feira (3) projeto que tipifica e torna crime hediondo o domínio de cidades, ou novo cangaço, como ficaram conhecidas as invasões de cidades de pequeno e médio porte por criminosos fortemente armados. O texto estabelece ainda penas de até 40 anos para quem cometer o crime. A proposta foi aprovada em votação simbólica e segue para o Senado (Brant, 2022).

As três cidades aqui analisadas foram palco de abordagens nessa modalidade de crime, pois, sobre o Projeto de Lei 5365/2020:

Define como domínio de cidade "realizar bloqueio total ou parcial de quaisquer vias de tráfego, terrestre ou aquaviário, bem como de estruturas físicas das forças de segurança pública, para evitar e/ou retardar a aproximação do poder público, com emprego de armas de fogo e/ou equipamentos de uso das forças de segurança pública, com finalidade de praticar crimes (Câmara aprova [...], 2022).

Ainda, segundo o texto, “*o crime de domínio de cidade será punido com reclusão de 15 a 30 anos, mas poderá ser de 20 a 30 anos e multa, se a violência resultar em lesão corporal grave; e 20 a 40 anos e multa, se houver morte*”. Há ainda aumentos na pena em ocorrências específicas, como a utilização de drones, aeronaves ou dispositivos explosivos, a captura de reféns, destruição parcial ou total de prédios e estruturas de transmissão de energia ou de telefonia e propiciar a fuga de estabelecimento prisional (Câmara aprova [...], 2022).

A proposta também deu origem ao tipo penal “intimidação violenta”, que consiste em promover ato de incêndio, saque, destruição ou explosão, contra bens públicos ou privados, de forma a impedir ou embaraçar a atuação do poder público contra o crime, a realização da execução penal ou a administração do sistema penitenciário. Embora as nomenclaturas oficiais tenham sido criadas, é como “novo cangaço” que a mídia continua a tratar do crime de domínio de cidades até hoje (Câmara aprova [...], 2022).

A ideia de um personagem “cangaceiro” moderno abre brechas para interpretações precipitadas acerca do crime no país em geral. Durante a tramitação do Projeto de Lei 5365/2020 no Senado, houve uma tentativa de inserir também outro projeto (PL 610/2022), apresentado pelo senador Carlos Viana (Podemos-MG), que pretende incluir a prática do “novo cangaço”, relacionada ao banditismo interiorano em cidades com até 50 mil habitantes - enquanto o crime de domínio de cidades se refere àqueles significativamente danosos, na lista de atos terroristas previstos na Lei 13.260, de 2016 (Aquino, 2020; Comissão debate [...], 2024).

A Comissão de Defesa da Democracia (CDD) formada pelo Senado nega o pedido de inclusão do novo cangaço como crime hediondo, mas ratifica sua existência como uma forma menos poderosa do crime de domínio de cidades. Ou seja, o crime de domínio de cidades é punido mais gravemente no campo jurídico do que o crime de novo cangaço - de banditismo.

5 LICANTROPIA: O MEDO IMAGINÁRIO-INSENSATO NO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NAS CIDADES

Um medo importante observado historicamente é o medo da ameaça contra as cidades, da destruição urbana e da insegurança, que é uma forma de medo entre os indivíduos de uma sociedade que dá origem à uma sensação de apreensão generalizada acerca da utilização de espaços públicos. Delumeau (1923) inicia a história do medo da invasão por agentes estrangeiros perigosos nas cidades do ocidente do século XVI a partir do período quando Montaigne visitou a cidade de Augsburg em 1580.

[Montaigne] maravilha-se diante da ‘porta falsa’, protegida por dois guardas, que controla os viajantes chegados depois do pôr do sol. Estes deparam, antes de tudo, com [...] precauções singularmente reveladoras de um clima de insegurança: quatro grossas portas sucessivas, uma ponte sobre um fosso e uma ponte levadiça não parecem excessivas para proteger contra qualquer surpresa uma cidade de 60.000 habitantes que é, na época, a mais povoada e a mais rica da Alemanha. Num país atormentado por querelas religiosas e num Império cujas fronteiras são tomadas pelos turcos, todo estrangeiro é suspeito, sobretudo à noite. Ao mesmo tempo, desconfia-se do homem ‘comum’ com as suas emoções imprevisíveis e perigosas. [...] graças a isso, uma cidade particularmente cobiçada consegue, se não afastar completamente o medo para fora de seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que se possa viver com ele (Delumeau, 1923, p. 11-12).

O autor diz que os complicados mecanismos que protegem os habitantes de Augsburg têm valor simbólico, uma vez que os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades que estes formam estão em um diálogo constante com o medo. Então, demonstra-se a importância da reconstrução da história a partir de uma perspectiva que a considera na restituição de uma epistemologia que legitima um complexo de sentimentos que nunca deixou de desempenhar um papel capital na história das sociedades humanas. Pois, para que uma emoção seja sentida e, então, expressa, ela precisa fazer parte do repertório cultural de seu grupo (Delumeau, 1923: p.13; Lefebvre, 1956: 244; Mauss, 1974a).

Segundo Simmel (1979), cabe ao cientista social que se esforça na relação entre emoções e sociabilidade, compreender a história como um processo em que diversas potencialidades são postas em movimento, dando possibilidade de configurações várias e, portanto, leituras variadas e específicas a cada determinada combinação de ações dos sujeitos de uma cultura. O social é compreendido como uma inter-relação entre os indivíduos e sociedade em que todos os agentes estão em um constante auto-ajuste em uma troca que reconstitui também constantemente o cenário em que é dada. Dentro dessa complexa relação com a cidade, o sujeito enfrenta os percalços de afirmar sua personalidade em um espaço abarcado pelas diferentes dimensões da vida metropolitana (Koury, 2009: 29-30) .

Como uma forma contemporânea de compreender a violência na cidade, tem-se a categoria “violência difusa”. Esse movimento da violência identificado por Barreira (2013) dá-se a partir de agentes sociais que espalham a violência em forma de símbolos violentos, o que pode transformar uma violência física que aconteceu na realidade material em uma violência visual propagada pelos programas de televisão em um alcance indefinido. Inspirado nas reflexões de Simmel (1992), o autor aponta que o conflito é parte fundamental das

relações sociais na mesma medida em que é uma expressão social das relações de uma sociedade (Barreira, 2013).

Assim também é o medo. Os conceitos de “sociabilidade violenta” de Machado da Silva(2004) e as categorias “crueldade” e “violência difusa” trabalhadas por Barreira (2013) exprimem o cotidiano de tensão e medo característico de cidades brasileiras cujas ocorrências criminais ganham visibilidade midiática, sendo também difundidas nas redes sociais, e repercutem fortemente em seus moradores, cujas percepções, experiências e rotinas têm sido atravessadas pela sensação de insegurança. (Barreira, 2013)

Essa categoria surge também, aqui, como uma forma de explicar o papel das mídias dentro desse fenômeno, uma vez que esta é capaz de expandir o alcance das abordagens de assalto e suas performances dentro das cidades. A partir de sua repercussão as abordagens se tornam um símbolo, assim como o barulho de uma explosão pode o ser - e assim como dentro do evento diversos outros objetos podem ser símbolos - e é explorado por telejornais que reproduzem uma forma destituída de jornalismo que explora de forma sensacionalista os eventos, seus agentes principais e suas vítimas.

Durante quase meio século, os cientistas sociais demonstraram que o julgamento político dos cidadãos muitas vezes depende de como uma questão ou problema é enquadrado. Por exemplo, a opinião das pessoas sobre um comício da Ku Klux Klan pode depender se ele é enquadrado como uma questão de liberdade de expressão ou de segurança pública. Alternativamente, a preferência das pessoas sobre diferentes políticas sociais para combater uma doença podem depender se as políticas são formuladas em termos de salvar ou perder vidas. Exemplos desses tipos de efeitos de enquadramento são abundantes (Druckman, 2001, p. 225).

Sobre a forma como se dão as expressões das interpretações sociais e subjetivas de mortes tidas pela imprensa como heróicas ou trágicas pela característica violenta dos agressores para com a vítima, em Paiva (2014), é considerado como “morte calvário” aquelas apropriadas pela imprensa “*como condições de suas representações sobre o sentido do acontecimento*”. Através da morte calvário, a imprensa consegue intencionalmente fazer com que o leitor sofra de forma intensa. Neste caso, em que Paiva, L.F. (2014) trata sobre as mortes de Tim Lopes e João Hélio,

os efeitos são desdobramentos de lutas simbólicas mobilizadas tanto por visões de mundo, quanto por emoções mediadas por notícias que revelam, sobretudo, um movimento dialético das maneiras pelas quais as instâncias de produção são afetadas, ao mesmo tempo em que produzem conteúdos que buscam afetar politicamente pessoas, populações, segmentos e outras

instituições sociais Um movimento dialético das maneiras pelas quais as instâncias de produção são afetadas, ao mesmo tempo em que produzem conteúdos que buscam afetar politicamente pessoas, populações, segmentos e outras instituições sociais (Paiva, 2014, p. 151).

A eficiente ação da polícia do Rio de Janeiro na prisão dos assassinos também é digna de nota, uma vez que o calvário explorado pela mídia inflamou a opinião popular, que recebeu como demanda urgente a responsabilização dos culpados por seus atos. A prolífica repercussão midiática do caso foi um dos fatores que contribuíram para seu encerramento. Esse encerramento também é subjetivo, pois as mortes estudadas no trabalho “*podem sempre ressurgir a partir de um fato que provoque as instâncias de produção a rememorá-las*” (Paiva, 2014).

A mídia utiliza o efeito de enquadramento para apresentar aos seus espectadores interpretações específicas sobre questões políticas, influenciando a forma que as pessoas interpretam, também, essas questões. Através de comentários tendenciosos e outras estratégias, a mídia persuade os espectadores a adotar certas posições políticas. A mídia exerce uma influência significativa na formação de preferências políticas e tem poder de moldar a agenda política nos debates públicos através de sua influência na opinião pública (Goffman, 1986; Druckman, 2004).

Os esforços científicos demonstram que, embora a existência de sujeitos e grupos cujas intenções de praticar tais crimes analisados sejam motivos suficientes para criar receio nos residentes de uma cidade, um dos agentes que geram a insegurança na forma em que ela se apresenta, generalizada, após todo o processo de sua socialização nas cidades - um modo não necessariamente deformado, mas sempre manuseado por inúmeros agentes do campo social - é a mídia. Inúmeros discursos compartilhados socialmente por agentes e instituições diferentes é o que cria uma insegurança social que pode ou não corresponder com o formato orgânico do medo em que se inspirou (Druckman, 2004; Mira y López, 2021).

Druckman (2004) trata da Persuasão, poderosa ferramenta de comunicação, essencial na política e na publicidade que é definida pelo autor como a habilidade de influenciar e modificar crenças e valores. Além disso, trata-se da criação de conexões emocionais de identificação e confiança do comunicador com o seu público-alvo. A mídia exerce um papel crucial na formação da opinião pública pois tem forte poder de influenciar as preferências políticas.

O medo do crime muito está interligado à forma como o crime é explicado dentro do senso-comum. Em Mira y López (2021), e em sua categorização de diferentes medos, o medo

do crime pode muitas vezes ser posto como um medo imaginário-insensato, a que o autor considera a categoria de medo mais “torturante”, pois,

O objeto que o condiciona nunca consistiu causa de medo orgânico para o sujeito que se encontra ligado apenas a um verdadeiro estímulo fóbico, através de uma cadeia de associações, mais ou menos larga e distorcida; e por isso tal medo se torna injustificado e incompreensível, não só para os que o analisam com frieza lógica, como para os que sofrem intimamente seus efeitos (Mira y López, 2021).

Se os fundamentos de suas explicações são racistas, os símbolos que as pessoas serão ensinadas a interpretar como símbolos associados à probabilidade de ocorrência de crime serão símbolos presentes em sujeitos que não estão de acordo com a normalidade segundo as normas sociais, os grupos marginalizados e discriminados por sua cor ou condição social. Esse é um medo que é distorcido mesmo que suas raízes sejam orgânicas - o medo do crime vem, a princípio, da existência do crime - mas as formas que as pessoas que sofrem com o crime o explicam não necessariamente corresponde com sua real motivação, ou seja, as vítimas não conhecem a origem dos próprios medos, e isso dá abertura para que acreditem nas narrativas persuasivas da mídia sobre o fenômeno do crime.

5.1 A transmutação de frames através do medo intuitivo-imaginário

Em Taussig (1987), uma simples frase pode servir para dar nitidez a esse processo de transmutação da realidade material fomentado a partir do início do evento: “*as coisas se tornam agentes do terror*”¹⁶. Uma vez que a efetividade das estratégias performativas dos assaltantes serão dimensionadas a partir da solidez das repercussões várias de sua atuação, podemos então inferir que qualquer meio que reproduza, veicule ou ratifique a imagem - e qualquer de seus elementos potencialmente aterrorizadores - formulada estrategicamente pelo próprio assaltante, é um meio que opera a seu favor, que corrobora com o desenvolvimento da atmosfera específica de medo que estes têm como objetivo criar - e cujas transformações

¹⁶Nesse momento, há uma livre interpretação da frase formulada por Michael Taussig. Ao tratar sobre a descrição de Miguel Ángel Asturias acerca da cultura do terror da ditadura de Estrada Cabrera, na Guatemala, Taussig dá nitidez a um processo de transmutação subjetiva que altera a forma que as vítimas interpretam a realidade ao seu redor. Neste processo, as “coisas” se tornam parte fundamental da cultura do terror, uma vez que são ressignificadas pelos observadores. Aqui, distante do contexto que serviu para sua formulação, a frase é utilizada para remeter a um processo que também envolve a remodelação de interpretações ontológicas dos agentes acerca de sua realidade material imediata, em que uma das “coisas” são os veículos midiáticos jornalísticos, que, de forma dissimulada, atuam como mecanismos de expansão do alcance das abordagens de assalto aqui tratadas.

sobre os sujeitos observadores transcendem quaisquer de seus objetivos e interferem em esferas políticas e sociais por vezes de forma definitiva.

O fator surpresa e o choque causado no momento da abordagem é descrito como uma das principais armas para se conseguir roubar a vítima sem que ela ofereça resistência e, conseqüentemente, sem a necessidade de o autor empregar violência física. Alguns entrevistados descrevem essa tática como “causar o impacto”. Esse impacto está relacionado não somente ao susto ocasionado por uma abordagem surpresa, mas à transmissão de uma mensagem direta e certa na mente da vítima de que ela poderá morrer a qualquer instante. Para o ladrão, durante o assalto, é fundamental manter viva na mente da vítima a ideia “ele vai me matar, ele vai me matar, ele vai me matar”(Caminhas & Beato, 2020, p. 652).

Os diferentes meios de causar medo são utilizados a partir da seleção e especificidade dos alvos e serão bem sucedidos na medida em que conseguem dominar e paralisar a vítima. Ou seja, existe essa função elementar no assalto - a que causa o medo - que está em todas as abordagens desses grupos de assalto e domínio de cidades. Independente da forma que trabalham, o produto que os assaltantes de banco e os assaltantes do novo cangaço - assim também como os assaltantes de rua - preveem produzir é capaz de paralisar os funcionários e clientes do banco ou uma força policial inteira. Para isso, os assaltantes do “novo cangaço” utilizam a depredação de espaços públicos como forma de intimidação mais frequente, mas as performances que mais chamam a atenção da mídia são as que também se utilizam da captura de reféns.

Em meio à comunidade urbana, os adultos podem movimentar-se durante meses sem encontrar-se fora do controle dos seus corpos ou despreparados para a influência do ambiente, uma vez que o mundo natural pode ser controlado por meios públicos e privados. A captura e utilização dos reféns como parte estratégica do assalto o faz ser lido como uma anormalidade mais distante do cotidiano que um assalto a banco com trocas de disparos entre os assaltantes e policiais. Há uma ameaça contra a vida sendo exposta tanto como meio de intimidação como de proteção, o que intensifica a produção de medo. (Goffman, 1986)

Em sua análise de frames, Goffman (1986) chama de *astounding-complex* a expectativa de que uma explicação “simples” ou “natural” será descoberta em breve sentida por nossa sociedade quando um evento surpreendente ocorre. Essa resposta deveria esclarecer o mistério e restaurar as forças e agências sociais normativas. Como exemplos, o autor cita milagres religiosos e as aparições de monstros. Ou seja, no momento em que a imprensa veicula as informações, as vítimas estão dispostas a acreditar em fontes que consideram

oficiais. Ao lembrar que as imagens são veiculadas na televisão brasileira e na internet, o fenômeno adquire uma longevidade impossível de calcular, uma vez que as narrativas são intensas e convincentes mesmo à distância.

Embora esses assaltantes não necessariamente tenham interesse na popularidade de seus crimes ou de causar traumas e medos de forma difusa pela sociedade, o evento produz imagens que chamam atenção da mídia, principalmente os programas televisivos de *infotainment*, populares no Brasil. Esses programas conseguem comportar elementos informativos e elementos de entretenimento no mesmo veículo, são conhecidos no espaço acadêmico que os analisa como programas de “infotainment”. É um neologismo tomado como empréstimo do termo da língua inglesa, *infotainment* e também um modelo polêmico e rejeitado por parte dos jornalistas que afirmam que este é um formato que não tem como fundamento os princípios e a seriedade do Jornalismo. Com o objetivo de ser uma fonte de informação, mas também de entretenimento, esses programas têm diversos meios de tornar assuntos que demandam maior atenção em matérias leves e divertidas (Silva, 2013).

O conteúdo reproduzido se baseia na exploração midiática e sensacionalista da violência e dos casos de conflito e delitos que ocorrem no cotidiano brasileiro. Esses programas de alto alcance e de forte e efetivo apelo popular constituem uma das fontes narrativas mais populares acerca de temas importantes da esfera pública, como o debate das instituições de segurança providas pelo Estado e as medidas de segurança e contingência das polícias frente a casos de crimes graves, como estes aqui analisados.

Um dos pontos mais levantados pelos críticos do infotainment é que as narrativas empregadas pelos apresentadores não buscam a imparcialidade, mas são carregadas de valores morais e símbolos de ordenamento social cujas origens necessitam de uma investigação. É uma espécie em vapor de violência que se propaga com o passar dos olhos em suas imagens emocionalmente intensas e instigantes. Como exemplo emblemático desse gênero de jornalismo baseado na exploração midiática da violência, temos José Siqueira Barros Júnior, o famoso ex apresentador do programa “Alerta Nacional” conhecido como Sikêra Júnior.

O apresentador frequentemente é lembrado pelo “meme” em que ele diz, durante o “Plantão Alagoas”, que os maconheiros iriam morrer antes do Natal de 2016. Foi essa fala que o fez ficar famoso. “Você, que fuma maconha. Você vai morrer antes do Natal. Você, maconheiro, não vai ver Papai Noel, não vai ver árvore de Natal. Vai para o inferno!”, disse ele na ocasião [...] Mesmo após ter sofrido com a infecção pelo coronavírus, o apresentador afirmou que apoiava os tratamentos precoces contra a Covid-19, como a cloroquina. Usando o tubo de oxigênio, ele apareceu ofegante e falou sobre o remédio: “A cloroquina, gente, finalmente

liberaram, porra. O negócio já era pra tá na mão do povo. Já era pra tá liberado. Mas, sabe o que acontece? Esse povo safado da esquerda”, declarou ele na ocasião (IstoÉ, 2021)

Figura 10 - Funcionário do Cidade Alerta usando chapéu de cangaceiro



Fonte: Rede TV (2023)

Na Figura 10, o apresentador conversa com um dos integrantes da equipe do programa vestido com um chapéu símbolo do cangaceiro clássico. A conversa, na verdade, é uma entrevista. Sikêra convida esse personagem para protagonizar o programa consigo em vários episódios e o faz diversas perguntas enquanto o chama por apelidos. Sikêra questiona o quão bem se daria o rapaz se fizesse parte de um grupo de cangaceiros e esse é o motivo da graça dessa parte do programa. Nota-se através do humor que a figura do cangaceiro clássico é de braveza, mas também de honra, e é chamado de herói pelo apresentador em certo momento. Ao terminar da impressão, a memória do cangaceiro é saudada pelo apresentador e sua equipe. A memória do cangaceiro clássico raramente é tratada com o desprezo sentido contra o novo cangaceiro.

Em Santo Antônio do Leverger, a força tática chegou na hora que uma quadrilha tentava roubar um banco... dois bandidos morreram... então CPF cancelado, né? [acompanhado de risos e comemoração da produção que invade a câmera; um deles veste um chapéu de cangaceiro e, após o resumo de outras notícias, retorna como destaque junto ao apresentador e encara a câmera enquanto ele continua dizendo] Cangaceiro safado, venha cá, ele foi criado na caatinga, ele vive na própria catinga. Isso mata ninguém? Esse cangaceiro mata ninguém? Isso faz vergonha ao cangaço [...] alguma coisa pra reclamar cangaceiro? [que responde "não, senhor!" repetidas vezes] tá

com fome? você tá com fome, olha a cara de fome, é verme! [uma música de suspense dá uma pausa no assunto enquanto a frase "CPF cancelado!" é repetida várias vezes] (Vodu cangaceiro [...]. 2023, 0 min 30 s).

Os efeitos do enquadramento fazem referência ao processo pelo qual os sujeitos reorientam o seu pensamento acerca de alguma questão após terem sido expostos a uma informação transmitida de forma transformada - ou seja, uma apresentação do objeto que não se pretende fidedigna ao que retrata. A Persuasão, anteriormente tratada nesta pesquisa, é a habilidade de influenciar crenças e valores a fim da criação de conexões emocionais de identificação entre o comunicador e seu público-alvo, frequentemente exercida na imprensa. O enquadramento impacta a opinião pública, pois molda a forma como os indivíduos avaliam - positivamente ou negativamente - diferentes formas de questões e expressões políticas. (Chong & Druckman, 2007; Druckman, 2004)

No caso dos assaltantes de instituições financeiras, que utilizam o domínio de cidades como parte de suas abordagens, os agentes responsáveis por sua transformação - a sua Lua Cheia - desenham chapéus de cangaceiros nas imagens que capturam dos assaltos e uma narrativa é construída de forma mais folclórica que a sua realidade. A licanthropia é um *framing effect* e também o produto da produção de um medo que vem a se tornar em um sentimento de insegurança nas cidades. Nesse caso, a licanthropia surge como a consequência de um enquadramento persuadido por um processo de reenquadramento, em que uma questão tradicional é lembrada - ou transformada - em um novo problema. Um grupo de bandidos infame, mas lembrados por sua braveza, retorna como um grupo de criminosos *agora* “terroristas”(Chong & Druckman, 2007).

5.2 O novo cangaço, o cangaço digital e o cangaço terrorista

Frequentemente carregados de ideologias conservadoras e politicamente autoritárias, os programas de infoentretenimento fazem parte do cotidiano de grande parte da população brasileira. Os apresentadores baseiam suas performances em seu carisma, que também é elemento decisivo na efetividade de suas mensagens. Tornam-se, assim, figuras que servem de referência acerca de seu posicionamento político, como Datena, atualmente ex-apresentador do programa “Brasil Urgente”, foi um dos poucos canais aos quais o ex -presidente, Jair Bolsonaro, cedeu entrevista durante o pleito de 2018. Outras personalidades conhecidas e admiradas pelo movimento bolsonarista, como Sérgio Moro, tiveram espaço para contrariar publicamente suas polêmicas e discutir sobre temas atuais.

A integração do jornalismo brasileiro à indústria cultural significou a sua aproximação com a clivagem desta prática social similar à existente nos países com maior tradição liberal-democrática. De um lado, estão os meios noticiosos de elite, cuja audiência principal é formada pelo mainstream político partidário e sociocultural. De outro, os jornais populares que mesclam de forma intensa e variada informação e entretenimento. Um tende tratar de temas “sérios” como política e economia, e o outro foca os temas sensacionalistas e personalistas, ao gosto do público de massa (Roxo & Sacramento, 2013, p. 7).

A emissora Record também é conhecida por dedicar parte dos horários de suas plataformas para veicular programas como “Cidade Alerta” e o “Balanço Geral”. O “Domingo Espetacular” não é um programa mais conhecido por seu extremo sensacionalismo ou violência, pelo contrário, o programa tem como objetivo a produção de um jornalismo voltado para o entretenimento familiar.

Sobre a forma como o site oficial do programa se apresenta no R7,

As noites de domingo da Record TV têm um programa especial voltado para a informação e o entretenimento de toda a família. Apresentado por Eduardo Ribeiro e Carolina Ferraz, o Domingo Espetacular é uma revista eletrônica com conteúdo relevante sobre os mais distintos segmentos, com notícias sobre o Brasil e o mundo. Os quadros A Grande Reportagem e Reportagem da Semana trazem matérias investigativas sobre assuntos de interesse público e que provocam impacto no cotidiano dos brasileiros. Além disso, o Domingo Espetacular também possui espaço para discutir pautas de comportamento, beleza, gastronomia e o mundo dos famosos (Domingo Espetacular, [s. d.]).

O programa demonstra consciência de seu impacto social, que é inevitavelmente significante uma vez que é o programa mais visto de sua emissora. Embora tenha como objetivo tratar de assuntos interessantes, curiosos, e ao mesmo tempo voltados para o entretenimento familiar, algumas das matérias apresentam casos de delitos e crimes cometidos por membros do PCC, assim como matérias acerca do funcionamento de presídios de segurança máxima, por exemplo. Por certo, temas assim, que exploram casos de violência extrema cuja repercussão causam discussões acerca dos dilemas sociais experienciados no pensamento brasileiro atual.

Por ter uma abordagem ao mesmo tempo séria, mas descontraída, o programa consegue abordar temas dos mais diversos, como a vida de celebridades e outros mais delicados, como é a matéria específica que essa análise pretende trabalhar como objeto. Os programas policiais mais populares têm seu apelo pela forma coloquial e simples que falam,

mas os apresentadores do “Domingo Espetacular” performam ainda um jornalismo que busca uma formalidade e regra de conduta tradicionais. Por certo, isso lhe confere uma impressão de credibilidade maior e a forma como trata de seus temas é vista como uma referência por seus telespectadores mais assíduos.

O Domingo Espetacular possui uma estrutura mais rígida do que o Fantástico, um dos seus rivais, por exemplo, e não busca mesclar entretenimento com informação. O seu conteúdo é supostamente bem dividido, ou seja, nos momentos em que o programa se propõe ao entretenimento, o telespectador estará ciente pois o programa trata de explicar em suas transições, assim como o faz em momentos em que assuntos mais sérios são tratados. Essa estratégia torna mais fácil, aos olhos do telespectador, reconhecer que será submetido à informação ou ao entretenimento (Silva, 2013).

Ao tratar do aumento da ocorrência de golpes aplicados por quadrilhas digitais, uma das apresentadoras do programa Domingo Espetacular (Quadrilhas [...]. 2023, 0 min 2 s) inicia a matéria dizendo que *“as quadrilhas do novo cangaço causaram terror em todo país [...] trocaram as armas por computadores [...] os criminosos digitais são ousados e estão invadindo contas bancárias até de prefeituras em todo país”* e é enfatizado durante a matéria outras vezes o movimento de migração “das quadrilhas do novo cangaço”, um movimento que pode ser observado comumente nos estudos sobre crime, o fato de que quando uma abordagem torna-se obsoleta em relação ao preparo dos guardiões, outras estratégias são formuladas.

Não quer dizer, no entanto, que um ou outro ex “novo cangaceiro” que se junte a uma quadrilha digital para praticar novas formas de crime tornará esse outro fenômeno social - que tem causas e repercussões diferentes e que foi construído por uma cultura diferente - em um tipo híbrido de crime. Outras referências ao “cangaço digital” podem ser encontradas em diferentes jornais, como, por exemplo, em Cangaço digital [...] (2023).

O termo “cangaço” é totalmente descontextualizado. Os assaltantes mudaram sua forma de assalto porque é mais fácil utilizar o Pix do que transportar uma grande quantia em notas. As palavras utilizadas pela mídia jornalística para descrever atos de crime constroem uma figura desumanizada das pessoas que cometeram os delitos não apenas porque constrói um caráter moralmente condenável pelos telespectadores, mas também por reproduzir uma imagem distorcida dos seus feitos a fim de formular uma narrativa assustadora sobre eles, o que não é um trabalho informativo, mas sim uma forma de reproduzir o medo e expandir suas dimensões.

O “cangaço digital” atua em uma abordagem que se assemelha, nas categorias de Oliveira (2007), a uma abordagem no estilo “sapatinho”, chamada assim pela autora por ser uma técnica utilizada em assaltos a bancos - em que um funcionário do banco é rendido e mantido sob ameaça para garantir acesso ao dinheiro do banco. Diferente das abordagens “ao vapor”, que são mais barulhentas, em que os assaltantes se utilizam das performances liminares descritas por Aquino (2020) para causar intimidação nas pessoas. O “cangaço”, que a princípio foi utilizado para definir as diferenças entre o crime de assalto a instituições financeiras com o domínio de cidades - “novo cangaço” - e outras formas de assalto, agora parece ser utilizado de forma mais livre..

Enquanto a mídia jornalística não nordestina já atribuía assaltos de grande porte a essas alcateias chamadas “novo cangaço”, essa categoria é conhecida por apenas um dos interlocutores de Aracati estudados nesta pesquisa, Marcos, o guarda municipal que acredita que o termo utilizado pela mídia serve como “*marketing*”. E, é verdade, o termo tornou-se bem conhecido com muitas histórias publicadas e de grande interesse do público.

É interessante trazer à tona o fato de que a abordagem não foi diretamente relacionada à analogia “novo cangaço” enquanto foi divulgada em Aracati, embora suas características se encaixam no que a princípio seria o elemento que distinguia as abordagens de assalto do “novo cangaço” das outras. O assalto com domínio de cidades em Aracati tem o que seria o suficiente para enquadrá-los como tal caso usássemos a lógica tomada pelos periódicos que cobriram os acontecimentos em Araçatuba e Guarapuava, por exemplo. As testemunhas também não se lembram de ter escutado o termo “novo cangaço” durante as semanas que se seguiram.

Segundo o portal de notícias Folha de Aracati,

Terrorismo no Ceará: Estamos vivendo o verdadeiro terrorismo no Estado de Ceará. Nesta madrugada houve mais um assalto a uma agência bancária. Bandidos fortemente armados explodiram a agência do Bradesco na cidade de Tamboril. Houve confronto com a PM. Vejam a situação em que ficou o carro de polícia (Terrorismo no [...], 2016).

Em Aracati, temos como exemplo de licantrópia o momento em que é apontada uma falsa simetria feita entre o assalto de 2013 e atos terroristas - que têm motivações políticas e/ou religiosas. A matéria acima foi publicada em uma página virtual de notícias aracatiense e demonstra a transfiguração desses assaltantes em uma outra personagem, o “terrorista”. Para a análise de um exemplo mais recente e cujo impacto é maior, temos os comentários feitos em um vídeo com formato de podcast acerca do “novo cangaço” publicado no canal “Cortes do

MHM” com mais de meio milhão de inscritos e onde se encontra o vídeo em formato de podcast ao vivo.

No vídeo uma entrevista com Eduardo Betini, que participou de operações contra o que chama de uma série de assaltos a banco no Paraná. Os assaltantes circulavam entre São Paulo e Paraná.

O crime de terrorismo contra o patrimônio, ações de terror que são feitas, e a motivação é o quê? O patrimônio. É a mesma coisa que uma célula terrorista, só que a célula terrorista tem a motivação religiosa e política, essa célula política é o patrimônio (Operação [...]. 2022, 16 min 30 s).

O século XXI se introduz com uma percepção dramática dele mesmo, o que fomentou um sentimento de insegurança a sociedades anteriormente interpretadas como seguras. O terrorismo entra nas opiniões públicas influenciadas pelo discurso dominante nas reflexões estratégicas configurando a ameaça por excelência, mesmo que não haja, dentro do arcabouço jurídico do país, uma definição unívoca quanto ao termo.(Moita, 2014, p. 111).

Como categoria histórica e símbolo cultural americano, segundo a CNN Brasil,

A chamada “Guerra ao Terror” , deflagrada pelos Estados Unidos em diversos países do mundo desde o ataque às Torres Gêmeas de Nova York (EUA), em 11 de setembro de 2001, foi responsável por mais de 4,5 milhões de mortes. Os números constam em um levantamento divulgado pelo Watson Institute International & Public Affairs, da Brown University (Mendes, 2023).

A categoria “terrorismo” é frequentemente associada aos atos de violência simbólica operada pelos assaltantes através da captura de reféns e implantação de bombas espalhadas pela cidade, por exemplo. *“Uma acusação de terrorismo é sempre percebida do ponto de vista do “eu” sendo atacado pelo “outro”, em que o “eu” representa o bem, e o “outro”, o mal”* (Moita, 2014, p. 111-114). Assim, as narrativas que, além de categorizar os assaltantes como “novo cangaço”, é perpetuada com ainda mais elementos dramáticos, que têm como objetivo instigar nos espectadores um sentimento de medo e revolta - revolta que é em partes satisfeita com a denúncia feita em forma de programa televisivo.

Um das formas de compreender e categorizar o “terrorismo” considera a deliberada potenciação dos efeitos psicológicos obtidos a partir da violência, mas isso não elementos suficientes para a caracterização de uma ação como terrorista. O conceito de terrorismo está ligado à ideia de utilização do terror com fins políticos ou sociopolíticos. Em Schmid (1993),

“terrorismo” é um método de repetida ação violenta que inspira ansiedade e que é empregue por indivíduos, grupos ou Estados, por razões criminosas ou políticas, “na qual os alvos diretos da violência não são os alvos principais”. Ou seja, os assaltantes do “novo cangaço” não podem ser terroristas, pois não têm como objetivo qualquer manipulação duradoura de suas vítimas e tampouco há motivações políticas em suas empreitadas (Moita, 2014, p. 111-114).

O emprego do termo “terrorista” não busca definir os assaltantes do chamado “novo cangaço” de acordo com as expectativas dos autores do crime, mas surge, na verdade, a partir de uma oportunidade que a imprensa tem de criar medo e explorar seus estímulos em suas matérias supostamente informativas. O processo de licantropia se deu a partir do momento em que as abordagens de produção de medo imediato do “novo cangaço” são frequentemente utilizadas - assim como são utilizados outros crimes - como “evidência” de que, por exemplo, a sensação de impunidade está alastrada no país, mesmo que a existência desses eventos seja melhor explicada de uma forma mais realista que tenha como objetivo o fim do ciclo de produção do medo.

É importante a presença de apresentadores do infoentretenimento na internet. O Canal do Datena compartilha, no Youtube, para mais de duzentos mil inscritos cenas do programa Cidade Alerta apresentado por Datena.

A ousadia desses bandidos é canalha, por isso que eles têm que ser parados na realidade, na lei, cobra do seu deputado, cobra do seu senador, que isso não pode continuar, que isso tem que ser enquadrado na lei de segurança nacional de ato terrorista. Porque sitiar cidades assim não é nem cangaço, é terrorismo (Datena sobre [...], 2021, 2 min 24 s).

O deputado Carlos Alberto da Cunha é também um youtuber brasileiro conhecido como Delegado da Cunha. Ao ser entrevistado por Maurício Meireles no canal Achismos TV, atualmente com 4,6 milhões de inscritos, também afirma que a atuação da polícia é limitada pelo rigor da lei, mas antes disso, ao iniciar sua fala sobre roubos, diz:

O traficante é trabalhador, o ladrão é quem rouba, é vagabundo na essência da palavra, ele não quer trabalhar, ele quer fazer uma fita, um roubo, e fica três meses pra fazer outro e só na vidona (Tudo sobre [...]. 2020, 46 min 17 s).

Sobre o “novo cangaço”, o entrevistado assemelha o seu planejamento ao planejamento dos assaltantes fictícios da série produzida pela Netflix, *La Casa de Papel*, que retrata uma quadrilha de assaltantes em que o planejamento de suas abordagens se dá com muito trabalho e tempo. Existe uma diferenciação, então, entre os menores assaltantes, “vagabundos”, e os assaltantes de grandes roubos, comparados a figuras da cultura pop - o que dá abertura a uma romantização de seus atos. Ainda, o entrevistado reconhece que, em sua essência, há um desejo reprovável que torna o ladrão capaz de cometer crimes. Há uma dualidade entre suas qualidades positivas, sua braveza e expertise, e sua parte tomada como maligna ou fria, o que não existe nos ladrões menores.

Os assaltantes “profissionais” ocupam uma posição de destaque no mundo do crime. Têm um status de profissão que inspira respeito e admiração dos criminosos considerados “menores”, sendo o modelo a que todos aspiram. Ou seja, para os antagonistas, a moralidade positiva dos seus atos se inspira na moralidade do trabalho para se sustentar, uma vez que a ideia de profissão e de profissionalização do crime se sobrepõem a ideais da profissão ligada a formas de trabalho tradicional (Oliveira, 2007).

Para fazer parte de uma quadrilha de assaltos a banco, os integrantes devem ser referenciados como experientes em seu meio, usualmente sendo contactados por parceiros de crimes antigos ou através de uma indicação de um colega para outro. A sua posição de destaque e reconhecimento adquiridas em prévios projetos criam as condições de sua participação no assalto, assim como sua experiência trabalhando em agências bancárias. Em Oliveira (2007), parte das quadrilhas de assalto muitas vezes são formadas por funcionários das agências alvo, ou seja, a convivência com o crime não é exclusiva às periferias, mas existe em toda a cidade.

Através dos diálogos de Aquino (2010a) com Bernardo, um de seus personagens, pode-se entender melhor os critérios utilizados nestas seleções de comparsas. Seus interlocutores revelaram ter preferência por assaltantes de grande poder financeiro coletado com os roubos, o que demonstra experiência, que não têm propensão a vícios, que não tenham grandes oscilações de temperamento e que sejam confiáveis. Os planejadores costumam não se associar a ladrões menores e a pistoleiros, pois acreditam que estes não preenchem todos os requisitos.

Existem resultados semelhantes entre os trabalhos de Nee (2015) e Oliveira (2007), que servem como exemplo desse processo em que o sujeito se mostra permeável a uma nova definição de sua posição social, a tão não convencional figura do criminoso, e se adapta desenvolvendo meios de existência que permitam conforto e sentimento de recompensa.

No trabalho das autoras, a prática racionalizada desses crimes se assemelha com as formas de divisão e organização do trabalho que se encontram no mercado de trabalho convencional. Os resultados de suas entrevistas com assaltantes que atuam em abordagens de grande e médio porte, apontam que os assaltantes sentem uma sensação que eles denominam “adrenalina”, ou seja, uma excitação extremamente prazerosa, uma descarga de energia, que é mantida em níveis altos durante os assaltos e é seguida de relaxamento (Oliveira, 2007; Nee, 2015).¹⁷

Os interlocutores entrevistados por Oliveira (2007) fazem parte de quadrilhas de assalto a banco e, alguns de seus relatos, como,

Ele falou de um banco, que tinha tudo “dado” (sabia detalhadamente o que iam encontrar), ‘e que o dinheiro era bom..aí eu fui e gostei...olha.. vou dizer pra senhora, é gostoso demais...é mais gostoso do que correr atrás de mulher.. não tem coisa melhor não: você entrar assim numa cidade, dominar o pessoal do banco, chegar lá e pegar..é bom demais...dá uma coisa.. descarrega.. a gente sente é uma coisa forte...é uma adrenalina” (Oliveira, 2007, p. 51).

Estes apresentam a descrição de sentimentos que o moralismo do senso-comum, por exemplo, não é capaz de compreender.

Muito pouco se sabe sobre o que acontecerá a seguir no mundo cognitivo e emocional do ladrão, além do fato de que o infrator estará ansioso para converter bens em dinheiro ou outros ‘bens secundários’. Há alguma sugestão nos primeiros estudos de que ocorre uma sensação de euforia e alívio e que o infrator retorne ao seu estilo de vida mais caótico (Vernham; Nee, 2017, p. 20).

Quando se afirma que “o infrator regressa ao seu estilo de vida mais caótico”, embora a tradução em português possa tornar a última afirmação dúbia, o que ela sugere é que o estilo de vida dos assaltantes é um mais caótico do que o que seria um estilo de vida comum. A importância da análise sociológica se dá, pois localiza o objeto de análise em sua realidade imediata, contextualizada, e permite ver que esta afirmação não funciona quando entra em

¹⁷Uma abordagem que privilegie qualquer contribuição da Psiquiatria, frequentemente associada à Criminologia quando se trata de dar explicações ao crime, deve apresentar o contexto histórico em que a Criminologia, desde 1870 - na Escola Positiva Italiana - vincula-se às teorias da raça que defendiam a tese da inferioridade de negros, indígenas e outros grupos marginalizados. Esses pesquisadores defendiam a existência de diferentes criminalidades diferenciadas racialmente, o que indicava que determinados grupos étnicos teriam, essencialmente, relações mais próximas com o crime. Uma abordagem sociológica deve, então, considerar essas formas de conhecimento científico apresentando uma visão crítica destas áreas das quais se utiliza (Calazans, 2021).

confronto com outras formas de ofensa, como as praticadas pelos assaltantes de banco - e na investigação acerca do que interpretam não apenas sobre si mesmos, mas sobre si mesmos em referência à moral de sua comunidade (Clare, 2011; Nee; Venham, 2017).

Ao pôr a vida desses sujeitos como caótica, os autores ignoram a própria forma com que os assaltantes interpretam suas experiências e privilegiam o seu próprio olhar, que está localizado dentro de uma suposta normalidade, onde o crime ocorre de forma organizada. Ao trazer uma categoria formulada em um trabalho cujo objetivo é examinar as técnicas de prevenção e produção do crime a fim de tornar o conhecimento adquirido pelos criminosos inconsistente com as exigências de sua tarefa, a de abordar as vítimas, dificultando o seu trabalho (Clare, 2011).

Não são esses os objetivos da presente análise sociológica. A percepção que os assaltantes de banco escutados por Aquino (2010a) têm sobre o seu próprio lugar no mundo não consiste em uma visão caótica ou mais movimentada da realidade. A autora identifica outro caráter nesse fenômeno ao ser explicado por um viés antropológico e utilizando o conceito de liminaridade de Turner (1974) como uma das chaves centrais para a compreensão do sujeito que tem a prática criminal como vida profissional.

Nestes termos, a “liminaridade” é o estado de suspensão ou indeterminação em que o indivíduo ou grupo se encontra durante o processo de transição de um estado cultural ou social para outro. É um momento de potencial criatividade e transformação, em que as normas e regras sociais são suspensas ou invertidas, e os indivíduos são submetidos a rituais ou cerimônias que marcam sua transição para um novo estado (Turner, 1974).

O sujeito de Aquino (2010a; 2020) tem seu meio de existência tanto subjetivo, quanto social e profissional (“financeiro”) atrelado a uma atividade cujo movimento - por estar o sujeito em um campo social onde sua prática é de diversas formas alternativa à norma e portanto praticada em segredo - que torna sua persona de certa forma fragmentada, pois o sujeito vive em um estado de alternância em ser parte do mundo social a sua volta em determinado momento e ser seu antagonista em outro.¹⁸

A atuação desses sujeitos durante a abordagem, no entanto, buscam reproduzir apenas um dos “lados” onde o assaltante oscila. Apenas o momento em que ele é um criminoso e que seus valores humanos estão suspensos é que deve existir e ser real para as testemunhas

¹⁸É importante ressaltar que por vezes os momentos liminares causam sensações de desconforto e insegurança naqueles que o experienciam. Um dos pontos levantados por esse estudo é que esse é um sentimento comum às vítimas também, que se sentem em uma atmosfera cinematográfica.

durante a abordagem. A relevância da platéia se justifica pois, uma vez que os assaltantes operam a fim de conquistá-la, é ela quem recebe a teatralidade e incorpora em seu mundo real, alterando seu funcionamento corriqueiro e, por vezes, deturpando suas regras e marcando sua percepção por um período de tempo indefinido.

No entanto, uma vez que devido às novas tecnologias as abordagens são frequentemente gravadas por suas testemunhas e postadas na internet, aquele material poderá ter vários fins. Muitos ciclos de medo estarão abertos a partir do momento em que esse material é utilizado de uma maneira que expande e sofisticou os métodos de amedrontamento - que mesmo inconsciente, é poderoso - pela mídia virtual e pela imprensa, assim como pelos espectadores da internet, que também compartilham e produzem conteúdo.

O chamado “cangaço digital” é um exemplo de como esse processo tem fins difíceis de enxergar. O cangaço digital é uma modalidade de crime nomeada por parte da imprensa. Como um exemplo, segundo o jornal Diário Digital,

a equipe da Delegacia Especializada de Repressão a Roubos a Bancos, Assaltos e Sequestros (Garras) deflagrou nesta quarta-feira (7) a 3ª fase da Operação “Bypass”, cumprindo mais dois mandados de prisão e quatro de busca e apreensão em residências e estabelecimentos comerciais, em Campo Grande. [...] Diante disso, os investigadores foram identificados, localizados e presos pelos crimes de furto qualificado mediante fraude com utilização de dispositivo informático, organização criminosa e lavagem de dinheiro. Neste momento, eles se encontram presos na sede do Garras e aguardam os próximos passos. Durante a coletiva de imprensa na delegacia, a esposa de um dos suspeitos também estava no local. Vale destacar que a organização é especializada na prática de modalidade criminosa conhecida como “Cangaço Digital” e já teria praticado este tipo de delito, com lucros milionários, em outros estados da Federação, possuindo tentáculos em âmbito nacional (Romualdo, 2024).

Não é claro o motivo que torna a lembrança do cangaço digna de nota, uma vez que as semelhanças com o modus operandi desses crimes digitais pouco se assemelha ao modo de operação do que a imprensa chamou de “novo cangaço”. O que essa menção ao cangaço se refere? Se às técnicas de intimidação com armas de fogo, então não é adequada a aplicação do termo. Se à escolha do alvo ou à formação de quadrilhas, então as abordagens no sapatinho em Oliveira (2007) também poderiam se encaixar no termo, o que o tornaria desnecessário por ser tão abrangente.

Sobre programas televisivos de violência e crime, em grande parte responsáveis pela construção desse caráter dos assaltantes do “novo cangaço”, há um maior envolvimento do

espectador em relação ao cenário mostrado, pois o espectador sente-se como agente ativo das investigações.

De várias maneiras o Crimewatch busca abrandar o paradoxo, diminuir o conflito entre a nostálgica comunidade imaginada e a moderna sociedade de cidadãos vigilantes corresponsáveis pela manutenção da ordem, marcada pela responsabilidade individual na qual é construído (Teixeira, 2011, p.40).

Não apenas por seus métodos de envolvimento com imagens e sons dramáticos ao fundo, mas também a inversão ideológica - ao pôr no indivíduo o papel da administração do crime, são partes de sua narrativa que exploram os sentimentos de dever, ira, mas, a princípio, de medo, dos espectadores.

Neste sentido, a dramatização dos crimes e da violência não trata de representar os fenômenos. As construções narrativas recheadas de detalhes, ângulos incomuns, ruídos e temas musicais mobilizadores de sensações transformam as cenas criminais em situações virtuais, somente vivenciáveis com o auxílio dos suportes tecnológicos propiciados pela experiência audiovisual televisiva. Os delitos nas dramatizações adquirem aspectos mais reais do que os acontecimentos nos quais afirmam basear-se”(Teixeira, 2011, p. 53)

Neste momento, uma análise social que também privilegia as possibilidades de compreensão das faculdades psíquicas humanas, sugerida aqui a partir de Mira y López (2021). A mídia confirma a existência de um sujeito que na realidade não existe, mas que pode ser real na compreensão de mundo dos cidadãos, que é socialmente formulada a partir do processo de interpretação subjetivo da realidade que aqui se analisa a partir da ideia de *frames* de Goffman (1986). Em Aquino(2020), esses “profissionais do crime” têm a “eficácia simbólica” de suas atuações ratificadas. A reprodução dessas imagens capturam um momento em que valores básicos morais são quebrados e em os agentes de poder oficial têm sua autoridade desmontada por assaltantes armados (Lévi-Strauss, 1985).

Muitas críticas podem ser formuladas contra a reprodução desse conjunto de estereótipos relacionados aos assaltos. Além de não informar devidamente a população acerca do caso, o utiliza apenas para criar momentos “engraçados” de piadas violentas e discriminatórias. O jornalismo de infotimento precisa fomentar duas características que, segundo Dominique Wolton (1996), são comuns a toda e qualquer imagem animada: a identificação e a representação, contribuindo diretamente para retratar e modificar as percepções da realidade. Assim, o espectador pode se sentir parte da realidade construída nas

narrativas do programa, uma vez que os produtos são veiculados de forma a fazer com que estes sintam que essa realidade lhes diz respeito e a forma como entram em contato com ela lhes dá a pretensão de que seu conhecimento adquirido sobre esta parte do real é suficiente (Silva, 2013).

No infotainment, por vezes, se privilegia o entretenimento. Embora a informação seja reproduzida de forma distorcida, ainda que seja uma perspectiva limitada do assunto, o fato de que a narração dramatiza o episódio ou o trata com leveza já é o suficiente para que este cumpra o seu propósito. Ou seja, os danos que esses programas causam no tecido do conhecimento social é operacionalizado como forma de monetização, também se reverbera na criação de mitos acerca das periferias brasileiras.

A existência desses fenômenos é, então, explicada de forma reducionista e ignora qualquer reflexão sobre as condições materiais de existência dessas pessoas, de onde partem suas sociabilidades.. A construção caricata dessa realidade reproduz informações distorcidas ao invés de servir de suporte informacional ou apoio emocional às testemunhas. Assim, o fenômeno da sensação de insegurança e as suas reverberações em ideias classistas e racistas, que afirmam determinados territórios como perigosos por si mesmos, têm tanto sua produção como a garantia de sua efetividade.

Algumas reflexões realmente não cabem no formato do infotainment, pois necessitam de um dispêndio de atenção e exercício mental que pode atrapalhar o funcionamento do programa, sendo dispensável em seu roteiro. Com músicas dramáticas e adjetivos bem escolhidos, é dada uma recompensa moral produzida a partir do momento em que o bandido é morto pela polícia, por exemplo, e o mal exemplo para a sociedade é punido e distanciado da mesma. Outra recompensa são as repetições da frase “CPF cancelado!” que podem significar “menos um!”, uma comemoração ([...] CPF cancelado, 2019, 0:26 s).

5.3 O caráter do licantropo

A lembrança do cangaço é muito relacionada ao caráter que o povo nordestino adquire quando observado por outras regiões - quando visto sob uma percepção estrangeira que relaciona diretamente o espírito nordestino ao clima semiárido e tropical de suas terras. Por esse motivo, Mello (2011) dá o título “Guerreiros do Sol”, para seu livro dedicado ao banditismo no Nordeste do Brasil, pois o título “além da beleza literária, irradia certa intuição antropológica”.

A deixa não escapou à habitual perspicácia de Gilberto Freyre, que assim se pronuncia sobre esse ponto no prefácio que dedicou ao livro: “Sugestão a que pode ser associada esta outra: a de, ao sertanejo do Nordeste brasileiro - região de muito sol, como que masculinizante - ter faltado maior convívio com a água: uma água como que feminilizante. Feminilizante da própria culinária, nos sertões tão masculinamente ascética. E feminilizante também, através de uma frequência de banho de rio, de ação, além de higiênica, recreativa, esportiva, refrescante e capaz, como há quem suponha ser o caso entre gentes árabes, de atuar psicologicamente sobre impulsos bravios, atenuando-se e até adoçando-os” (Mello, 2011, p. 36)

Esse caráter de independência frente instituições sociais repressoras e de resistência ao clima seco e à miséria social no sertão nordestino relacionado à figura do cangaceiro, um homem sem patrão, vivendo das armas, infenso a curvaturas, era razoavelmente bem aceita naquele meio, principalmente entre os mais jovens (Mello, 2011).

A figura do cangaceiro é a de uma pessoa que consegue enfrentar os medos sociais repressivos a fim de sua sobrevivência em um campo social que ativa gatilhos de ameaça de morte que constroem um medo orgânico e que pode se reproduzir em formato de “hordas”, que nesse caso são grupos de assalto que praticavam crimes de roubo, domínio de cidades e estupro, munidos tanto com armas de fogo quanto com uma certa forma de ideologia, uma identidade que representou culturalmente uma resposta que a moralidade e o senso-comum não conseguem explicar em sua totalidade (Mira y López, 2021: 53-60).

Essas características das personalidades dos cangaceiros era muito valorizada culturalmente, pois tivemos como fundamento da família sertaneja o homem pastoril, afeito às batalhas do campo, às necessidades das descobertas de novas pastagens. Em Siqueira (2009) a população nordestina despertou um sentimento de admiração pelo personagem “cangaceiro”, que fazia parte do seu cotidiano e do imaginário popular, sendo citado em contos, livros e canções.

Esse espírito do cangaceiro é, então, lembrado pelos agentes sociais que categorizam as abordagens de assalto modernas e recorrentes que envolvem a invasão de cidades e a paralisação de suas vítimas como “novos cangaceiros” no Sul e Sudeste e Centro-Oeste do país. As abordagens desse modo de assalto vêm sendo categorizadas como ataques do “novo cangaço” e a difusão dessa classificação é tamanha que a série baseada em fatos, “Cangaço Novo”, produzida e lançada pela plataforma de *streaming* Amazon Prime, acompanha uma cidade fictícia do sertão nordestino e busca explorar a existência dessa modalidade de crimes em uma obra que parcialmente retrata a realidade desses eventos.

A lembrança do cangaço é justificada pelas semelhanças das abordagens, que contavam com o plano de sitiar cidades e a demonstração de poder através de ameaças de vida

contra a população. As distâncias também são importantes de serem lembradas, no entanto, uma vez que são eventos que acontecem em períodos, sob contextos e com motivações diferentes um do outro.

De fato, existe uma lógica por detrás do emprego da expressão “novo cangaço” que a fez ser a forma mais comum de nomeação dessa modalidade - devido a presença do domínio de cidades e formação de quadrilhas no cangaço tradicional - de roubos a instituições financeiras, porém, em um contexto histórico em que essa técnica de abordagem se “espalhou” por todo o país e é operacionalizada por grupos de origem, intenções e constituições diferentes, que não tem parentesco algum com as famílias famosas do Nordeste antigo, a relação uma vez nítida entre os cangaceiros e os “novos cangaceiros” parece tornar-se cada vez mais borrada e, à medida em que se desenvolve o fenômeno, mais reducionista também.

Assim, as motivações financeiras - e individuais - por trás dos assaltos são apagadas e a suposta má índole e o desejo pela desordem são tomados como motivadores centrais dos eventos “espalhafatosos”. Embora tratados como “cangaceiros”, as manchetes mais atuais e que veiculam a opinião de “especialistas” buscam substituir a figura do “novo cangaceiro”, permeada de referências regionais, pela figura de um “terrorista” que representa uma ameaça à sociedade civil e que não é mais visto como um marginal, mas como um antagonista da sociedade. O fenômeno se redimensiona a partir das interpretações de jornalistas e internautas sobre o acontecido, que frequentemente apontam os assaltantes como terroristas.

Figura 11 - Refém em cima do carro



Fonte: Thalys Alcântara, Metrôpoles (2021)

As tentativas de assalto mais recentes contam com drones, minas terrestres camufladas e a utilização de reféns como modo de ameaça e proteção, como pode ser observado na Figura 11. Outras diferenças entre esses assaltantes e os assaltantes do cangaço tradicional não são difíceis de encontrar, uma vez que a gênese da motivação dos seus agentes não têm um teor político e de revolta social marcante, e funciona muito mais a partir da colaboração de nomes conhecidos no mundo do crime e com uma carreira criminal já estabelecida e que “investem” na abordagem através da provisão de veículos e armamentos, imóveis para estadia e a presença em reuniões da equipe que vai executar o crime, entre outros gastos (Aquino, 2010b; 2020).

Utilizando-se da compreensão de “empresário” de Schumpeter (1961), a autora diz que, como protagonistas desses “empreendimentos”, os assaltantes interpretam-se e agem como “empresários” no momento de elaboração da abordagem dos alvos, calculando a probabilidade dos diversos resultados, positivos ou negativos. Embora sejam classificados como “criminosos”¹⁹ por códigos jurídicos e valores socialmente instituídos, significam suas

¹⁹Na presente investigação, as quadrilhas são chamadas de “novo cangaço”, e isso tem as implicações necessárias para formar o que aqui se chama de licantropia, que é o momento em que a identidade dessas pessoas é mistificada e/ou politizada por instituições de segurança, programas de televisão, contas influentes na internet e pelas próprias testemunhas e vítimas do crime de domínio de cidades.

ações criminais como “investimentos” que exigem cuidados e habilidades, como a capacidade - ou disposição, de lidar com riscos. (Schumpeter, 1961; Aquino, 2009; 2020).

A lembrança do cangaço confere ao “novo cangaceiro” características que eles não necessariamente têm e constrói uma figura que torna o medo produzido durante as horas de assalto em um medo outro com elementos xenófobos encaixados em sua estrutura virtual e que se reverbera pelo público de outros estados, que se informa com as redes sociais e televisão. A forma como esse medo será enquadrado pelas testemunhas a partir do momento em que fontes de informações tidas como oficiais, como as repassadas por periódicos de jornais conhecidos ou por manifestações de agentes de segurança pública, é fundamental de ser explorada a fim de que se entenda como esse medo é explicado pelos sujeitos e como essa explicação pode não corresponder com a veracidade dos fatos.

Assim, forma-se o medo mágico-intuitivo, ou o medo absurdo em Mira y López (2021) que consiste em uma forma de medo cujas interpretações são deformadas, uma vez que as origens e funcionamentos do evento-objeto referencial são nubladas pelas representações sociais dos agentes envolvidos. É um formato de medo que, embora envolva um mesmo conjunto de sentimentos de um medo instintivo, pode ser apenas formado através do contato social, ou seja, é um medo relacional.

É também uma das formas mais profundas de medo, explica Mira y López (2021), mas esse estudo busca expandir a compreensão desse formato de medo que se desenvolve socialmente e que, por isso, pode ser objeto de uma análise sociológica ao introduzir na sua compreensão a dimensão das trocas simbólicas de poder. O poder simbólico é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder como o poder de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo; é um poder quase mágico que permite o efeito específico de mobilização, mas que só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 1989).

O que podemos admitir é que a introjeção da constrição social e aceitação voluntária das obrigações éticas não são mais que um caso especial do processo geral de assimilação e introjeção dos demais hábitos da vida humana. Qualquer ato - desde o mais neutro e indiferente do ponto de vista ético- a princípio, ensinado, quer dizer incrustado, mecânica e coativamente, embora não sejam de natureza, instintiva, mas no decorrer do tempo, põe-se em marcha sem necessidade dessa acidental coação, e o sujeito adquire a impressão de que realiza “por conta própria”. É assim que, por exemplo, preferimos começar o jantar com a sopa e os frios e terminando com o café, mas, se nos houvesse sido ensinada a comer de forma inversa, teríamos

quando adultos a impressão de que era o contrário (Mira y López, 2021, p. 262).

Embora quase nunca seja uma figura humanizada, a silhueta desenhada para ser publicada nos jornais, que certamente não dão foco ao nome dos assaltantes, mas que constroem uma figura alvo fácil de ser politizada, constrói uma figura humana corrompida pelo mal, assim como os vampiros e lobisomens. A sociedade vê esses agentes sociais que lidam com o crime e reconhecem a sua posição liminar na sociedade e seu movimento que oscila entre os limites da moral. Baseado em uma lógica binária, o senso-comum associa o assaltante, sim, à humanidade, mas o interpreta como alguém que vive sob uma forma deturpada de humanidade. Assim, sagrado e profano coabitam a compreensão social de seu corpo, tornando-o reprovável, mas também temido.

Assim, o caráter licantropo não está nos criminosos, mas nas representações sociais que surgem a partir da experiência de suas vítimas e das testemunhas de seus crimes. A sensação cinética do “Medo absurdo” persiste enquanto parte dos fundamentos subconscientes do sujeito e, no caso das abordagens de assalto do “novo cangaço”, num sentimento físico de pós-guerra. Essa sensação é capaz de transfigurar a interpretação que um tem sobre o outro (Mira y López, 2021).

Assim, ao andar pela cidade, o sujeito poderá sentir como ameaça muitos mais estímulos, mesmo que sejam injustificados - e a compreensão injustificável de estímulos comuns pode se expressar como, por exemplo, através do preconceito contra diferentes cores de pele, o que é constituinte de uma interpretação racista da sociedade (Mira y López, 2021).

Ao serem transfigurados pela imprensa como “terroristas”, as motivações dos assaltantes vão além dos lucros financeiros, o que, além de não ser factual, serve como tentativa de aproximar a “maldade” a uma qualidade inerente do ser humano desenfreada pela condição do sujeito marginal. O mito do lobisomem reflete o medo ancestral da transformação e do desconhecido, simbolizando a dualidade do ser humano - a luta entre o lado selvagem e o lado civilizado. Cidades atingidas por catástrofes de origem desconhecida clamam por uma explicação e criam mitos. Há uma tentativa de tirar do plano abstrato o sentimento angustiante e anônimo da criminalidade (Delumeau, 1923).

O lobisomem é uma silhueta humana que comporta símbolos de uma força violenta e sua humanidade é lembrada apenas por ser contrastante com sua conduta maligna. No caso do “novo cangaço”, a parte humana é corrompida pelo crime e pela associação desses grupos a

uma figura histórica nordestina que corrobora com um estereótipo conhecido sobre o Nordeste, a lembrança de sua condição como de miséria e desordem.

Como um exemplo de crítica a esse estereótipo, De Brito (2023) formula uma crítica acerca da representação do povo nordestino no cinema nacional. O autor reforça a necessidade de se posicionar criticamente defronte a reprodução de estereótipos xenófobos e racistas, pois afirma que tais discursos consumidos pelas massas reforçam uma ideia distorcida da realidade brasileira. Mesmo que sejam obras artísticas ou humorísticas, e não apresentem total compromisso com a realidade, essas peças de mídia são referência reais para as pessoas que não têm contato direto com a realidade da qual se trata.

Sobre a criação de um personagem que represente o crime a fim de condicionar a produção de medo, temos em Mira y López (2021), que a revolução é pior que a guerra, por exemplo, pois na guerra sabemos onde o inimigo está. O conhecimento é uma forma de desconstruir o sentimento de medo, pois dá ao sujeito uma maior sensação de controle sobre a situação em que se encontra. Assim, este pode prever e resolver eventuais incidentes. Os telejornais, então, constroem uma explicação que, mesmo inconsciente, é uma demanda popular desde a ocorrência do evento.

A revolução como forma de expressão da Ira é pior do que a guerra porque perturba as expectativas que os sujeitos que passam por seus processos e faz com que sintam incerteza quanto ao destino de sua revolta; enquanto as guerras são comandadas por autoridades do Exército e do Estado, o que faz com que seus apoiadores tenham um horizonte mais possível de visualizar para o final do confronto, além de ter uma visualização mais óbvia de *quem* é o inimigo que deve ser combatido.

Sobre o conto *O lobishomem da porteira velha* escrito por Griz (1956), Nascimento Costa (2020) diz que a atmosfera opressiva do texto fantástico pode provocar medo e apreensão nos leitores e que essa atmosfera pode desestabilizar as certezas do leitor acerca do personagem e do narrador, criando um ambiente de incerteza e tensão que surge quando as bases da realidade são abaladas.

Assim sentem-se as testemunhas dos grandes assaltos e esse momento de fragilidade sofrido por essas pessoas é explorado nos telejornais, assim como há uma tentativa, principalmente na internet, de inflar os ouvintes em ira utilizando sua indignação política como rastilho. Assim, produzem as condições para a ocorrência de “*misframings*”, que seriam formas distorcidas de perceber determinados eventos (Mira y López, 2021; Goffman, 2021).

Esse momento abre espaço para um desentendimento que tem o medo como espaço onde ferramentas simbólicas são introduzidas. Essa estratégia é capaz de induzir o ouvinte a

determinadas cosmovisões políticas frequentemente conservadoras. A silhueta do lobisomem é apresentada a pessoas que sentem-se indignadas, feridas ou abandonadas social e politicamente. Em alguns casos, a exposição do sujeito a eventos traumáticos pode fazer com que adquiram síndromes de perseguição e outros quadros mentais psicológicos.

Além disso, a licanthropia apresenta a qualidade dos medos da guerra, que se define através da construção social de um símbolo que é inimigo de toda a sociedade. É um medo que tem um alvo e um culpado naturalizados. Quando agentes dotados de grande influência ratificam a ideia de que existe uma ausência de punições adequadas para infratores criminais no Brasil e que, sem um sistema judiciário que enrijeça essas penas, nada poderá resolver o problema, frequentemente também formulam uma falsa ligação direta entre a pobreza - ou a marginalidade - e a ocorrência de crimes. O licantropo tem sempre um lugar de origem, uma cor de pele e uma identidade (Mira y López, 2021).

O lobisomem, no entanto, é uma figura muito mais fantástica e, portanto, muito mais interessante de ser retratada como prazer estético do que a figura do assaltante de bancos comum. Um dos motivos pelos quais o público dos filmes de terror é menosprezado por aqueles mais cultos, que assistem filmes inesperados do cinema mundial, é o fato de que, na maioria dos filmes de terror, as linhas entre bem e mal são muito visíveis, pois muito bem definidas. É fácil identificar o vilão e ter uma identificação com os objetivos dos heróis, então o público tem que se preocupar apenas com o deleite das diversas emoções que o filme traz.

Assim, o termo “novo cangaço” consegue contar a história de um personagem muito mais interessante do que a do homem comum que assalta bancos e cuja humanidade não cabe por inteiro dentro de sua história como cangaceiro, pois ela tem de atrair e instigar sua audiência. Tratar desse efeito como licanthropia se baseia em partes porque a figura do lobisomem evoca medos primordiais relacionados à bestialidade e ao desconhecido. Essa figura folclórica atua como um catalisador de emoções profundas, despertando sentimentos de terror e fascínio nas pessoas (Matos, 2017).

No espírito do licantropo existe uma rachadura por onde o mal lhe corrompe aberta pela posição liminar desse sujeito num espaço de sociabilidades. Durante as horas do assalto, seu papel social é concretizado - no sentido da ratificação social de sua existência - pelo próprio corpo do agente que lhe interpreta. A fricção entre o corpo do sujeito do crime e a máscara construída socialmente e pela qual os outros o enxergam pode criar uma imagem carregada de tensões (Dawsey, 2006; Turner, 1974).

Nos assaltos aqui investigados, muitos símbolos são utilizados para criar uma atmosfera de pânico e paralisação social, mas quanto a esta tática de assalto não chamarei de

“violência simbólica”, uma vez que na teoria bourdieusiana esse termo está mais associado às formas como símbolos não naturais podem ser interpretados como naturais a fim da manutenção de determinadas formas sociais de dominância, que se utilizam desse processo de naturalização de símbolos criados para acumular poder. Aqui trata-se da utilização de símbolos a fim de uma violência que não tem intenção de transformar a forma como as pessoas significam seu universo, mas que o transforma inevitavelmente.

Os assaltantes se utilizam de símbolos, deformando-os por vezes, a fim de criar um poder paralisante efêmero que é programado para ser dissipado com o fim da abordagem. Nisto se diferem de quaisquer outros atores que utilizam a violência simbólica para construir uma ordem social estável ou angariar um poder simbólico que é prolongado ou que se utiliza de uma fonte massacrada simbolicamente há mais tempo²⁰. Os assaltantes são agentes que se utilizam de símbolos para praticar uma violência que se apresenta de diversas formas, simbólica e concretamente, e que foi investigada, pois é o rastilho das sensações experienciadas pelos interlocutores, mas que não tem a pretensão de ser tão profunda e duradoura como realmente é.

Uma das formas de reprodução do medo contra a criminalidade se dá pela construção social da silhueta de um personagem que é dotado deste caráter licantropo. Devido às narrativas produzidas pelos agentes sociais de produção de linguagem, há uma deformação do real caráter dos assaltantes feita a partir de uma interpretação fantasiosa do sujeito que atua no crime. Essas narrativas têm poder de transfiguração do mundo social e são produzidas e reproduzidas por seus ouvintes que podem também tornar-se proliferadores de novas realidades nestes discursos que se utilizam do medo imaginário-insensato como fundamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo pode ser utilizado para mascarar outras emoções e o medo pode ser manipulado socialmente através de processos de produção de medo que se dão através de diversos agentes além dos assaltantes, como acontece na arte, na imprensa e na própria

²⁰Aqui me refiro ao fato de que “violência simbólica” é mais frequentemente utilizada como uma categoria analítica que investiga grupos sociais conflitantes em um campo onde existem diferentes posições hierárquicas e cujas disputas se prolongam ao longo da História, como é o caso da violência simbólica praticada por classes sociais elitizadas contra grupos marginalizados em sua sociedade - como pessoas pretas e pobres - e que se utilizam de ferramentas simbólicas de violência que não são, por muitos, tidas como formas de violência real porque os motivos que as tornam violentas são formados culturalmente e, assim, naturalizados. Foi necessário buscar outra forma de tratar a produção de violência, pois, nestes termos, a análise poderia aproximar as quadrilhas de assalto a grupos sociais dominantes, posição essa que estes assaltantes não ocupam na sociedade.

comunidade. Um pode dizer que sente “medo da rejeição”, mas com isso pode querer mascarar um medo de ser publicamente humilhado e, portanto, está cheio de vergonha. Nesse caso, o medo seria apenas uma forma de dar nome a uma antecipação, a ansiedade ante a chegada, de um futuro sentimento de vergonha (Barbosa & Koury, 2013; Scheff, 2002).

Scheff (2002) trata do medo como um sentimento por demais abstrato para sua análise. A vergonha seria, então, um sintoma de um medo que é mais longínquo e inconsciente. Existem diferentes tipos e formas de expressão do sentimento de vergonha na ação humana, assim como existem diversos tipos e expressões do medo. A pesquisa presente buscou aproximar-se sociologicamente deste medo mais fundamental, um espaço onde estão as referências que as manifestações de medo se utilizam para funcionar (Barbosa & Koury, 2013).

Admitiu-se a noção de que este medo faz parte do esquema de enquadramentos adquiridos pelos sentidos e pode ser fundamental para a formulação do pensamento e do desejo humano, como a vontade política. Foram observados exemplos de agentes na televisão e na internet que contam histórias sobre o medo do crime a partir de uma agenda política.

Os alvos desses discursos não são instigar necessariamente os medos superficiais dos seus ouvintes e leitores, mas sim a sua construção constante de um medo que está anterior às tomadas de decisões humanas (pelo menos no caso do medo ao qual a pesquisa refere-se, o medo do crime). Um medo que não é apenas um sentimento efêmero de pânico, mas uma das lentes que projetam o mundo na mente humana. Um espaço vítreo onde habita o reflexo incorporado dos símbolos de ameaça (Mira y López, 2021).

Os grandes empresários do crime não têm a intenção de transformar definitivamente o construto psíquico de suas vítimas, mas sim de manipular as vítimas momentaneamente prevendo seus medos e instigando-os. Eles realizam atos simbolicamente violentos²¹ - ou atos simbólicos de violência. Isso é o medo causado pela manipulação de símbolos pré estabelecidos. Não têm em sua agenda a reprodução de qualquer forma organizada de discurso político, de insurgência contra a ordem democrática ou vontade por uma nova ordem política. Os agentes que transformam esses eventos em histórias que servem como suposta evidência de uma narrativa política específica são os programas de televisão e as vozes influentes na internet.

²¹Os atos simbolicamente violentos, como dito anteriormente, podem também transformar profundamente a subjetividade dos sujeitos a depender de sua intensidade e contexto em que ocorrem. Tornar evidente as diferenças entre esses atos e os atos de violência simbólica se faz necessário, pois compreende os limites de sua efetividade e do seu tipo de poder.

Com o passar do choque, o medo que se instaura na vítima não é apenas o medo daquele assalto especificamente, é, também, o medo da criminalidade. Isso pode ser exemplificado pela fala da Entrevistada B ao ser perguntada se ainda persiste o medo sentido no momento: "Eu acho que não necessariamente de ser assaltada, mas de acabar entrando no meio de algum confronto por acidente, tipo, tava na hora errada, no lugar errado". Por horas, a testemunha experimentou a evidência máxima de sua vulnerabilidade contra o crime e quando voltou à sua vida normal, habitou-se em uma realidade que revelou-se mais letal do que antes e cujos imprevistos nem sempre o indivíduo resistirá com vida.

A Entrevistada B agora relata a inflamação do medo de ir à rua, mas não do medo de ser assaltada novamente pelos assaltantes do "novo cangaço". Essa diferença é relevante no momento em que se percebe a repercussão "difusa" dos medos que essas abordagens - e sua reprodução na mídia - causam na cidade. A Entrevistada B não sente medo do símbolo que lhe instigou no passado, as explosões. Ao sair de casa, ela sente-se amedrontada pelo sentimento de que a qualquer momento o crime pode acontecer. Um sentimento que se dá a partir do seu contato com a cidade, um ambiente que nubla os símbolos com sua atmosfera ameaçadora (Barreira, 2013).

O "novo cangaço" torna-se um produto e é veiculado de inúmeras formas pelos meios de comunicação, mesmo que sua existência e a validade de sua categorização sejam questionáveis. As histórias compartilhadas sobre eles são sempre mais dramáticas e dotadas das características de uma lenda urbana. O que perdura é aquilo que alcança o medo mais *abstrato* e as lendas e os mitos são capazes disso. "*É assim que os "mortos" assustam mais que os vivos; os "fantasmas" angustiam e torturam as mentes ingênuas muito mais que um bandido de carne e osso*"(Mira y López, 2021, p. 19).

A ocorrência de grandes roubos pode ter consequências passageiras, mas o sentimento de abandono, injustiça e medo persistem em forma de insegurança pública. A transição direta do medo em vontade de combate ao Medo, que passa pela Ira e tem o Dever como destino final, não é demonstrada no trabalho de Mira y López. Esse é um movimento que, no entanto, existe, assim como existe, na obra do autor, a transição do medo para dois possíveis estados que têm sua existência baseada no "Gigante Negro"(Mira y López, 2021). Sugiro que dos possíveis resultados do Medo, o Dever é o terceiro - assim como pode também ser produto da Ira, que por sua vez é produto do Medo.

Essa compreensão foi importante para esta pesquisa, uma vez que os “lobisomens” da Idade Média, por exemplo, motivaram caçadas coletivas organizadas a fim de capturá-los. A partir disso, o medo é também causador de uma vontade de combatê-lo que quando aliada à Ira se torna a indignação da vítima - a sede de vingança. Os discursos produzidos sobre os casos questionam direitos fundamentais, como o direito à vida, por exemplo. Como foi observado, a situação faz as testemunhas refletirem sobre a natureza humana e temerem a ausência de limites morais do licantropo.

Este trabalho investigou os medos inflamados por esses grandes assaltos entendendo que, além das histórias contadas por suas vítimas e espectadores, é significativa a participação da imprensa no desenrolar da produção de medo desses eventos. Através do apelo emocional e da dramatização das histórias, o que tem-se como destaque é a reprodução de uma narrativa desumanizadora que fomenta a produção do medo social que se instaura nas cidades em forma de insegurança urbana.

Ao serem transfigurados pela imprensa como “terroristas”, as motivações dos assaltantes extrapolam os lucros financeiros, o que, além de não ser factual, serve como tentativa de aproximar a “maldade” a uma qualidade inerente do ser humano desenfreada pela condição do sujeito marginal. A ausência de reparação do medo é danosa para a manutenção da confiança popular na coesão social, mas também são perigosas as criaturas fantásticas que o medo é capaz de criar.

REFERÊNCIAS

AÇÕES DA Brigada Militar, como a Operação Angico, refletem em queda de ataques a banco no RS. O Sul, Rio Grande do Sul, 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.osul.com.br/acoes-da-brigada-militar-como-a-operacao-angico-refletem-em-queda-a-de-ataques-a-banco-no-rs/>. Acesso em: 27 set. 2023.

APROVADA URGÊNCIA para projeto que tipifica crime de domínio de cidade. Agência Câmara de Notícias, Brasília, 1 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/900489-aprovada-urgencia-para-projeto-que-tipifica-crime-de-dominio-de-cidade/>. Acesso em: 20 set. 2023.

AIDAR, Jose Luiz; MACIEL, Márcia. **O que é vampiro**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Príncipes e castelos de areia: performance e liminaridade no universo dos grandes roubos**. 2009. 230 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2009.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Príncipes e castelos de areia: um estudo da performance nos grandes roubos**. 1. ed. São Paulo: Editora 24 Horas, 2010a.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Redes e conexões parciais nos assaltos contra instituições financeiras**. Rio de Janeiro: Dilemas, v. 4, 2010b.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Etnografando assaltos contra instituições financeiras: a publicação da pesquisa, seus impasses e desdobramentos**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, p. 184-210, 2015.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Subvertendo o Código Penal e monogamia: arranjos afetivos e familiares envolvendo praticantes de assaltos contra instituições financeiras**. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 84-111, 2017.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Pioneiros: o PCC e a especialização no mercado dos grandes roubos**. Journal of Illicit Economies and Development, Londres, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2018.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. **Violência e performance no chamado ‘novo cangaço’: cidades sitiadas, uso de explosivos e ataques a polícias em assaltos contra bancos no Brasil**. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 615-643, 2020.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de; HIRATA, Daniel. **Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017**. BIB, São Paulo, n. 84, 2/2017, p. 107-147, 2018.

ASSALTANTES EXPLODEM caixas eletrônicos em Aracati, no Ceará. G1 CE, Fortaleza, 21 de agosto de 2013. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/assaltantes-explodem-caixas-eletronicos-em-aracati-no-ceara.html> Acesso em: 27 out. 2022.

AVELINO, Jamil David. **Os medos na Idade Média (séculos X – XIII)**. Artigo apresentado ao Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, como parte dos requisitos para conclusão do curso de licenciatura em História, sob orientação do Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução de Esteia dos Santos Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1938.

PEÑA, Sendoa Ballenteros. **Mortos podem voltar à vida? O mistério dos 'Lázaros' que desafiam a ciência**. BBC News, 12 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54792809>

BARBOSA; KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **A abordagem de Thomas Scheff sobre a vergonha na Sociologia das emoções**. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, Paraíba, v. 12, n. 35, 2013.

BARREIRA, César. **Crueldade: a face inesperada da violência difusa**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 30, n. 1, p. 55-74, 2015. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922015000100005>.

BARREIRA, César. **Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade**. Revista Brasileira de Sociologia, São Cristóvão, v. 1, n. 1, p. 217-242, jan./jul. 2013.

BEAUNE, Colette. **Grandes medos da Idade Média: os lobos**. Revista História Viva, São Paulo, Ano IV, n. 38, p. 48-50.

BEST, Joel; LUCKENBILL, Donald F. **The Social Organization of Deviants**. Nova York: Academic Press, 1980.

BEST, Joel; LUCKENBILL, Donald F. **Organizing Deviance**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.

BORELLI, Silvia Helena Simões; MIRA, Maria Celeste. **Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil**. INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. XIX, n. 1, p. 33-57, jan./jun. 1996.

BOUDON, Raymond. **A ideologia: ou a origem das ideias recebidas**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BOUDON, Raymond. **The problems of the philosophy of history**. Social Science Information, Londres, v. 25, n. 4, p. 861-880, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Vera Ribeiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. 1. ed. São Paulo: Editora Zouk, 2003.

BRANT, Danielle. **Câmara aprova projeto que torna crime hediondo o domínio de cidades ou 'novo cangaço'**. Folha de SP, São Paulo, 03 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/camara-aprova-projeto-que-torna-crime-hediondo-o-dominio-de-cidades-ou-novo-cangaco.shtml> Acesso em: 3 jun. 2023.

ENCONTRO TÉCNICO Interestadual entre as Operações Especiais. Rio Grande do Sul, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/encontro-tecnico-interestadual-entre-as-operacoes-especiais>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRIGADA MILITAR RIO GRANDE DO SUL. **Homicídios caem 22,9% e redução de roubo de veículos bate novo recorde em agosto**. Rio Grande do Sul, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/homicidios-caem-22-9-e-reducao-de-roubo-de-veiculos-bate-novo-recorde-em-agosto>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRIGADA MILITAR RIO GRANDE DO SUL. **Operação Angico da BM contribui para queda em ataques a banco no Estado**. Rio Grande do Sul, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://ssp.rs.gov.br/a-operacao-angico-da-brigada-militar-contribui>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRIGADA MILITAR RIO GRANDE DO SUL. **Primeiros resultados da Operação Angico da BM contra os crimes do novo cangaço**. Rio Grande do Sul, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/primeiros-resultados-da-operacao-angico-da-bm-contra-os-crimes-do-novo-cangaco>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRITO, J. J. de. **O imaginário do nordestino no cinema nacional: um estudo sobre os discursos estereotipados no filme “Lula, o filho do Brasil”**. Rio de Janeiro: Epitaya E-Books, v. 1, n. 55, p. 13-26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2023946p13>.

CÂMARA APROVA projeto que tipifica crime de domínio de cidade. Câmara Dos Deputados. 03 ago. 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/noticias/camara-aprova-projeto-que-tipifica-crime-de-dominio-de-cidade>. Acesso em: 23 jun. 2024.

COM REFÉNS, carros incendiados e tiros contra a polícia, quadrilha ataca empresa de valores no PR. R7, Cidades, 18 de abril de 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/com-refens-carros-incendiados-e-tiros-contr-a-policia-quadrilha-ataca-empresa-de-valores-no-pr-18042022/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

17 CPF CANCELADO. [S. l.: s. n.] 2019. 1 vídeo (3 minutos). Publicado pelo canal Sikêra Junior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcdXpI3qJDw> Acesso em: 02/02/2024

CAMINHAS, Diogo Alves; BEATO, Claudio Chaves Filho. **“Todo ladrão vai trabalhar com a sua mente”**: o uso da força e de armas nos assaltos em Belo Horizonte, Minas Gerais. v. 13, n. 3, p. 645 - 667, 2020.

CARVALHO, Pollyanna. **PF da Bahia prende quadrilha do PCC que roubou Correios no PI**. Cidade Verde, Piauí, 01 jul. 2010. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/60847/pf-da-bahia-prende-quadrilha-do-pcc-que-roubou-correios-no-pi> Acesso em: 3 jun. 2024.

CASTRO, Francisco Xavier Medeiros de. **Caça a assaltantes em Guarapuava envolve DNA, drones, cães e perícia de armas**. Gazeta do Povo, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/caca-aos-assaltantes-em-guarapuava-envolve-banco-genetico-drones-pericia-de-armas-e-caes/> Acesso em: 2 jun. 2024.

CASTRO, Francisco Xavier Medeiros de. **Do Hamas ao terrorismo doméstico brasileiro: uma analogia necessária**. Folha BV, 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/opiniaao/do-hamas-ao-terrorismo-domestico-brasileiro-uma-analogia-necessaria/> Acesso em: 28 mai. 2024.

CESAR, Marcos (@MarcosC68201292). **“Em assalto ocorrido em Guarapuava/PR, o exército colocou o blindado Urutu nas ruas e o pesado veículo nada fez. Só pressão!!”** X, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/MarcosC68201292/status/1517519989338886145>. Acesso em: 27 set. 2023. Acesso em: 28 mai. 2024.

CLARE, J. **Examination of systematic variations in burglars’ domain-specific perceptual and procedural skills**. Psychology, Crime & Law, Inglaterra, v. 17, p. 199–214, 2011.

CLUTTERBUCK, Richard. **Guerrilheiros e terroristas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

COMISSÃO DEBATE projeto que transforma o 'domínio de cidades' em crime hediondo. 04 de março de 2024. Agência Senado. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/...> Acesso em: 23 nov. 2024

CORRÊA, D. **Adotando o ponto de vista do outro: Mead, o assalto e a empatia tática.** Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 13, n. 3, p. 591-614, 2020.

COSTA, Emilia Viotti da. **A concepção do amor e idealização da mulher no romantismo.** ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 4, p. 29 - 56, 2001.

DATENA SOBRE assalto em Araçatuba: Novo Cangaço é terrorismo | Brasil Urgente. [S. l.: s. n.] 2021. 1 vídeo (3 minutos). Publicado pelo canal Cortes do Datena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mtvuqlcGxUE>. Acesso em: 27 out. 2023.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** 1. ed. Lisboa: Almedina, 2009.

14º CURSO DE Especialização em Operações Especiais. Batalhão de Operações Especiais, Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1º de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/14-curso-de-especializacao-em-operacoes-especiais>. Acesso em: 3 jun. 2024.

DAWSEY, J. C. **Benjamin Turner e Antropologia da performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas.** *Revista Campos*, v. 7, n. 2, p. 17-25, 2006.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DICKENS, Charles. 1860-1861. **Grandes Esperanças.** 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.

DOMINGO ESPETACULAR | Editoria Rede Record. R7. [s. d]. Disponível em: <https://anuncie.r7.com/nossos-sites/domingo-espetacular/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

DRUCKMAN, James N. **The implications of framing effects for citizen competence.** *Political Behavior*, v. 23, n. 3, p. 225-256, 2001.

DRUCKMAN, James. **Political Preference Formation: Competition, Deliberation, and the (Ir)relevance of Framing Effects.** Cambridge University Press, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FEENEY, Floyd. **Robbers as Decision-Makers**. In: CORNISH, Derek B.; CLARKE, Ronald V. (orgs). *The Reasoning Criminal: Rational Choice Perspectives on Offending*. Nova York: Springer-Verlag, p. 53-71, 1986.

FLANDERS, Judith. **Crime and crime fiction, Popular culture, Reading and print culture**. British Library, 2014.

FONSECA, Luís Filipe Sanches Falcão da. **Diagnóstico de morte cerebral**. Trabalho final do 6º Ano Médico, com vista à atribuição do grau de Mestre, no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado Integrado em Medicina (Medicina Intensiva). Coimbra: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, 2011.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina (Orgs.). **Sobre o medo: o mal na literatura brasileira do século XX**. 1. ed. Porto: Hugin Munin, 2020.

GELDER, J. V. **Beyond Rational Choice: the Hot/Cool Perspective of Criminal Decision Making**. Netherlands Institute for the Study of Crime and Law Enforcement (NSCR), De Boelelaan, Amsterdam, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOLDMANN, Lucien. **A criação literária e a sociologia do imaginário**. Tradução de Pedro A. A. Gomes. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

ARAÇATUBA: CICLISTA tem pés amputados ao ser atingido por explosivo deixado por criminosos em mega-assalto. G1 Rio Preto e Araçatuba, São Paulo, 30 ago. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2021/08/30/terror-em-aracatuba-morador-em-bicicleta-tem-perna-amputada-ao-acionar-explosivo-deixado-por-criminosos.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GRIZ, J. **O lobishomem da porteira velha**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

GRUPO ARMADO invade Aracati e explode banco. Redação. Diário do Nordeste, 21 ago. 2013. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/grupo-armado-invade-aracati-e-explode-banco-1.855585>. Acesso em: 23 out. 2022.

GRUPO EXPLODE caixas eletrônicos de agência do BB e troca tiros com a polícia. O POVO, Fortaleza, 21 ago. 2013. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/aracati/2013/08/grupo-explode-caixas-eletronicos-d-e-agencia-do-bb-e-troca-tiros-com-a.html> Acesso em: 28 out. 2022.

GUARAPUAVA: POLÍCIA prende 17 envolvidos em mega-assalto no PR. iG Último Segundo. 21 set. 2022. A operação, que contou com mais de 700 policiais, resultou na prisão de 24 pessoas em cinco meses, após o crime ocorrido em abril de 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/policia/2022-09-21/policia-prende-envolvidos-mega-assalto-guarapuava-pr.html> . Acesso em: 23 jun. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

HANGAI, Luis Antonio. **A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação**. *Revista Ação Midiática. Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 2, n. 1, 2012.

HOLANDA, Leonardo Carneiro. **Consequências emocionais, cognitivas e comportamentais da vitimização por roubo**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2017.

IG ÚLTIMO SEGUNDO. **Guarapuava: polícia prende 17 envolvidos em mega-assalto no PR**. IG, 21 set. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/policia/2022-09-21/policia-prende-envolvidos-mega-assalto-guarapuava-pr.html> Acesso em: 8 mai. 2022.

ISTOÉ GENTE. **Relembre polêmicas envolvendo o apresentador Sikêra Jr**. Istoé, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/relembre-polemicas-envolvendo-o-apresentador-sikera-jr/> Acesso em: 28 mai. 2024.

JACOBS, B. A. **The manipulation of fear in carjacking**. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 45, n. 5, p. 523-544, 2013.

KATZ, Jack. **Seductions of crime: moral and sensual aspects of doing evil**. Nova York: Basic Books, 1991.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na Sociologia**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2009.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacob. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Tradução de Eduardo Fonseca. São Paulo: Madras, 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacobus. **Malleus Maleficarum: O Martelo das Bruxas**. 1. ed. Nova Iguaçu: Rosa dos Ventos, 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEATHER, Philip et al. **Violence and work: introduction and overview**. In: *Work-related violence: assessment and intervention*. New York: Routledge, 1999.

LEITE, Rodrigo. **Chefão do batalhão de Guarapuava (PR) é afastado após ser visto em festa**. *Jornal da Band*, São Paulo, 21 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LETKEMANN, Peter. **Crime as work**. 1. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 181-200.

LIGHT, R.; INGHAM, H.; NEE, C. **Car theft: the offender's perspective**. London: HMSO, 1993.

LINGER, Daniel. **Dangerous encounters: meanings of violence in a Brazilian city**. Stanford: Stanford University Press, 1992.

LOPES JR., Ernani. **Cangaceiros viajam de Hilux: as novas faces do crime organizado no Nordeste do Brasil**. *Cronos*, Natal, v. 7, n. 2, p. 353-372, 2006.

MATHEUS, Igor (@oigor). **“O exército nas ruas de Guarapuava, oremos para que esse terror acabe logo”**. X, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/oigor/status/1517405262507319299>. Acesso em: 27 out. 2023.

MATOS, G. D. S. **O Lobisomem: As Leituras de Um Mito Sociocultural Brasileiro**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) — Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Redenção, Ceará.

MAUSS, Marcel. (1921) **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: Marcel Mauss: Antropologia. Org. (OLIVEIRA, Roberto Cardoso de.) São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, Marcel. (1926) “**Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade - Austrália, Nova Zelândia.**” In: Marcel Mauss. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEGARGEE-HOKANSON, Edwin. **A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 2011.

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais**. São Paulo: Lua Nova, 1989. p. 49-66. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451989000200004>.

MELO, Petra Pastl Montarroyos De. **O monstruoso no imaginário fílmico: Um estudo sobre o cinema de Tim Burton**. 2011. Dissertação (Mestrado) — Programa de Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MELTON, J. Gordon. **O Livro dos Vampiros: A Enciclopédia dos Mortos-Vivos**. 1. ed. Trad. James F. Sunderlank Cook. São Paulo: Makron Books, 1995.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento**. Entrevista de Alberto Melucci a Leonardo Avritzer e Timo Lyyra. Novos Estudos do CEBRAP, nº 40, p. 152-166, 1994.

MENDES, Fábio. “**Guerra contra o terror**” matou mais de 4,5 mi desde o 11 de setembro, diz estudo. CNN, 23 mai. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-contra-o-terror-matou-mais-de-45-milhoes-desde-o-11-9-diz-estudo/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. **Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 187-201, 2012.

MIRA Y LÓPEZ, Emilio. **Os quatro gigantes da alma: medo, ira, amor, dever**. 1. ed. São Paulo: EDIJUR, 2021.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; OLIVEIRA, Marcella Beraldo de. **Antropologia e Políticas Públicas: Notas sobre a avaliação do trabalho policial.** *Cuadernos de Antropología Social*, n. 25, p. 51-70, 2017.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.** 413 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MOITA, Luiz. **"Nine/Eleven": Repercussões no pensamento europeu.** In: SOUZA, André de Mello e; NASSER, Reginaldo Mattar; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. (Orgs.). *Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI.* Brasília: Ipea, 2014.

MORAES, S. S. ; BARREIRA, César. . Medo e violência na cidade: narrativas e tramas que alteram o cotidiano no bairro Benfica, Fortaleza-CE.. In: *Reunião Equatorial de Antropologia*, 2015, Maceió. Direitos diferenciados, conflitos e produção de conhecimento, 2015. v. 1.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Poder, Vida E Morte Na Situação De Tortura: esboço de uma fenomenologia do Terror.** São Paulo: Hucitec, 1985.

NASCIMENTO, A. M. D. **Sob a Mira do Crime: Vitimização, Saúde e Identidade entre Bancários da Bahia.** 2003. Tese (Doutorado) — Universidade Federal da Bahia.

NEE, Claire. **Understanding expertise in burglars: From pre-conscious scanning to action and beyond.** *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, v. 12, n. 1, p. 53 - 61, 2015.

OLIVEIRA, I. M. S. **Do vapor ao sapatinho: organização das quadrilhas e gerenciamento de vítimas de roubos a banco.** Salvador: Dissertação (Mestrado) — Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2007.

OPERAÇÃO ANGICO DA BM contribui para queda em ataques a banco no Estado. Secretaria da Segurança Pública, Porto Alegre, 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ssp.rs.gov.br/a-operacao-angico-da-brigada-militar-contribui> Acesso em: 3 jun. 2024.

OPERAÇÃO ANGICO da BM evita roubo a estabelecimento comercial em Paraí. Brigada Militar Rio Grande do Sul. 3 de março de 2020. Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/operacao-angico-da-bm-evita-roubo-a-estabelecimento-comercial-em-parai> Acesso em: 3 jun. 2024.

OPERAÇÃO contra o 'novo cangaço' (com Eduardo Betini) | Podcast do MHM. [S. l.: s. n.] 2022. 1 vídeo (16 minutos). Publicado pelo canal Cortes do MHM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oWNb2-yW1mw>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PAES-MACHADO, Eduardo; VIODRES-INOUE, Silvia. **O lado sombrio da estrada: vitimização, gestão coercitiva e percepção de medo nos roubos a ônibus interurbanos.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 30, n. 89, p. 9 - 30, 2015.

PAIVA, L. F. **A construção social do calvário: sobre como os meios de comunicação retratam mortes violentas.** In: BARREIRA, C.; AQUINO, J. P.; SÁ, L. D. (Orgs.). Violência, ilegalismos e lugares morais. Campinas: Pontes, 2014. p. 135-156.

PASSARELLI, Vinicius. **SP: polícia prende quatro suspeitos de praticarem “cangaço digital”.** Metrôpoles, São Paulo, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/policia-sp/sp-policia-prende-quatro-suspeitos-de-praticarem-cangaço-digital> Acesso em: 13 jun. 2023.

PHILLIPS, E. M. **Pain, suffering, and humiliation: the systemization of violence in kidnapping for ransom.** 2011. Thesis (Ph.D. in Psychology) – University of Liverpool, Liverpool, UK, 2011.

PIZARRO, J. M.; CORSARO, N.; YU, S. V. **Journey to crime and victimization: An application of routine activities theory and environmental criminology to homicide.** Victims and Offenders, v. 2, n. 4, p. 375-394, 2007.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição.** Trad. Fábio Tadaiesky. São Paulo: Empíreo, 2015.

POE, Edgar Allan. **Contos de imaginação e mistério.** 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2019.

POE, Edgar Allan. **O corvo.** 1ª ed. São Paulo: Empíreo, 2015.

QUADRILHAS do novo cangaço passam a aplicar golpes digitais. [S. l.: s. n.] 2023. 1 vídeo (9 minutos). Publicado pelo canal Domingo Espetacular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ngW-3aLPMNg&t=509s> Acesso em: 13 jun. 2024.

RODRIGUES, R. M. **Do Novo Cangaço ao Domínio de Cidades.** Alpha Bravo, 20 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.alphabravobrasil.com.br/do-novo-cangaço-ao-dominio-decidades/>.

ROMUALDO, Marina. **'Cangaço Digital': Dois são presos durante operação contra organização que furtou R\$ 1,5 milhão de banco.** Diário Digital, 07 fev. 2024. Disponível em: <https://www.diariodigital.com.br/policia-2/cangaço-digital-dois-sao-presos-durante-operacao-contra-organizacao-que-furtou-r-1-5-milhao-de-banco> Acesso em: 4 jun. 2024.

ROXO, M; SACRAMENTO, I. **Populismo e o neopopulismo no jornalismo televisivo brasileiro**. Salvador, XXII COMPOS: 2013.

SCHEFF, Thomas. **Unpacking the civilizing process: shame and integration in Elias work**. Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, v. 1, n. 1, p. 26-42, 2002.

SCHEUFELE, Dietram A. **Framing as a Theory of Media Effects**. *Journal of Communication*, v. 49, n. 1, p. 103-122, 1999.

SCHMID, Alex P.; CRELINSTEN, Ronald D. **Western Responses To Terrorism**. Londres: Frank Cass & Co., 1993.

SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do desenvolvimento econômico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA, F. M. da. **As (des)ilusões do (ir)real na ficção de Murilo Rubião**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.

SILVA, G. F.; BEATO, C. **Confiança na polícia em Minas Gerais: o efeito da percepção de eficiência e do contato individual**. Opinião Pública, v. 19, n. 1, p. 118-153, jun. 2013.

SIMMEL, Georg. **Le Conflit**. Paris: Éditions Circé, 1992.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: estúdios sobre las formas de socialización**. Vol. 1. Trad. J. Pérez Bances. Madri: Revista de Occidente, 1926.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. 1973. In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 11-25, 1979.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TEIXEIRA, N. A. **Televisão, hipercrimes e violências na modernidade tardia**. In: SANTOS, J. V. T.; TEIXEIRA, N. A.; RUSSO, M. (Orgs.). Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. (Cenários do conhecimento), p. 39-55.

TERRORISMO NO Ceará. Folha de Aracati. 2 de agosto de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/folhade aracati/posts/pfbid0WfdhWaEV1oSzC5k9u67YZTkSM8kGjtsBZbecFZAGQb95EV9DK58jWjfk6n7yXDil?locale=pt_BR. Acesso em: 16 nov. 2023.

TUDO SOBRE delegado de polícia. Da Cunha: Entrevista Completa. [S. l.: s. n.] 2020. 1 vídeo (61 min). Publicado pelo canal Achismos TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aYDcwXhYhYk>. Acesso em: 3 jun. 2024.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974

VEJA O que se sabe sobre o ataque de assaltantes que aterrorizou e deixou feridos em Guarapuava, no Paraná. G1 PR, Curitiba, 18 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2022/04/18/veja-o-que-se-sabe-sobre-o-ata-que-de-assaltantes-que-ate-terrorizou-guarapuava-e-deixou-feridos-no-parana.ghtml> Acesso em: 14 jun. 2023.

VERNHAM, Zarah; NEE, Claire. **Dysfunctional expertise and its relationship with dynamic risk factors in offenders**. In: WARD, Tony; FORTUNE, Clare-Ann (ed.). *Dynamic risk factors: what role should they play in the explanation, assessment and rehabilitation of offenders?* 1st ed. London: Routledge, 2017. p. 21. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315266039>.

VICENTE, Marcos Xavier. **PMs de Guarapuava negam que havia plano de contingência para barrar assaltantes**. Gazeta do Povo, Paraná, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/pms-de-guarapuava-negam-que-havia-plano-de-contingencia-para-barrar-assaltantes/> Acesso em: 5 jun. 2023.

VICENTE, Marcos Xavier. **Caça a assaltantes em Guarapuava envolve dna, drones, cães e perícia de armas**. Gazeta do Povo, Curitiba, 18 abr. 2022 [2022a]. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2024.

VICENTE, Marcos Xavier. **PMs de Guarapuava negam que havia plano de contingência para barrar assaltantes**. Gazeta do Povo, Curitiba, 19 abr. 2022 [2022b]. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2023.

VITAL, Ericksen. **Dois bancos são assaltados em 24h no interior de Mato Grosso, diz polícia**. G1, Mato Grosso, 11 nov. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2011/11/dois-bancos-sao-assaltados-em-24h-no-interior-de-mato-grosso-diz-policia.html> Acesso em: 6 jun. 2022.

VODU CANGACEIRO fraco!. [S. l.: s. n.] 2023. 1 vídeo (18 minutos). Publicado pelo canal Sikera Junior. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h_9W_yER-dI&t=751s Acesso em: 3 jun. 2024.

APÊNDICE A - LISTA DE ENTREVISTADOS

Entrevistada A: Ana Oliveira. Moradora de Guarapuava. Entrevista realizada virtualmente no dia 6 de julho de 2022

Entrevistada B: Cecília Andrade. Moradora de Araçatuba. Entrevista realizada virtualmente no dia 5 de julho de 2022

Entrevistada C: Júlia Maia. Moradora de Guarapuava. Entrevista realizada virtualmente no dia 5 de julho de 2022.

Entrevistado D: Antônio Albuquerque. Morador de Canoa Quebrada. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023.

Entrevistado E: Murilo Sousa. Morador de Aracati. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023.

Entrevistada F: Sara Rodrigues. Moradora de Aracati. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023.

Entrevistada G: Alícia Fernandes. Moradora de Aracati. Entrevista realizada no dia 13 de junho de 2023.

Entrevistada H: Ivone Rocha. Moradora de Aracati. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023.

Entrevistado I: Dário Benevides - Morador de Aracati. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023.

Entrevistado J: Carlos Marinho. Morador de Araçatuba 2022. Entrevista realizada virtualmente no dia 7 de julho de 2022.

Entrevistada K: Aline dos Reis. Moradora de Aracati. Entrevista realizada no dia 5 de maio de 2022.